

II

Texto latino e tradução

Liber Quartus

De rebus exprimendis

Sectio prima:

Praecipuae artis dicendi rationes

Argumentum. I. 1. Hoc opus nostrum quod inscribitur De doctrina Christiana, in duo quaedam fueram prima distributione partitus. Nam post proemium, quo respondi eis qui hoc fuerant reprehensuri: «Duae sunt res», inquam, «quibus nititur omnis tractatio Scripturarum; modus inveniendi quae intellegenda sunt, et modus proferendi quae intellecta sunt. De inveniendo prius, de proferendo postea disseremus». Quia ergo de inveniendo multa iam diximus, et tria de hac una parte volumina absolvimus, Domino adiuvante, de proferendo pauca dicemus, ut si fieri potuerit, uno libro cuncta claudamus totumque hoc opus quatuor voluminibus terminetur.

2. Primo itaque exspectionem legentium, qui forte me putant rhetorica daturum esse praecepta quae in scholis saecularibus et didici et docui, ista praelocutione cohibeo, atque ut a me non exspectentur, admoneo; non quod nihil habeant utilitatis, sed quod, si quid habent, seorsum discendum est, si cui fortassis bono viro etiam haec vacat discere, non autem a me vel in hoc opere, vel in aliquo alio requirendum.

Propositio prima. II. 3. Nam cum per artem rhetoricam et vera suadeantur et falsa, quis audeat dicere, adversus mendacium in defensoribus suis inermem debere consistere veritatem, ut videlicet illi qui res falsas persuadere conantur, noverint auditorem vel benevolum, vel intentum, vel docilem proemio facere; isti autem non noverint? Illi falsa breviter, aperte, verisimiliter; et isti vera sic narrent, ut audire taedeat, intelligere non pateat, credere postremo non libeat? Illi fallacibus argumentis veritatem oppugnent, asserant falsitatem; isti nec vera defendere, nec falsa valeant refutare? Illi animos audientium in errorem moventes impellentesque dicendo terreant, contristent, exhilarent, exhortentur ardentem; isti pro veritate, lenti frigidique dormitent? Quis ita desipiat, ut hoc sapiat? Cum ergo sit in medio posita facultas eloquii, quae ad persuadenda seu prava seu recta valet plurimum; cur non bonorum studio comparatur, ut militet veritati, si eam mali ad obtinendas perversas vanasque causas in usus iniquitatis et erroris usurpant?

Livro IV

O modo de dizer as coisas

Primeira secção:

As principais razões da arte de falar

Argumento: I. 1. Esta nossa obra que se intitula *De Doctrina Christiana*, na primeira distribuição, eu dividira-a em duas partes. Na verdade, depois do proémio, em que respondi àqueles que a haviam de censurar, eu disse: «são dois os argumentos sobre os quais se apoia todo o tratado das Escrituras: a maneira de encontrar as coisas que devem ser compreendidas e a maneira de expor as coisas que foram compreendidas. Nós falaremos primeiro da *inventio* e a seguir da *expositio*. Portanto, como já falámos muito da *inventio* e concluímos três rolos sobre esta única parte, diremos poucas coisas sobre a *expositio* auxiliados pelo Senhor; para que, se possível, encerremos tudo num só livro, e seja acabada toda esta obra em quatro rolos.

2. E assim, em primeiro lugar, com este preâmbulo, refreio a expectativa dos leitores que julguem que eu porventura tenha intenções de dar os princípios retóricos que não só aprendi como também ensinei nas escolas seculares, advirto a que não o esperem de mim, não porque nada tenham de utilidade, mas porque se eles têm alguma, devem ser aprendidos à parte, se um homem de bem talvez tiver tempo de os aprender, mas não devem ser requeridos, nem nesta obra, nem noutra.

Primeira proposição. II. 3. De facto, como pela arte retórica são persuadidas quer a verdade quer a falsidade, quem ousará dizer que a verdade desarmada em face de mentira deve apresentar os seus defensores, para que, evidentemente, aqueles que se esforçam em persuadir as coisas falsas, saibam fazer, no proémio, um ouvinte benévolo, atento ou dócil, mas os defensores da verdade não saibam? Que aqueles narrem com concisão, clareza e verosimilhança as coisas falsas, e estes narrem as verdadeiras de tal modo que, seja fastidioso ouvir, impossível compreender e, finalmente, ingrato a acreditar? Que aqueles, com argumentos impostores ataquem a verdade, defendam a falsidade; estes não possam defender a verdade nem refutar a falsidade? Que aqueles ao falar, movendo e impelindo o espírito dos ouvintes para o erro, aterrorizam-nos, entristecem-nos, animam-nos e exortam-nos ardorosamente, estes adormeçam indiferentes e lânguidos na defesa da verdade? Quem destituído de bom senso que não compreenda isto? Portanto, como a faculdade da eloquência se situa entre dois extremos, já que ela tem muito poder em persuadir quer o mal quer o bem, porquê razão não é adquirida pelo esforço dos bons, para que lute pela verdade, se os maus a utilizam para obter as causas perversas e fúteis ao serviço da iniquidade e do erro?

Propositio secunda. III. 4. Sed quaecumque sunt de hac re observationes atque praecepta, quibus cum accedit in verbis plurimis ornamentisque verborum exercitioris linguae solertissima consuetudo, fit illa quae facundia vel eloquentia nominatur; extra istas litteras nostras, seposito ad hoc congruo temporis spatio, apta et convenienti aetate discenda sunt eis qui hoc celeriter possunt. Nam et ipsos Romanae principes eloquentiae non piguit dicere quod hanc artem nisi quis cito possit, nunquam omnino possit perdiscere (*Cicero, de Oratore*). Quod utrum verum sit, quid opus est quaerere? Non enim, etiam si possint haec a tardioribus tandem aliquando perdisci, nos ea tanti pendimus ut eis discendis iam maturas vel etiam graves hominum aetates velimus impendi. Satis est ut adolescentulorum ista sit cura; nec ipsorum omnium quos utilitati ecclesiasticae cupimus erudiri, sed eorum quos nondum magis urgens, et huic rei sine dubio praeponenda necessitas occupavit. Quoniam si acutum et fervens adsit ingenium, facilius adhaeret eloquentia legentibus et audientibus eloquentes, quam eloquentiae praecepta sectantibus. Nec desunt ecclesiasticae litterae, etiam praeter canonem in auctoritatis arce salubriter collocatum, quas legendo homo capax, etsi id non agat, sed tantummodo rebus quae ibi dicuntur intentus sit, etiam eloquio quo dicuntur, dum in his versatur, imbuitur; accedente vel maxime exercitatione sive scribendi, sive dictandi, postremo etiam dicendi, quae secundum pietatis ac fidei regulam sentit. Si autem tale desit ingenium, nec illa rhetorica praecepta capiuntur; nec, si magno labore inculcata quantulumcumque ex parte capiantur, aliquid prosunt. Quandoquidem etiam ipsi qui ea didicerunt et copiose ornatèque dicunt, non omnes ut secundum ipsa dicant, possunt ea cogitare cum dicunt, si non de his disputant. Immo vero vix ullos eorum esse existimo qui utrumque possint, et dicere bene, et ad hoc faciendum praecepta illa dicendi cogitare cum dicunt. Cavendum est enim ne fugiant ex animo quae dicenda sunt, dum attenditur ut arte dicantur. Et tamen in sermonibus atque dictionibus eloquentium impleta reperiuntur praecepta eloquentiae, de quibus illi ut eloquerentur vel cum eloquerentur, non cogitaverunt, sive illa didicissent, sive ne attigissent quidem. Implent quippe illa, quia eloquentes sunt, non adhibent ut sint eloquentes.

Segunda Proposição. III. 4. Mas quaisquer que sejam os princípios e preceitos desta arte a eles se associa, quando o engenhosíssimo uso de uma língua bem exercitada na abundância do vocabulário das palavras, no ornato forma-se aquilo que se denomina facúndia ou eloquência; fora desta nossa obra, reservando para isso um espaço de tempo conveniente, em idade própria e adequada, devem aprendê-los aqueles que o podem fazer depressa. Na verdade, os próprios princípios da eloquência romana não tiveram pego em dizer que se alguém não pode aprender esta arte e, mais facilmente, jamais a poderá aprender perfeitamente (Cícero, *De Oratore*). Que importa procurar saber se isto é verdade? Pois, mesmo se os mais lentos de espírito pudessem finalmente aprender estas coisas, nós não lhes damos tanta importância, que queiramos que se apliquem a aprendê-las, os homens em idade madura e carregados de anos. É suficiente que este cuidado seja dos adolescentes e de entre estes, nem todos os que desejamos que sejam instruídos para o benemérito da Igreja, mas dos que uma necessidade mais urgente e indubitavelmente ainda não ocupou a antepor a esta. Porque se estamos em presença dum talento agudo e impetuoso, a eloquência penetra mais facilmente os que lêem e ouvem os oradores do que os que estudam os preceitos da eloquência. E não faltam escritos eclesiásticos, mesmo sem falar do cânone colocado salutarmente no ápice da autoridade, lendo um homem capaz, embora sem o pretender, mas somente estando atento às coisas que aí são ditas nos assuntos, imbuí-se do estilo com que são ditas, enquanto mergulha nelas e aplica ainda mais por acréscimo com o exercício de escrever, de ditar e, por fim, também de dizer o que é conforme à regra da fé e da piedade. Mas se falta tal talento, nem sequer se aprendem os preceitos retóricos; e não são úteis a ninguém, se são inculcados graças a um esforço e aprendidos numa pequena parte. Pois que também estes mesmos que os aprenderam e que os falam abundante e elegantemente, nem todos os podem pensar, quando falam, para falarem segundo estes mesmos princípios, se não discursam sobre eles: mais ainda, eu julgo que são apenas alguns os que são capazes de fazer ambas as coisas: falar bem e, para o fazer, pensar nos preceitos da eloquência quando falam. Com efeito, deve se ter cuidado para que não fujam do espírito as coisas que devem ser ditas, enquanto se presta atenção a que sejam ditas com arte. Há, portanto, nas conversações e nos discursos dos oradores, as regras da eloquência cumpridas, não tendo eles pensado nelas para falarem, ou quando falavam quer as tivessem aprendido, quer nem sequer as tivessem abordado. Eles cumprem-nas porque são eloquentes; não as empregam, para serem eloquentes.

5. Quapropter, cum ex infantibus loquentes non fiant, nisi locutiones discendo loquentium, cur eloquentes fieri non possint, nulla eloquendi arte tradita, sed elocutiones eloquentium legendo et audiendo, et quantum assequi conceditur, imitando? Quid, quod ita fieri ipsis quoque experimur exemplis? Nam sine praeceptis rhetoricis novimus plurimos eloquentiores plurimis qui illa didicerunt ; sine lectis vero et auditis eloquentium disputationibus vel dictionibus, neminem. Nam neque ipsa arte grammatica, qua discitur locutionis integritas, indigerent pueri, si eis inter homines, qui integre loquerentur, crescere daretur et vivere. Nescientes quippe ulla nomina vitiorum, quidquid vitiosum cuiusquam ore loquentis audirent, sana sua consuetudine reprehenderent et caverent ; sicut rusticos urbani reprehendunt, etiam qui litteras nesciunt.

Propositio tertia. IV. 6. Debet igitur divinarum Scripturarum tractator et doctor, defensor rectae fidei ac debellator erroris, et bona docere, et mala dedocere; atque in hoc opere sermonis conciliare aversos, remissos erigere, nescientibus quid agatur quid exspectare debeant intimare. Ubi autem benevolos, intentos, dociles aut invenerit aut ipse fecerit, cetera peragenda sunt, sicut postulat causa. Si docendi sunt qui audiunt, narratione faciendum est, si tamen indigeat, ut res de qua agitur innotescat. Ut autem quae dubia sunt certa fiant, documentis adhibitis ratiocinandum est. Si vero qui audiunt movendi sunt potius quam docendi, ut in eo quod iam sciunt agendo non torpeant et rebus assensum quas veras esse fatentur accomodent, maioribus dicendi viribus opus est. Ibi obsecrationes et increpationes, concitationes et coercitiones et quaecumque alia valent ad commovendos animos, sunt necessaria.

7. Et haec quidem cuncta quae dixi, omnes fere homines in iis quae eloquendo agunt, facere non quiescunt.

5. Por esta razão, como os falantes não se fazem desde a infância, senão aprendendo as expressões dos que falam, por que motivo não se podem fazer eloquentes, sem a transmissão de nenhuma arte da eloquência, mas tendo ouvido tanto quanto é permitido consegui-lo, imitando os discursos dos eloquentes? Como é assim! O que é que experimentamos nós também pelos próprios exemplos? Na verdade, nós conhecemos um grande número dos que sem princípios retóricos são mais eloquentes do que um grande número de pessoas que os aprendeu; mas pelo contrário, nós não conhecemos ninguém sem ler e ouvir os debates e discursos. Com efeito, nem da própria arte da gramática em que se aprende a correção da língua, teriam necessidade as crianças, se se lhes permitisse crescer e viver entre os homens que falam com correção. Certamente, ignorando algumas palavras defeituosas, que ouvissem da boca de qualquer falante, repreendê-la-iam e a evitariam de acordo com o seu costume correcto, assim como os da cidade, mesmo os analfabetos repreendem os do campo.

Terceira proposição. IV. 6. Portanto, o exegeta e o mestre das Divinas Escrituras deve ser defensor da recta fé e combater o erro, e deve ensinar o bem e fazer desaprender o mal; e nesta obra do sermão deve conciliar os inimigos, despertar os frouxos, declarar aos ignorantes o que se faz e o que devem esperar. Mas quando tiver encontrado ou tornado os ouvintes benévolos, atentos e dóceis, o resto deve ser concluído, conforme exige a causa. Se os que ouvem devem ser instruídos, deve fazer-se por uma narrativa, mas só se for necessário, para que o assunto de que trata se torne conhecido. Mas para que as coisas que são duvidosas se tornem certas, deve-se argumentar apresentando provas. Mas se os que ouvem, devem ser movidos mais do que serem instruídos, para que naquilo que já sabem, não demorem a fazê-lo, e dêem assentimento àquilo que confessam ser verdadeiro, é necessário que as forças do discurso sejam maiores. Aí, são necessárias súplicas e admoestações, incitamentos e reprimendas, e quaisquer outros meios que são capazes de impressionar os espíritos.

7. E na verdade, isto tudo que eu disse, quase todos não cessam de o fazer nas causas em que intervêm discursando.

Propositio quarta. V. Sed cum alii faciant obtunse, deformiter, frigide ; alii acute, ornate, vehementer; illum ad hoc opus unde agimos, iam oportet accedere, qui potest disputare vel dicere sapienter, etiamsi non potest eloquenter, ut prosit audientibus, etiamsi minus, quam prodesset, si et eloquenter posset dicere. Qui vero affluit insipienti eloquentia, tanto magis cavendus est, quanto magis ab eo in iis quae audire inutile est, delectatur auditor, et eum quoniam diserte dicere audit, etiam vere dicere existimat. Haec autem sententia nec illos fugit, qui artem rhetoricam docendam putarunt: fassi sunt enim sapientiam sine eloquentia parum prodesse civitatibus; eloquentiam vero sine sapientia nimium obesse plerumque, prodesse nunquam (*Cicero, lib. 1 De Inventione*). Si ergo hoc illi, qui praecepta eloquentiae tradiderunt, in eisdem libris in quibus id egerunt, veritate instigante coacti sunt confiteri, veram, hoc est, supernam quae a Patre luminum descendit sapientiam nescientes; quanto magis nos non aliud sentire debemus, qui huius sapientiae filii et ministri sumus? Sapienter autem dicit homo tanto magis vel minus, quanto in Scripturis sanctis magis minusve profecit. Non dico in eis multum legendis memoriaeque mandandis, sed bene intellegendis, et diligenter earum sensibus indagandis. Sunt enim qui eas legunt, et negligunt; legunt ut teneant, negligunt ne intelligant. Quibus longe sine dubio praeferendi sunt qui verba earum minus tenent, et cor earum sui cordis oculis vident. Sed utrisque ille melior, qui et cum volet eas dicit, et sicut oportet intelligit.

8. Huic ergo qui sapienter debet dicere, etiam quod non potest eloquenter, verba Scripturarum tenere maxime necessarium est. Quanto enim se pauperiorem cernit in suis, tanto eum oportet in istis esse ditiozem ; ut quod dixerit suis verbis, probet ex illis; et qui propriis verbis minor erat, magnorum testimonio quodammodo crescat. Probando enim delectat, qui minus potest delectare dicendo. Porro qui non solum sapienter, verum etiam eloquenter vult dicere, quoniam profecto plus proderit, si utrumque potuerit, ad legendos vel audiendos et exercitatione imitandos eloquentes eum mitto libentius, quam magistris artis rhetoricae vacare praecipio; si tamen ii qui leguntur et audiuntur, non solum eloquenter, sed etiam sapienter dixisse vel dicere veraci praedicatione laudantur. Qui enim eloquenter dicunt, suaviter; qui sapienter, salubriter audiuntur. Propter quod non ait Scriptura: Multitudo eloquentium ; sed: «Multitudo sapientium sanitas est orbis terrarum» (*Sap. VI, 26*). Sicut autem saepe sumenda sunt et amara salubria, ita semper vitanda est pernicioza dulcedo. Sed salubri suavitate vel suavi salubritate quid melius? Quanto enim magis illic appetitur suavitas, tanto facilius salubritas prodest. Sunt ergo ecclesiastici viri qui divina eloquia non solum sapienter, sed eloquenter etiam tractaverunt: quibus legendis magis non sufficit tempus quam deesse ipsi studentibus et vacantibus possunt.

Quarta proposição. V. Mas como uns o fazem obtusa, disforme e frouxamente, outros fazem-no de forma engenhosa, elegante e veemente, é necessário acrescentar, já que quem pode disputar ou falar sabiamente, embora não possa de forma eloquente, se aplique a este trabalho de que tratámos, para que seja útil aos ouvintes, embora seja menos útil do que seria, se também pudesse falar eloquentemente. Mas na verdade, quem transborda de uma eloquência desassisada, tanto mais deve ser evitado, quanto mais o ouvinte fica maravilhado com aquilo que é inútil ouvi-lo dizer, e porque o ouve falar com eloquência, também o julga falar com verdade. Estas observações porém, não escaparam aos que julgaram que a arte retórica deve ser ensinada: pois eles confessaram que a sabedoria sem eloquência é pouco útil às cidades; ao passo que a eloquência sem sabedoria quase sempre as prejudica demasiadamente e nunca é útil (Cícero, Lib. 1 *De Inventione*). Portanto, se aqueles que transmitiram os princípios da eloquência, nos mesmos livros em que o fizeram foram levados por instigação da verdade, a confessá-lo, embora ignorando a verdadeira sabedoria, isto é, a celestial que desce do Pai das luzes, quanto mais nós não devemos sentir doutro modo, nós que somos filhos e ministros desta sabedoria? Contudo, o homem, tanto mais ou menos sabiamente fala, quanto mais ou menos progrediu nas Sagradas Escrituras. Eu não falo de as ler muito e de as decorar, mas falo de as compreender bem e de lhes descobrir diligentemente os seus sentidos. Há, pois, quem as leia e as despreze; lêem-nas para que as decorem, desprezam-nas para que não as compreendam. Estes devem ser preferidos de longe, àqueles que retêm menos as suas palavras e vêm o coração das Escrituras com os olhos do seu coração. Mas quem não só as recita quando quer, mas também as compreende, como é necessário, esse é melhor do que uns e outros.

8. Portanto, quem deve falar sabiamente, mesmo que não seja capaz de falar eloquentemente, é maximamente necessário que retenha as palavras das Escrituras. Pois quanto mais pobre se reconhecer nas suas, tanto mais rico é necessário que seja mais nas delas. Para que o que disser com as suas palavras, o prove, a partir delas; e quem era mais pequeno nas próprias palavras, cresça de algum modo pelo testemunho das grandes palavras das Escrituras. Pois agrada provando, quem pode agradar menos falando. De facto, quem quiser falar não só sabiamente, mas também eloquentemente, porque será na verdade, mais útil, se puder uma e outra coisa, eu deixo-o de bom grado ir ler ou ouvir e imitar os oradores pelo exercício, em vez de lhe recomendar que se dedique aos mestres da arte retórica: mas apenas se os que são lidos e ouvidos são louvados com verdadeiro pregão público por terem falado ou por falarem não só eloquentemente, mas também sabiamente. Pois, os que falam eloquentemente são ouvidos com encanto; os que falam sabiamente são ouvidos salutarmente. É, por isso que a Escritura não diz: a multidão dos oradores, mas «a multidão dos sábios é a saúde do universo» (*Sap.* VI, 26). Mas assim como muitas vezes amargos salutareos devem ser tomados para a saúde, assim também deve ser sempre evitada a doçura perigosa. Porém, o que há de melhor do que a suavidade salutar ou a salubridade suave? Com efeito, quanto mais se procura a suavidade, tanto mais facilmente é proveitosa a salubridade. Portanto, os homens da Igreja são homens que comentaram as divinas palavras não só sabiamente, mas também eloquentemente: o tempo não é mais suficiente para os ler mais do que eles mesmos podem faltar aos que se dedicam ao seu estudo.

Propositio quinta. VI. 9. Hic aliquis forsitan quaerit utrum auctores nostri, quorum scripta divinitus inspirata canonem nobis saluberrima auctoritate fecerunt, sapientes tantummodo an eloquentes etiam nuncupandi sint. Quae quidem quaestio apud me ipsum et apud eos qui mecum quod dico sentiunt, facillime solvitur. Nam ubi eos intelligo, non solum nihil eis sapientius, verum etiam nihil eloquentius mihi videri potest. Et audeo dicere omnes qui recte intelligunt quod illi loquuntur, simul intelligere non eos aliter loqui debuisse. Sicut est enim quaedam eloquentia quae magis aetatem iuvenilem decet, est quae senilem; nec iam dicenda est eloquentia si personae non congruat eloquentis: ita est quaedam, quae viros summa auctoritate dignissimos planeque divinos decet. Haec illi locuti sunt, nec ipsos decet alia nec alios ipsa: ipsis enim congruit; alios autem, quanto videtur humilior, tanto altius non ventositate, sed soliditate transcendit. Ubi vero non eos intelligo, minus quidem mihi apparet eorum eloquentia, sed eam tamen non dubito esse talem, qualis est ubi intelligo. Ipsa quoque obscuritas divinorum salubriumque dictorum tali eloquentiae miscenda fuerat, in qua proficere noster intellectus, non solum inventionem, verum etiam exercitationem deberet.

10. Possem quidem, si vacaret, omnes virtutes et ornamenta eloquentiae, de quibus inflantur isti, qui linguam suam nostrorum auctorum linguae non magnitudine, sed tumore praeponunt, ostendere in istorum Litteris sacris, quos nobis erudiendis, et ab hoc saeculo pravo in beatum saeculum transferendis, providentia divina providit. Sed non ipsa me plus quam dici potest, in illa eloquentia delectant, quae sunt his viris cum oratoribus Gentilium poetisque communia: illud magis admiror et stupeo, quod ista nostra eloquentia ita usi sunt per alteram quamdam eloquentiam suam, ut nec deesset eis nec emineret in eis: quia eam nec improbari ab illis, nec ostentari oportebat; quorum alterum fieret si vitaretur; alterum putari posset si facile agnosceretur. Et in quibus forte locis agnoscitur a doctis, tales res dicuntur, ut verba quibus dicuntur, non a dicente adhibita, sed ipsis rebus velut sponte subiuncta videantur: quasi sapientiam de domo sua, id est, pectore sapientis intelligas procedere et tanquam inseparabilem famulam etiam non vocatam sequi eloquentiam.

Quinta Proposição. VI. 9. Aqui talvez alguém pergunte se os nossos autores cujas Escrituras divinamente inspiradas constituíram para nós um cânon, com uma autoridade tão salutar, se devem chamar somente sábios ou também eloquentes. Mas esta questão, para mim e para os que concordam com o que eu digo, resolve-se facilmente. Na verdade, onde os compreendo, não só nada me pode parecer mais sábio, mas também nada de mais eloquente. E eu ousou dizer: todos os que compreendem rectamente o que eles dizem, compreendem ao mesmo tempo que eles não deviam falar de outra maneira. Assim como na verdade há uma eloquência que mais convém à juventude, uma que convém à idade avançada, e não deve ser já chamada eloquência, se não estiver de acordo com a personalidade do orador, assim também há uma eloquência que é própria de homens de autoridade soberana, digníssimos e claramente divinos. Com esta eloquência falaram, e não lhes convém outra, como ela própria não convém a outros, pois ela condiz com eles, mas transcende os outros, tanto mais alto, não em frivolidade, quanto mais humilde parece em firmeza. Mas onde não os compreendo, a sua eloquência, na verdade, parece-me menos evidente, mas não duvido que é tal qual como a compreendo. Do mesmo modo, a própria obscuridade das palavras divinas e salutareas devia ser misturada com uma tal eloquência, em que o nosso intelecto deveria fazer progresso não só com a *inventio*, mas também com o exercício.

10. Na verdade, eu poderia, se tivesse vagar, indicar nos escritos sagrados daqueles que a divina Providência proveu para nos instruir e nos trasladar deste mundo depravado para o mundo da bem-aventurança, todas as virtudes e ornamentos da eloquência, de que se orgulham esses que antepõem à língua dos nossos autores não devido à sua grandeza, mas ao seu estilo empolado. Mas o que me apraz nesta eloquência, mais do que é possível dizer-se, não é o que nestes homens há em comum com os oradores ou com os poetas pagãos. O que mais me admira e espanta é que usaram dessa nossa eloquência, por meio de uma outra eloquência, a sua, de tal modo que não lhes faltasse, nem sobressaísse neles, porque não devia ser rejeitada por eles, nem ser ostentada; se fosse rejeitada, havia de lhes fazer falta; se se reconhecesse facilmente, poder-se-ia pensar que era ostentação. E nas passagens em que é porventura reconhecida pelos instruídos, tais são as ideias expressas que as palavras que as exprimem, não parecem apresentadas pelo orador, mas como que acrescentadas espontaneamente às próprias ideias; é como se visse a sapiência a sair da sua casa, isto é, do coração do sábio, e sua eloquência, inseparável serva a segui-la, ainda que não convocada.

Sectio secunda:

Inspectio artis dicendi in Scriptura

Exemplum primum. VII. 11. Quis enim non videat quid voluerit dicere et quam sapienter dixerit Apostolus: «*Gloriamur in tribulationibus, scientes quia tribulatio patientiam operatur, patientia autem probationem, probatio vero spem, spes autem non confundit; quia caritas Dei diffusa est in cordibus nostris per Spiritum Sanctum qui datus est nobis?*» (Rom V, 3-5) Hic si quis, ut ita dixerim, imperite peritus, artis eloquentiae praecepta Apostolum secutum fuisse contendat, nonne a Christianis doctis indoctisque ridebitur? Et tamen agnoscitur hic figura, quae κλίμαξ graece, latine vero a quibusdam est appellata gradatio, quoniam scalam dicere noluerunt, cum verba vel sensa connectuntur alterum ex altero; sicut hic, ex tribulatione patientiam, ex patientia probationem, ex probatione spem connexam videmus. Agnoscitur et aliud decus, quoniam post aliqua pronuntiationis voce singula finita, quae nostri membra et caesa, Graeci autem κόλα et κόμματα vocant, sequitur ambitus sive circuitus, quem περίοδον illi appellant, cuius membra suspenduntur voce dicentis, donec ultimo finiatur. Nam eorum quae praecedunt circuitum, membrum illud est primum, «quoniam tribulatio patientiam operatur»; secundum «patientia autem probationem»; tertium, «probatio vero spem». Deinde subiungitur ipse circuitus, qui tribus peragitur membris, quorum primum est: «spes autem non confundit»; secundum: quia caritas Dei diffusa est in cordibus nostris»; tertium, «per Spiritum Sanctum qui datus est nobis». At haec atque huiuscemodi in elocutionis arte traduntur. Sicut ergo Apostolum praecepta eloquentiae secutum fuisse non dicimus, ita quod eius sapientiam secuta sit eloquentia, non negamus.

Segunda secção:

Um exame da arte retórica nas Escrituras

Primeiro exemplo. VII. 11. Com efeito, quem não vê o que o apóstolo quis dizer e que o disse tão sabiamente, quando afirma: «gloriamo-nos nas tribulações, sabendo que a tribulação produz a paciência, a paciência a provação, e a provação a esperança; e a esperança não engana, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado»? (Rm 5, 3-5). Aqui, se alguém ignorantemente sábio, por assim dizer, sustentar que o apóstolo seguiu os princípios da arte da eloquência, porventura não se rirão dele os cristãos doutos e não doutos? E contudo, reconhece-se aqui uma figura que em grego se chama κλίμαξ e que em latim alguns chamam *gradatio* (gradação), porque não lhe quiseram chamar *scala*, quando as palavras ou os sentidos se encadeiam uns nos outros; assim aqui, com tribulação, vemos encadear-se a paciência, com paciência, a provação, com provação, a esperança. Reconhece-se ainda outro ornamento, porque, depois de terminadas algumas partes da frase, com a interrupção da pronúncia em cada palavra, ao que os nossos (os latinos) chamam membros e segmentos, e os Gregos chamam κόλα e κόματα, segue-se um período ou frase a que os gregos chamam περίοδον, cujos membros são mantidos em suspenso pela voz de quem fala, até que se termina no último. Na verdade, dos membros que precedem o período, o primeiro é «porque a tribulação produz a paciência», o segundo é «a paciência a provação», o terceiro é «e a provação a esperança». Depois, junta-se a frase que se realiza inteiramente em três membros, dos quais o primeiro é «e a esperança não engana», o segundo é «porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações», o terceiro é «pelo Espírito Santo que nos foi dado». Estes princípios e outros do mesmo género ensinam-se na retórica. Portanto, assim como nós não afirmamos que o Apóstolo seguiu os princípios da retórica, assim também não negamos que a retórica tenha seguido a sua sabedoria.

Exemplum secundum. 12. Scribens ad Corinthios, in secunda Epistola redarguit quosdam qui erant ex Iudaeis pseudapostoli eique detrahebant. Et quoniam se ipsum praedicare compellitur, hanc sibi velut insipientiam tribuens quam sapienter dicit quamque eloquenter? Sed comes sapientiae, dux eloquentiae; illam sequens, istam praecedens et sequentem non respuens. «*Iterum dico*», inquit, «*ne quis me existimet insipientem esse; alioquin velut insipientem suscipite me, ut et ego modicum quid glorier. Quod loquor, non loquor secundum Deum, sed quasi in stultitia, in hac substantia gloriae. Quoniam quidem multi gloriantur secundum carnem, et ego gloriabor. Libenter enim sustinetis insipientes, cum sitis sapientes. Toleratis enim si quis vos in servitutem redigit, si quis devorat, si quis accipit, si quis extollitur, si quis in faciem vos caedit. Secundum ignobilitatem dico, quasi nos infirmati simus. In quo autem quis audet (in insipientia dico), audeo et ego. Hebraei sunt? Et ego. Israelitae sunt? Et ego. Semen Abrahae sunt? Et ego. Ministri Christi sunt? (insipiens dico) super ego. In laboribus plurimum, in carceribus abundantius, in plagis supra modum, in mortibus saepius. A Iudaeis quinquies quadraginta una minus accepi. Ter virgis caesus sum, semel lapidatus sum, ter naufragium feci; nocte et die in profundo maris fui; in itineribus saepe, periculis fluminum, periculis latronum, periculis ex genere, periculis ex gentibus, periculis in civitate, periculis in deserto, periculis in mari, periculis in falsis fratribus; in labore et aerumna, in vigiliis saepius, in fame et siti, in ieiuniis saepius, in frigore et nuditate; praeter illa quae extrinsecus sunt, incursus in me quotidianus, sollicitudo omnium Ecclesiarum. Quis infirmatur, et ego non infirmor? Quis scandalizatur, et ego non uror? Si gloriari oportet, in his quae infirmitatis meae sunt, gloriabor» (II Cor. XI, 16-30). Quanta sapientia ista sint dicta vigilantes vident, quanto vero etiam eloquentiae concurrerint flumine, et qui stertit advertit.*

Segundo exemplo. 12. Escrevendo aos Coríntios, na Segunda Epístola, contestou alguns que eram pseudo-apóstolos provenientes do Judaísmo que o caluniavam: e porque é obrigado a elogiar-se a si mesmo, atribuindo-o a si como uma tolice, com quanta sabedoria e com quanta eloquência o faz? Mas companheiro da sabedoria, guia da eloquência; seguindo aquela, precedendo esta e não rejeitando que ela o siga, diz: «outra vez o digo, para que ninguém me julgue ser tolo; ou ao menos, suportai-me como tolo, para que também eu me glorie um pouco. O que digo, relativamente a esta matéria de glória, não o digo segundo Deus, mas como se eu estivesse em estado de loucura. Visto que, na verdade, muitos se gloriam segundo a carne, também eu me gloriarei. Porque vós, sendo sensatos, suportais de bom grado os insensatos. Tolerais, com efeito, se alguém vos reduz à escravidão, se alguém vos devora, se alguém vos rouba, se alguém se exalta, se alguém vos dá na cara. Digo-o para minha vergonha, como se tivéssemos sido fracos. Mas daquilo de que alguém ousa gloriar-se – digo-o como louco – ousou também eu. São Hebreus? Também eu. São Israelitas? Também eu. São da estirpe de Abraão? Também eu. São Ministros de Cristo? (digo-o como insensato) mais sou eu. Muitíssimo nos trabalhos, mais nos encarceramentos, nos açoites para lá da medida, mais frequentemente em perigos de morte. Dos Judeus, por cinco vezes, recebi quarenta açoites menos um. Três vezes fui açoitado com varas, uma vez fui apedrejado, três vezes naufraguei, uma noite e um dia passei no abismo do mar; muitas vezes em viagens, entre perigos de rios, perigos de ladrões, perigos dos da minha nação, perigos dos gentios, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, perigos dos falsos irmãos, no trabalho e na fadiga, mais frequentemente nas vigílias, na fome e na sede, mais frequentemente nos jejuns, no frio e na nudez, além daquelas coisas que são exteriores, a preocupação diária em mim, a solicitude de todas as Igrejas. Quem é fraco sem que eu não o seja? Quem se escandaliza sem que eu não seja abrasado? Se é preciso que eu me glorie, gloriar-me-ei das coisas que são da minha fraqueza» (2 Cor. 11, 16 - 30). Com quanta sabedoria são ditas estas palavras, vêem-no os que estão despertos. Mas também com que caudal de eloquência confluem, nota-o mesmo quem dorme profundamente.

13. Porro autem qui novit, agnoscit quod ea caesa quae κόμματα Graeci vocant, et membra, et circuitus, de quibus paulo ante disserui, cum decentissima varietate interponerentur, totam istam speciem dictionis, et quasi eius vultum, quo etiam indocti delectantur moventurque, fecerunt. Nam unde coepimus hunc locum inserere, circuitus sunt: primus minimus, hoc est bimembris; minus enim quam duo membra circuitus habere non possunt, plura vero possunt: ergo ille primus est: «*Iterum dico, ne quis me existimet insipientem esse*». Sequitur alius trimembris «*Alioquin velut insipientem suscipite me, ut et ego modicum quid glorier*». Tertius qui sequitur membra habet quatuor, «*Quod loquor, non loquor secundum Deum, sed quasi in stultitia, in hac substantia gloriae*». Quartus duo habet «*Quoniam quidem multi gloriantur secundum carnem, et ego gloriabor*». Et quintus duo «*Libenter enim sustinetis insipientes, cum sitis sapientes*. Etiam sextus bimembris est «*Toleratis enim si quis vos in servitute redigit*». Sequuntur tria caesa, «*Si quis devorat, si quis accipit, si quis extollitur*». Deinde tria membra «*Si quis in faciem vos caedit, secundum ignobilitatem dico, quasi nos infirmati simus*». Additur trimembris circuitus, «*In quo autem quis audet (in insipientia dico), audeo et ego*». Hinc iam singulis quibusque caesis interrogando positus singula itidem caesa responsione redduntur, tria tribus «*Hebraei sunt? Et ego. Israelitae sunt? Et ego. Semen Abrahae sunt? Et ego*». Quarto autem caeso simili interrogationeposito, non alterius caesi, sed membri oppositione respondet, «*Ministri Christi sunt? (insipiens dico) super ego*». Iam caesa quatuor sequentia, remota decentissime interrogatione funduntur «*In laboribus plurimum, in carceribus abundantius, in plagis supra modum, in mortibus saepius*». Deinde interponitur brevis circuitus, quoniam suspensa pronuntiatione distinguendum est, «*A Iudaeis quinquies*», ut hoc sit unum membrum, cui connectitur alterum, «*quadraginta una minus accepi*». Inde reditur ad caesa et ponuntur, tria «*Ter virgis caesus sum, semel lapidatus sum, ter naufragium feci*». Sequitur membrum «*Nocte et die in profundo maris fui*». Deinde quatuordecim caesa decentissimo impetu profluunt, «*In itineribus saepe, periculis fluminum, periculis latronum, periculis ex genere, periculis ex gentibus, periculis in civitate, periculis in deserto, periculis in mari, periculis in falsis fratribus: in labore et aerumna, in vigiliis saepius, in fame et siti, in ieiuniis saepius, in frigore et nuditate*». Post haec interponit trimembrem circuitum, «*Praeter illa quae extrinsecus sunt, incursus in me quotidianus, sollicitudo omnium Ecclesiarum*». Et huic duo membra percontatione subiungit, «*Quis infirmatur, et ego non infirmor? Quis scandalizatur, et ego non uror?*» Postremo totus iste quasi anhelans locus bimbrem circuitu terminatur, «*Si gloriari oportet, in his quae infirmitatis meae sunt gloriabor*». Quod vero post hunc impetum interposita narratiuncula quodammodo requiescit et requiescere auditorem facit, quid decoris, quid delectationis habeat, satis dici non potest.

13. Mas quem conhece um pouco mais, reconhece que estes segmentos de frase, a que os gregos chamam κόμματα , os membros e os períodos, sobre os quais falei um pouco antes, intercalando – se em harmoniosíssima variedade, fizeram toda esta beleza do discurso, e como que o seu semblante, com o que mesmo os ignorantes se deleitam e se impressionam. Na verdade, a partir do ponto em que começámos a citar este passo os períodos são: o primeiro, o menor, é de dois membros; pois os períodos não podem ter menos do que dois membros, mas podem ter vários: o primeiro é, pois, «outra vez o digo, para que ninguém me julgue ser tolo». Segue-se outro período de três membros: «ao menos, suportai-me como tolo, para que também eu me glorie um pouco». O terceiro que segue tem quatro membros: «O que digo, relativamente a esta matéria de glória, não o digo segundo Deus, mas como se eu estivesse em estado de loucura». O quarto tem dois membros: «Visto que, na verdade, muitos se gloriam segundo a carne, também eu me gloriarei». O quinto tem dois: «Porque vós, sendo sensatos, suportais de bom grado os insensatos». Também o sexto é bímembre: «Tolerais, com efeito, se alguém vos reduz à escravidão». Seguem – se três segmentos: «se alguém vos devora, se alguém vos rouba, se alguém se exalta». Em seguida, três membros: «se alguém vos dá na cara, eu digo-o para minha vergonha, como se tivéssemos sido fracos». Acrescenta-se um período de três membros: «Mas daquilo de que alguém ousa gloriarse – digo-o como louco – ousa também eu». A partir daqui, apresentado já cada um dos segmentos sob forma interrogativa, colocam-se do mesmo modo segmentos correspondentes, três para três, com a resposta: «São Hebreus? Também eu». São Israelitas? Também eu». Mas ao quarto segmento de frase, que faz uma pergunta semelhante, não responde opondo-lhe outro segmento, mas sim o membro: «são Ministros de Cristo? (digo-o como insensato) mais eu sou ». Já os quatro segmentos seguintes, eliminada com muita arte a interrogação, fundem-se numa unidade: «Muitíssimo nos trabalhos, mais nos encarceramentos, nos açoites para lá da medida, mais frequentemente em perigos de morte». Em seguida, intercala-se um breve período, porque deve ser distinguido pela suspensão da voz, «dos Judeus, por cinco vezes», de modo que isto constitua um membro ao qual se liga o outro: «recebi quarenta açoites menos um». Daí, regressa-se aos segmentos de frase e colocam-se três: «Três vezes fui açoitado com varas, uma vez fui apedrejado, três vezes naufraguei». Segue um membro: «Uma noite e um dia passei no abismo do mar». Depois, precipitam-se, em harmoniosíssima impetuosidade, catorze segmentos de frase: «Muitas vezes em viagens, entre perigos de rios, perigos de ladrões, perigos dos da minha nação, perigos dos gentios, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, perigos dos falsos irmãos: no trabalho e na fadiga, mais frequentemente nas vigílias, na fome e na sede, mais frequentemente nos jejuns, no frio e na nudez». Depois destes segmentos, intercala-se um período de três membros: «Além daquelas coisas que são exteriores, a preocupação diária em mim, a solicitude de todas as Igrejas». E a este período junta dois membros interrogativos: «Quem é fraco sem que eu não o seja? Quem se scandaliza sem que eu não seja abrasado?» Por fim, todo este passo como que ofegante, é terminado com um período de dois membros: «Se é preciso que eu me glorie, gloriarme-ei das coisas que são da minha fraqueza». Mas, que beleza, que encanto tem o facto de, após esta avalanche, inserindo uma curta narração, repousar, de certa maneira, e fazer repousar o ouvinte, não é possível dizê-lo satisfatoriamente.

Sequitur enim dicens, «Deus et Pater Domini nostri Iesu Christi scit, qui est benedictus in saecula, quia non mentior» (II Cor. XI, 31). Ac deinde quomodo periclitatus fuerit, et quomodo evaserit, brevissime narrat.

14. Longum est caetera persequi, vel in aliis sanctarum Scripturarum locis ista monstrare. Quid, si etiam figuras locutionis quae illa arte traduntur, in his saltem quae de Apostoli eloquio commemoravi, ostendere voluissem? Nonne facilius graves homines me nimium, quam quisquam studiosorum sibi sufficientem putarent? Haec omnia quando a magistris docentur, pro magno habentur, magno emuntur pretio, magna iactatione venduntur. Quam iactationem etiam ego redolere vereor, dum ista sic dissero. Sed male doctis hominibus respondendum fuit, qui nostros auctores contemnendos putant, non quia non habent, sed quia non ostentant, quam nimis isti diligunt, eloquentiam.

15. Sed forte quis putat, tanquam eloquentem nostrum elegisse me apostolum Paulum. Videtur enim ubi ait, «Etsi imperitus sermone, sed non scientia» (*Ibid.*, 6), quasi concedendo obtrektoribus sic locutus, non tanquam id verum agnosceret, confitendo. Si autem dixisset, «*Imperitus quidem sermone, sed non scientia, nullo modo aliud posset intelligi. Scientiam plane non cunctatus est profiteri, sine qua esse Doctor Gentium non valeret. Certe si quid eius proferimus ad exemplum eloquentiae, ex illis Epistolis utique proferimus, quas etiam ipsi obtrektatores eius, qui sermonem praesentis contemptibilem putari volebant, graves et fortes esse confessi sunt*» (*Ibid.* X, 10).

Exemplum tertium. Dicendum ergo mihi aliquid esse video et de eloquentia Prophetarum, ubi per tropologiam multa obteguntur. Quae quanto magis translatis verbis videntur operiri, tanto magis cum fuerint aperta dulcescunt. Sed hoc loco tale aliquid commemorare debeo, ubi quaedicta sunt non cogar exponere, sed commendem tantum quomodo dicta sint. Et ex illius Prophetae libro potissimum hoc faciam, qui se pastorem vel armentarium fuisse dicit atque inde divinitus ablatum atque missum, ut Dei populo prophetaret (*Amos VII, 14, 15*). Non autem secundum Septuaginta interpretes, qui etiam divino Spiritu interpretati, ob hoc aliter videntur nonnulla dixisse, ut ad spiritalem sensum scrutandum magis admoneretur lectoris intentio; unde etiam obscuriora nonnulla quia magis tropica, sunt eorum: sed sicut ex hebraeo in latinum eloquium presbytero Hieronymo utriusque linguae perito interpretante, translata sunt.

Prossegue, com efeito, dizendo: «O Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, que é bendito pelos séculos, sabe que não minto» (2 Cor. 11, 31). E em seguida, conta brevemente como correu graves perigos e como escapou.

14. Seria muito longo continuar a análise do resto, ou demonstrar isso mesmo em outros passos das Sagradas Escrituras. E se eu tivesse querido mostrar também as figuras de estilo, que são ensinadas na retórica, pelo menos nas palavras do Apóstolo que evoquei? Porventura os homens sérios não me julgariam muito mais facilmente excessivo do que um estudioso me consideraria suficiente? Todas estas coisas, quando são ensinadas pelos mestres, são tidas em grande conta, são adquiridas a grande preço, são vendidas com grande jactância. A tal jactância receio também tresandar, quando falo assim destas coisas. Mas eu devia responder aos homens mal instruídos, que pensam que os nossos autores são despiciendos, não porque não possuam, mas porque não ostentam aquela eloquência que estes estimam excessivamente.

15. Mas talvez alguém pense que escolhi o apóstolo Paulo, no propósito de ser o nosso modelo orador. Com efeito, quando diz: «embora inábil no discurso, mas não na ciência» (Ibid.6), parece ter falado como que fazendo uma concessão aos seus detractores, mas não declarando-o como se reconhecesse isso como verdadeiro. Mas se tivesse dito «eu sou na verdade inábil no discurso, mas não na ciência», de modo nenhum se poderia entender outra coisa. Ele não hesitou em proclamar abertamente a sua ciência, sem a qual não poderia ser o doutor dos Gentios. Certamente, se apresentamos alguma coisa dele, como modelo de eloquência, tiramo-lo principalmente das Cartas que os seus próprios detractores, que pretendiam considerar desprezível o discurso dele quando presente, proclamaram elevadas e veementes (Ibid. 10, 10).

Terceiro exemplo. Portanto, vejo que me parece bem dizer alguma coisa ainda sobre a eloquência dos Profetas, em que se ocultam muitas coisas sob a linguagem figurada. Estas quanto mais parecem encobertas com expressões metafóricas, tanto mais deliciosas se tornavam, quando fossem descobertas. Mas aqui, devo mencionar um texto em que eu não seja obrigado a expor o que é dito, mas apenas a valorizar a maneira como é dito. E fá-lo-ei, acima de tudo, a partir do livro daquele profeta, que diz ter sido pastor ou boieiro e daí foi levado e enviado por Deus para profetizar ao povo de Deus (Amós 7, 14-15). Mas não segundo os *Setenta*, os quais, traduzindo também sob a inspiração do Divino Espírito, por isso parece terem dito algumas coisas de outro modo, para que seja mais advertida a atenção do leitor a perscrutar o sentido espiritual; daí que algumas delas sejam ainda mais obscuras, porque são mais metafóricas. Seguirei a tradução do Hebraico para a língua latina pelo presbítero Jerónimo, perito em ambas as línguas.

16. Cum igitur argueret impios, superbos, luxuriosos et fraternae ideo negligentissimos caritatis, rusticus vel ex rustico iste Propheta exclamavit, dicens «Vae qui opulenti estis in Sion, et confiditis in monte Samariae, optimates capita populorum, ingredienti pompatice domum Israel! Transite in Chalanne, et videte, et ite inde in Emath magnam, et descendite in Geth Palaestinorum, et ad optima quaeque regna horum, si latior terminus eorum termino vestro est. Qui separati estis in die malum et appropinquatis solio iniquitatis. Qui dormitis in lectis eburneis, et lascivitis in stratis vestris : qui comeditis agnum de grege, et vitulos de medio armenti : qui canitis ad vocem Psalterii. Sicut David putaverunt se habere vasa cantici, bibentes in phialis vinum, et optimo unguento delibuti; et nihil patiebantur super contritione Ioseph» (*Amos VI, 1, 6*). Numquidnam isti, qui Prophetas nostros tamquam ineruditos et elocutionis ignaros veluti docti disertique contemnunt, si aliquid eis tale vel in tales dicendum fuisset, aliter se voluissent dicere, qui tamen eorum insanire nolissent?

17. Quid enim est quod isto eloquio aures sobriae plus desiderent? Prima ipsa invectio quasi sopitis sensibus ut evigilarent, quo fremitu illisa est? «*Vae vobis qui opulenti estis in Sion, et confiditis in monte Samariae, optimates capita populorum, ingredienti pompatice domum Israel!*». Deinde, ut beneficiis Dei, qui eis ampla spatia regni dedit, ostendat ingratos, quoniam confidebant in monte Samariae, ubi utique idola colebantur «*Transite*», inquit, «*in Chalanne et videte et ite inde in Emath magnam et descendite in Geth Palaestinorum et ad optima quaeque regna horum, si latior terminus eorum termino vestro est*». Simul etiam cum ista dicuntur, locorum nominibus tanquam luminibus ornatur eloquium, quae sunt Sion, Samaria, Chalanne, Emath magna et Geth Palaestinorum. Deinde verba quae his adiunguntur locis, decentissime variantur: «*Opulenti estis, confiditis, transite, ite, descendite*».

16. Portanto, uma vez que este profeta campônio ou filho de um camponês denunciava os ímpios, os soberbos, os voluptuosos e, por isso, os negligentíssimos da caridade fraterna, exclamou dizendo: «Ai de vós que sois ricos em Sião, e vós que confiais no monte da Samaria, nobres, chefes dos povos, vós os que entraís pomposamente na casa de Israel! Passai a Calane, e vede e ide daí para a grande Emath e descei para Geth dos Filisteus e para cada um dos seus mais belos reinos, vede se o seu território é mais vasto do que o vosso. Vós que estais reservados para o dia mau e vos aproximais do trono da iniquidade. Vós que dormis em leitos de marfim e vos dais à licenciosidade em vossos leitos: vós que comeis o cordeiro do rebanho e os novilhos da manada: vós que cantais ao som do saltério. Como David, eles julgavam que tinham os instrumentos do cântico, os que bebendo vinho em fíalas e unguindo-se com um óleo precioso: e não se compadeciam da aflição de José» (Amós 6, 1-6). Porventura estes que, como doutos e eloquentes, menosprezam os nossos profetas como rudes e desconhecedores da eloquência, se lhes tivessem de dizer algo de semelhante ou a pessoas semelhantes, teriam, os que de entre eles não querem disparatar, preferido falar de outro modo?

17. Com efeito, o que é que desejam mais os ouvidos sóbrios do que estas palavras? Em primeiro lugar, esta invectiva, com que frémito embate contra os sentidos adormentados para os fazer despertar? «Ai de vós que sois ricos em Sião, e vós que confiais no monte da Samaria, nobres, chefes dos povos, vós os que entraís pomposamente na casa de Israel!». Depois disto, para mostrar que são ingratos aos benefícios de Deus, que lhes deu os amplos espaços do seu reino, porque confiavam no monte da Samaria onde, de facto, praticavam o culto dos ídolos, disse: «Passai a Calane, e vede e daí ide para Emath, a grande, e descei para Geth dos Filisteus e para cada um dos seus mais belos reinos, vede se o seu território é mais vasto do que o vosso». E, ao mesmo tempo, são ditas estas coisas, o discurso ornamenta-se dos nomes dos lugares, como de centelhas, que são: Sião, Samaria, Calane, Emath, a grande e a Geth dos Filisteus. Depois, os verbos que se juntam a estes lugares variam com muita arte: «sois ricos, confiais, passai, ide, descei».

18. Consequenter denuntiatur futura sub iniquo rege appropinquare captivitas, cum adiungitur «*Qui separati estis in diem malum, et appropinquatis solio iniquitatis*». Tunc subiciuntur merita luxuriae «*Qui dormitis in lectis eburneis et lascivitis in stratis vestris : qui comeditis agnum de grege et vitulos de medio armenti*». Ista sex membra tres bimembres circuitus ediderunt. Non enim ait, Qui separati estis in diem malum, qui appropinquatis solio iniquitatis, qui dormitis in lectis eburneis, qui lascivitis in stratis vestris, qui comeditis agnum de grege, qui vitulos de medio armenti. Quod si ita diceretur, esset quidem et hoc pulchrum ut ab uno pronomine repetito omnia sex membra decurrerent et pronuntiantis voce singula finirentur : Sed pulchrius factum est ut eidem pronomini essent bina subnexa, quae tres sententias explicarent; unam ad captivitatis praenuntiationem «*Qui separati estis in diem malum, et appropinquatis solio iniquitatis*»; alteram ad libidinem: «*Qui dormitis in lectis eburneis, et lascivitis in stratis vestris*»; ad voracitatem vero tertiam pertinentem «*Qui comeditis agnum de grege et vitulos de medio armenti*» : ut in potestate sit pronuntiantis, utrum singula finiat et membra sint sex, an primum et tertium et quintum voce suspendat et secundum primo, quartum tertio, sextum quinto connectendo, tres bimembres circuitus decentissime faciat ; unum quo calamitas imminens, alterum quo lectus impurus, tertium quo prodiga mensa monstretur.

19. Deinde luxuriosam remordet aurium voluptatem. Ubi cum dixisset, «*Qui canitis ad vocem psalterii*» quoniam potest exerceri sapienter a sapientibus musica, mirabili decore dicendi, invectionis impetu relaxato, et non ad illos, sed de illis iam loquens, ut nos musicam sapientis a musica luxuriantis distinguere commoneret, non ait, Qui canitis ad vocem psalterii, et sicut David putatis vos habere vasa cantici, sed cum illud ad illos dixisset, quod luxuriosi audire deberent «*Qui canitis ad vocem psalterii*», imperitiam quoque eorum aliis quodammodo indicavit, adiungens «*sicut David putaverunt se habere vasa cantici, bibentes in phialis vinum, et optimo unguento delibuti*». Tria haec melius pronuntiantur si suspensis duobus prioribus membris circuitus, tertio finiantur.

18. Como consequência, é anunciado que se aproxima o futuro cativo sob o jugo de um rei iníquo: «Vós que estais reservados para o dia mau e vos aproximais do trono da iniquidade». Acrescentam-se então os proveitos da luxúria: «Vós que dormis em leitos de marfim e vos dais à licenciosidade em vossos leitos: vós que comeis o cordeiro do rebanho e os novilhos da manada». Estes seis membros constituíram três períodos de dois membros. Não diz, com efeito, vós que estais reservados para o dia mau, vós que vos aproximais do trono da iniquidade, vós que dormis em leitos de marfim, vós que vos dais à licenciosidade em vossos leitos, vós que comeis o cordeiro do rebanho e os novilhos da manada; porque se assim se exprimisse, na verdade, também seria belo, que os seis membros fluíssem um a um, a partir da repetição de um pronome e fossem delimitados um a um pela voz do orador: mas tornou-se ainda mais belo que os membros estivessem ligados dois a dois ao mesmo pronome, desenrolando-se em três frases; uma para prenunciar o cativo: «Vós que estais reservados para o dia mau e vos aproximais do trono da iniquidade»; a outra sobre a luxúria: «Vós que dormis em leitos de marfim e vos dais à licenciosidade em vossos leitos»; e a terceira respeitante à gula: «vós que comeis o cordeiro do rebanho e os novilhos da manada»: de tal modo que esteja em poder do orador delimitar os membros um a um, ficando a ser seis membros, ou fazer uma suspensão com a voz depois do primeiro, do terceiro e do quinto, e ligar o segundo ao primeiro, o quarto ao terceiro, o sexto ao quinto, para formar, com muita arte, três períodos bimembres; um para mostrar a calamidade iminente, o outro, o leito impuro, e o terceiro a mesa voluptuosa.

19. A seguir, ataca a volúpia luxuriosa do ouvido, depois de ter dito: «vós que cantais ao som do saltério», visto que a música pode ser praticada sabiamente pelos sábios, com maravilhoso decoro de expressão, abrandando o ímpeto da sua invectiva e não falando já para eles, mas deles, para nos aconselhar a discernir a música do voluptuoso da música do sábio, não diz: Vós que cantais ao som do saltério e como David julgais que tendes instrumentos de cântico, como David: mas, dizendo para eles o que, como voluptuosos, deviam ouvir: «vós que cantais ao som do saltério», indicou também de certo modo aos outros a ignorância deles, acrescentando: «Julgaram que tinham instrumentos de cântico como David, bebendo vinho em fíalas e unguendo-se com um óleo precioso». Estes três membros são pronunciados da melhor maneira se, fazendo uma suspensão da voz nos dois primeiros membros do período, se fizer a pausa no terceiro.

20. Iam vero quod his omnibus adiicitur, «*Et nihil patiebantur super contritione Ioseph*», sive continuatim dicatur ut unum sit membrum, sive decentius suspendatur «*et nihil patiebantur*», et post hanc distinctionem inferatur «*super contritione Ioseph*», atque sit bimembris circuitus; miro decore non dictum est: Nihil patiebantur super contritione fratris, sed positus est pro fratre «*Ioseph*», ut quicumque frater proprio significaretur eius nomine, cuius ex fratribus fama praeclara est, vel in malis quae pendit, vel in bonis quae rependit. Iste certe tropus ubi Ioseph quemcumque fratrem facit intellegi, nescio utrum illa quam didicimus et docuimus, arte tradatur. Quam sit tamen pulcher et quemadmodum afficiat legentes atque intelligentes, non opus est cuiquam dici, si ipse non sentit.

21. Et plura quidem quae pertineant ad praecepta eloquentiae, in hoc ipso loco, quem pro exemplo posuimus, possunt reperiri. Sed bonum auditorem non tam, si diligenter discutiatur, instruit, quam, si ardentem pronuntietur, accendit. Neque enim haec humana industria composita, sed divina mente sunt fusa et sapienter et eloquenter, non intenta in eloquentiam sapientia, sed a sapientia non recedente eloquentia. Si enim, sicut quidam disertissimi atque acutissimi viri videre ac dicere potuerunt, ea quae oratoria velut arte discuntur, non observarentur et notarentur et in hanc doctrinam redigerentur, nisi prius in oratorum invenirentur ingeniis, quid mirum si et in istis inveniuntur quos ille misit qui fecit ingenia? Quapropter et eloquentes quidem, non solum sapientes canonicos nostros auctores doctoresque fateamur tali eloquentia, qualis personis eiusmodi congruebat.

Conclusio prima. VIII. 22. Sed nos etsi de litteris eorum quae sine difficultate intelliguntur, nonnulla sumimus elocutionis exempla, nequaquam putare debemus imitandos nobis eos esse in iis quae ad exercendas et elimandas quodammodo mentes legentium, et ad rumpenda fastidia atque acuenda studia discere volentium, celandos quoque, sive ut ad pietatem convertantur sive ut a mysteriis secludantur, animos impiorum utili ac salubri obscuritate dixerunt. Sic quippe illi locuti sunt, ut posteriores, qui eos recte intelligerent et exponerent, alteram gratiam, disparem quidem, verumtamen subsequentem in Dei Ecclesia reperirent. Non ergo expositores eorum ita loqui debent, tanquam se ipsi exponendos simili auctoritate proponant, sed in omnibus sermonibus suis primitus ac maxime ut intelligantur elaborent, ea quantum possunt perspicuitate dicendi, ut aut multum tardus sit qui non intelligit, aut in rerum quas explicare atque ostendere volumus difficultate ac subtilitate, non in nostra locutione sit causa qua minus tardiusve quod dicimus possit intelligi.

20. Mas já quanto ao que acrescenta a tudo isto: «e não se compadeciam da aflição de José», ou é dito em contínuo de modo a ser um único membro ou, com mais elegância, se faz uma suspensão na voz: «e não se compadeciam», e depois desta separação, acrescenta-se: «da aflição de José» e de maneira a ser um período de dois membros; com uma elegância admirável não é dito: não se compadeciam da aflição do irmão, mas em vez de «irmão», é posto «José», para designar qualquer irmão que seja pelo nome próprio daquele, cuja fama é notável devido aos seus irmãos, tanto pelo mal que recebeu, como pelo bem que retribuiu. Efectivamente, esta figura em que «José» significa qualquer irmão, não sei se é mencionada na retórica que nós aprendemos e ensinamos. Mas quão bela é e de que maneira impressiona os que a lêem e a compreendem, não se deve dizê-lo a alguém, se ele próprio não a sente.

21. E pode-se, sem dúvida, encontrar neste mesmo passo que tomámos como exemplo, um grande número de ornamentos, que dizem respeito aos preceitos da eloquência. Mas não instrui tanto o bom ouvinte, se se proceder a uma análise de forma cuidadosa, quanto ele se deixa inflamar se o discurso for pronunciado de forma ardente. Pois estas frases, não foram compostas pelo esforço humano, mas derramadas pelo Espírito divino, de forma sábia e eloquente; não uma sabedoria em busca da eloquência, mas uma eloquência não separada da sabedoria. Pois se, como certos homens eloquentíssimos e perspicacíssimos podiam ver e dizer, as regras que se aprendem na retórica não seriam observadas, marcadas e reduzidas a uma teoria, se elas primeiro não fossem encontradas no talento dos oradores, será motivo de admiração se se encontrarem os que o Autor dos talentos enviou? Por isso, confessemos que os nossos autores e mestres canónicos, na verdade, são não somente sábios, mas também eloquentes, com uma tal eloquência qual a que condizia com pessoas dessa condição.

Primeira conclusão. VIII. 22. Mas, embora nós tomemos dos seus escritos, alguns exemplos de elocução, que se compreendem sem qualquer dificuldade, contudo, de modo nenhum devemos pensar que temos de os imitar naquilo que eles exprimiram com uma útil e salutar obscuridade, para exercitar e de certo modo aperfeiçoar o espírito dos leitores e para quebrar o enfado e aguçar a curiosidade dos que querem aprender, e ainda para o ocultar ao espírito dos ímpios, tanto para que sejam convertidos à piedade, como para que sejam afastados dos mistérios. Efectivamente, eles exprimiram-se de tal modo que os vindouros, que, com exactidão, os compreendessem e comentassem, encontrassem na Igreja de Deus uma outra graça, certamente diferente da deles, mas, no entanto, consecutiva. Portanto, os seus comentadores não devem falar, como se pretendessem comentá-los com autoridade igual à deles. Mas, em todos os seus discursos, devem esforçar-se, em primeiro lugar e sobretudo, para que sejam compreendidos com toda a clareza de expressão de que forem capazes, de tal modo que, quem não o entender, seja muito lento de espírito, ou a causa de poder entender menos ou com mais lentidão o que dizemos, resida na dificuldade e subtilidade dos assuntos que queremos explicar e mostrar, e não na maneira de nos exprimirmos.

IX. 23. Sunt enim quaedam quae vi sua non intelliguntur aut vix intelliguntur, quantolibet et quantumlibet, quamvis planissime dicentis versentur eloquio. Quae in populi audientiam vel raro, si aliquid urget, vel nunquam omnino mittenda sunt. In libris autem, qui ita scribuntur ut ipsi sibi quodammodo lectorem teneant cum intelliguntur, cum autem non intelliguntur molesti non sint nolentibus legere, et in aliquorum colloctionibus non est hoc officium deserendum, ut vera, quamvis difficillima ad intelligendum, quae ipsi iam percepimus, cum quantocumque labore disputationis ad aliorum intelligentiam perducamus, si tenet auditorem vel collocutorem discendi cupiditas, nec mentis capacitas desit, quae quoquo modo intimata possit accipere; non curante illo qui docet, quanta eloquentia doceat, sed quanta evidentia.

X. 24. Cuius evidentiae diligens appetitus aliquando negligit verba cultiora, nec curat quid bene sonet, sed quid bene indicet atque intimet quod ostendere intendit. Unde ait quidam, cum de tali genere locutionis ageret, esse in ea quamdam diligentem negligentiam (*Cicero, in Oratore*). Haec tamen sic detrahit ornatum, ut sordes non contrahat. Quamvis in bonis doctoribus tanta docendi cura sit, vel esse debeat, ut verbum quod nisi obscurum sit vel ambiguum, latinum esse non potest, vulgi autem more sic dicitur ut ambiguitas obscuritasque vitetur, non sic dicatur ut a doctis, sed potius ut ab indoctis dici solet. Si enim non piguit dicere interpretes nostros «*Non congregabo conventicula eorum de sanguinibus*» (*Ps. XV, 4*), quoniam senserunt ad rem pertinere, ut eo loco pluraliter enuntiaretur hoc nomen, quod in latina lingua singulariter tantummodo dicitur, cur pietatis doctorem pigeat imperitis loquentem, ossum potius quam os dicere, ne ista syllaba non ab eo quod sunt ossa, sed ab eo quod sunt ora intelligatur, ubi *Afrae* aures de correptione vocalium vel productione non iudicant? Quid enim prodest locutionis integritas quam non sequitur intellectus audientis, cum loquendi omnino nulla sit causa si quod loquimur non intelligunt, propter quos ut intelligant loquimur? Qui ergo docet, vitabit verba omnia quae non docent, et si pro eis alia integra, quae intelligantur, potest dicere, id magis eliget. Si autem non potest, sive quia non sunt sive quia in praesentia non occurrunt, utetur etiam verbis minus integris, dum tamen res ipsa doceatur atque discatur integre.

Segunda conclusão. IX. 23. Com efeito, há algumas questões que, devido à sua índole, não são compreendidas, ou dificilmente são compreendidas, quanto se queira e quanto mais possível, ainda que sejam clarissimamente explicadas pela palavra do comentador. Estas coisas ou raramente, se algum motivo obriga, ou absolutamente nunca devem ser lançadas para os ouvidos do povo. Mas nos livros que são escritos de tal maneira que, de certo modo fixem em si o leitor, quando são compreendidos, mas que, quando não são compreendidos, não sejam enfadonhos aos que consentem em os ler, e nas conversas de alguns, não se deve abandonar esta missão de levarmos, com todo o trabalho de uma dissertação, à inteligência dos outros – se é que um desejo intenso de aprender domina o leitor ou o interlocutor e não lhe falta capacidade intelectual para compreender o que de qualquer modo lhes é inculcado – a verdade, embora difícilíssima, que nós próprios já apreendemos, sem que, quem ensina se preocupe com quanta eloquência ensina, mas com quanta evidência.

Terceira conclusão. X. 24. O desejo cuidadoso desta evidência, algumas vezes negligencia palavras mais elegantes e não cuida do que soa bem, mas do que revela e dá a conhecer o que se pretende mostrar. Daí dizer alguém, quando tratou de tal tipo de discurso, que há nestas coisas uma certa negligência diligente (Cícero, in *Oratore*). Mas esta negligência renuncia à elegância de tal modo que não caia em trivialidades. Embora nos bons mestres haja ou deva haver tanto cuidado de ensinar que uma palavra que, se não for obscura e ambígua, não pode ser latina, mas que se diz segundo o uso vulgar, de tal modo que a ambiguidade e a obscuridade sejam evitadas, seja dita não como costumam dizê-la as pessoas instruídas, mas sim, as que não têm instrução. Com efeito, se os nossos tradutores não se enfadaram de dizer: «non congregabo conventicula eorum de sanguinibus» (Sl. 15, 4), porquanto eles julgaram mais expressivo no que diz respeito à questão, que este nome (*sanguis*) que na língua latina é dito somente no singular, seja enunciado, neste passo, no plural, porque se há-de enfadar um mestre da piedade, falando a ignorantes, por dizer *ossum* em vez de *os*, para que esta sílaba não seja compreendida como aquela cujo plural é *ossa*, mas como aquela cujo plural é *ora*, quando os ouvidos africanos não distinguem as vogais breves das vogais longas? Para que serve, com efeito, a pureza da linguagem, se a inteligência do ouvinte não a segue, quando não há absolutamente nenhuma razão para falar, se não compreendem o que dizemos aqueles por causa dos quais falamos, para que entendam? Portanto, quem ensina, evitará todas as palavras que não ensinam. E se, em vez destas, pode dizer outras palavras correctas que sejam compreendidas, será essa a sua escolha de preferência: mas se não puder, quer porque não as há, quer porque não ocorrem no momento, então usará mesmo as palavras menos correctas, contanto que o assunto em si mesmo seja ensinado e aprendido correctamente.

25. Et hoc quidem non solum in colloctionibus, sive fiant cum aliquo uno sive cum pluribus, verum etiam et multo magis in populis quando sermo promitur, ut intelligamur instandum est, quia in colloctionibus est cuique interrogandi potestas : ubi autem omnes tacent ut audiatur unus, et in eum intenta ora convertunt, ibi ut requirat quisque quod non intellexerit, nec moris est nec decoris ; ac per hoc debet maxime tacenti subvenire cura dicentis. Solet autem motu suo significare utrum intellexerit cognoscendi avida multitudo: quod donec significet, versandum est quod agitur multimoda varietate dicendi; quod in potestate non habent qui praeparata et ad verbum memoriter retenta pronuntiant. Mox autem ut intellectum esse constiterit, aut sermo finiendus aut in alia transeundum est. Sicut enim gratus est qui cognoscenda enubilat, sic onerosus est qui cognita inculcat, eis dumtaxat quorum tota exspectatio in dissolvenda eorum quae panduntur, difficultate pendeat. Nam delectandi gratia etiam nota dicuntur; ubi non ipsa, sed modus quo dicuntur attenditur. Quod si et ipse iam notus est atque auditoribus placet, paene nihil interest utrum is qui dicit, dictator an lector sit. Solent enim et ea quae commode scripta sunt, non solum ab eis quibus primitus innotescunt, iucunde legi, verum ab his etiam quibus iam nota sunt, neque adhuc illa de memoria delevit oblivio, non sine iucunditate relegi vel ab utrisque libenter audiri. Quae autem quisque iam oblitus est, cum commonetur, docetur. Sed de modo delectandi nunc non ago; de modo quo docendi sunt qui discere desiderant loquor. Is est autem optimus quo fit ut qui audit verum audiat et quod audit intelligat. Ad quem finem cum ventum fuerit, nihil tunc amplius de ipsa re tanquam diutius docenda laborandum est, sed forte de commendanda ut in corde figatur : quod si faciendum videbitur, ita modeste faciendum est, ne perveniatur ad taedium.

Conclusio quarta. XI. 26. Prorsus haec est in docendo eloquentia, qua fit dicendo, non ut libeat quod horrebat, aut ut fiat quod pigebat, sed ut appareat quod latebat. Quod tamen si fiat insuaviter, ad paucos quidem studiosissimos suos pervenit fructus, qui ea quae discenda sunt, quamvis abiecte inculteque dicantur, scire desiderant. Quod cum adepti fuerint, ipsa delectabiliter veritate pascuntur: bonorumque ingeniorum insignis est indoles in verbis verum amare, non verba. Quid enim prodest clavis aurea, si aperire quod volumus non potest? Aut quid obest lignea, si hoc potest? Quando nihil quaerimus nisi patere quod clausum est. Sed quoniam inter se habent nonnullam similitudinem vescentes atque discentes, propter fastidia plurimorum, etiam ipsa sine quibus vivi non potest, alimenta condienda sunt.

25. E, na verdade, não é só em conversa, quer com uma só pessoa, quer com muitas, mas é também muito mais quando o discurso é proferido diante do povo que devemos aplicar-nos, para que sejamos compreendidos, porque em conversa, cada um tem a possibilidade de fazer perguntas, todavia, quando todos se calam, para que só um seja ouvido, e voltam para ele as caras atentas, aí não é costume nem conveniente que cada um pergunte o que não tiver compreendido; e por isso, todo o cuidado de quem fala deve vir em auxílio de quem se cala. Porém, a multidão, desejosa de conhecer, pelo seu movimento costuma dar a entender se compreendeu: até que o dê a entender, deve-se dar voltas ao assunto de que se trata com uma múltipla variedade de dizeres; o que não está ao alcance daqueles que pronunciam discursos preparados e decorados à letra. Mas em seguida, quando tiver certeza de ter sido compreendido, deve-se terminar o discurso ou passar a outra questão. Com efeito, assim como é agradável quem esclarece as coisas que devem ser conhecidas, assim também é enfadonho quem lhes inculca questões conhecidas, ao menos àqueles dos quais toda a expectativa estava suspensa da dificuldade em resolver as questões que estão esclarecidas. Na verdade, às vezes fala-se também de questões conhecidas, para agradar; neste caso, presta-se atenção, não ao assunto em si, mas ao modo como ele é expresso. Ora, se também este modo é já conhecido e agrada os ouvintes, quase nada interessa que quem fala seja orador ou um leitor. Com efeito, estes discursos, que são elegantemente escritos, costumam não só serem lidos por aqueles a quem são dados a conhecer pela primeira vez, mas também relidos, não sem prazer, por aqueles que já os conhecem, e ainda não foram apagados da sua memória pelo esquecimento; ou são ouvidos de boa vontade por uns e por outros. Mas alguém que já os esqueceu, quando é lembrado, aprende. Mas não trato agora do modo de agradar, falo da maneira como devem ser ensinados os que desejam aprender. Contudo, é excelente aquele que faz com que, quem ouve, oiça a verdade e compreenda o que ouve. Quando tiver chegado a este escopo, então nada mais deve ser trabalhado sobre este assunto sob o pretexto de o ensinar durante mais tempo, mas talvez recordá-lo que se grave no coração: se parecer bem que isto deve ser feito, deve-se fazer tão moderadamente, que não se chegue ao tédio.

Quarta conclusão. XI. 26. Numa palavra, esta é eloquência para ensinar, por meio da qual se faz com que, falando, não agrade o que se detestava, ou que se faça o que repugnava, mas sim que se mostre o que estava oculto. Mas se isso se faz de uma forma não aprazível, o seu fruto chega, de facto, a umas tantas pessoas muito dedicadas, que desejam saber estas coisas que devem ser aprendidas, ainda que sejam ditas de forma banal e deselegante. Quando as tiverem adquirido, alimentam-se, com prazer, da própria verdade: é marca distintiva das boas disposições mentais amar, nas palavras, a verdade e não as palavras. Com efeito, em que é útil uma chave de ouro se não pode abrir o que queremos? Ou em que é prejudicial uma chave de madeira se é capaz disto, quando nada procuramos, a não ser abrir o que está fechado? Mas como têm entre si alguma semelhança, os que se alimentam e os que aprendem, por causa do fastio pela comida de um grande número, devem-se condimentar os alimentos, mesmo aqueles sem os quais não se pode viver.

Sectio tertia :

De tribus dicendi generibus

Divisio. XII. 27. Dixit ergo quidam eloquens, et verum dixit, ita dicere debere eloquentem ut doceat, ut delectet, ut flectat. Deinde addidit: «Docere necessitatis est, delectare suavitatis, flectere victoriae» (*Cicero, De Oratore*). Horum trium quod primo loco positum est, hoc est docendi necessitas, in rebus est constituta quas dicimus; reliqua duo in modo quo dicimus. Qui ergo dicit cum docere vult, quamdiu non intelligitur, nondum se existimet dixisse quod vult ei quem vult docere; quia etsi dixit quod ipse intellegit, nondum illi dixisse putandus est a quo intellectus non est : si vero intellectus est, quocumque modo dixerit, dixit. Quod si etiam delectare vult eum cui dicit, aut flectere, non quocumque modo dixerit faciet ; sed interest quomodo dicat, ut faciat. Sicut est autem, ut teneatur ad audiendum, delectandus auditor; ita flectendus, ut moveatur ad agendum. Et sicut delectatur si suaviter loquaris, ita flectitur si amet quod polliceris, timeat quod minaris, oderit quod arguis, quod commendas amplectatur, quod dolendum exaggeras doleat, cum quid laetandum praedicat gaudeat, misereatur eorum quos miserandos ante oculos dicendo constituis, fugiat eos quos cavendos terrendo proponis; et quidquid aliud grandi eloquentia fieri potest ad commovendos animos auditorum, non quid agendum sit ut sciant, sed ut agant quod agendum esse iam sciunt.

Consideratio prima. 28. Si autem adhuc nesciunt, prius utique docendi sunt quam movendi. Et fortasse rebus ipsis cognitis ita movebuntur ut eos non opus sit maioribus eloquentiae viribus iam moveri. Quod tamen cum opus est, faciendum est : tunc autem opus est, quando cum scierint quid agendum sit, non agunt. Ac per hoc docere necessitatis est. Possunt enim homines et agere et non agere quod sciunt. Quis autem dixerit eos agere debere quod nesciunt? Et ideo flectere necessitatis non est, quia non semper opus est, si tantum docenti vel etiam delectanti consentit auditor. Ideo autem victoriae est flectere, quia fieri potest ut et doceatur et delectetur et non assentiatur. Quid autem illa duo proderunt, si desit hoc tertium? Sed neque delectare necessitatis est : quandoquidem cum dicendo vera monstrantur, quod ad officium docendi pertinet, non eloquio agitur, neque hoc attenditur, ut vel ipsa vel ipsum delectet eloquium, sed per seipsa, quoniam vera sunt, manifestata delectant. Unde plerumque delectant etiam falsa patefacta atque convicta. Neque enim delectant quia falsa sunt; sed quia falsa esse verum est, delectat et dictio qua hoc verum esse monstratum est.

Terceira secção:

Os três modos de expressão

Divisão. XII. 27. Um certo orador disse, portanto - e disse a verdade - que o orador deve falar de tal modo que instrua, agrade e comova. Depois acrescentou: «instruir é uma necessidade, agradar, uma suavidade, convencer uma vitória» (Cícero, *De Oratore*). Destes três, o que ocupa o primeiro lugar é a necessidade de ensinar, ela foi posta nos assuntos de que falámos, os dois restantes, no modo como nos exprimimos. Portanto, quem fala quando quer instruir, não é compreendido se fala longamente, ele ainda não julgará que disse o que quer dizer àquele a quem ele quer instruir. Porque, embora tenha dito o que ele próprio compreende, ainda não deve pensar que lhes disse, pelo que não compreendeu; mas se compreendeu, seja de que modo o terá dito, disse-o. Mas se quer também agradar, diz-lho, ou se quer convencer, dirá, não o fará de qualquer maneira, mas interessa de algum modo que o diga, para que faça convencer. Mas como se deve agradar o ouvinte para o reter a ouvir, assim se lhe deve convencer para que se mova a agir. E assim como se agrada, se falares com suavidade, assim também se convence se ele apreciar o que propões, temerá o que proclamas, odiará o que reprovás, abraçará o que recomendas, deplorará o que exageras a deplorar; quando anunciáres que aproveita quem procura alegrar-se, para que tenha compaixão daqueles que diante dos olhos complacentes postos a falar, para fugir daqueles que aterrorizando, propões evitar. E qualquer outra coisa que seja pode se tornar numa grande eloquência para excitar o espírito dos ouvintes, não para que eles saibam o que devem fazer, mas para que façam o que já sabem que deve ser feito.

Primeira observação. 28. Mas se eles não o sabem ainda, antes de serem convencidos, devem ser instruídos. E talvez foram movidos de tal modo pelos próprios assuntos já conhecidos, que já não seja necessário comovê-los com grandes energias de eloquência. Mas quando isto é necessário, deve ser feito; mas então é necessário, pois que, quando sabem o que deve ser feito, não o fazem. E, por isso, ensinar é uma necessidade. Com efeito, os homens podem fazer ou não fazer o que sabem. Mas quem disse que eles devem fazer o que não sabem? E, por isso, convencer não é uma necessidade, porque nem sempre é necessário, se o ouvinte dá o seu consentimento a um bom orador ou se o dá também a um que agrada. Mas, por esta razão, comover é uma vitória, porque pode acontecer que se ensine e se agrade e não se consinta. Mas que utilidade têm aqueles dois modos, se falta este terceiro? Mas nem mesmo agradar é uma necessidade, visto que quando são manifestas as verdades a dizer - o que importa à tarefa de ensinar -, não se faz pelo discurso e nem mesmo isto se observa, para fascinar a verdade ou o próprio discurso, mas por si mesma manifesta agrada, porque é verdade. Daí que, mesmo as ideias falsas fascinam um grande número, quando descobertas e demonstradas. Pois, não fascinam porque são falsas, mas porque é verdade que elas são falsas, e fascina pela expressão que as demonstrou ser como esta verdade.

Consideratio secunda. XIII. 29. Propter eos autem quibus fastidientibus non placet veritas, si alio quocumque modo, nisi eo modo dicatur, ut placeat et sermo dicentis, datus est in eloquentia non parvus etiam delectationi locus. Quae tamen addita non sufficit duris, quos nec intellexisse, nec docentis elocutione delectatos esse profuerit. Quid enim haec duo conferunt homini, qui et confitetur verum, et collaudat eloquium, nec inclinat assensum, propter quem solum, cum aliquid suadet, rebus quae dicuntur invigilat dicentis intentio? Si enim talia docentur quae credere vel nosse sufficiat, nihil est aliud eis consentire, nisi confiteri vera esse. Cum vero id docetur quod agendum est, et ideo docetur ut agatur, frustra persuadetur verum esse quod dicitur, frustra placet modus ipse quo dicitur, si non ita discitur ut agatur. Oportet igitur eloquentem ecclesiasticum, quando suadet aliquid quod agendum est, non solum docere ut instruat et delectare ut teneat, verum etiam flectere ut vincat. Ille quippe iam remanet ad consensionem flectendus eloquentiae granditate, in quo id non egit usque ad eius confessionem demonstrata veritas, adiuncta etiam suavitate dictionis.

Consideratio tertia. XIV. 30. Cui suavitati tantum operae impensum est ab hominibus, ut non solum non facienda, verum etiam fugienda ac detestanda tot et tanta mala atque turpia, quae malis et turpibus disertissime persuasa sunt, non ut eis consentiatur, sed sola delectationis gratia lectitentur. Avertat autem Deus ab Ecclesia sua quod de synagoga Iudaeorum Ieremias propheta commemorat dicens «*Pavor et horrenda facta sunt super terram. Prophetae prophetabant iniqua, et sacerdotes plausum dederunt manibus suis, et plebs mea dilexit sic. Et quid facietis in futurum?*» (Jerem. V, 30-31). O eloquentia tanto terribilior quanto purior, et quanto solidior, tanto vehementior! O vere securis concidens petras! Huic enim rei simile esse verbum suum, quod per sanctos Prophetas fecit, per hunc ipsum Prophetam Deus ipse dixit (*Id. XLVI, 22*). Absit itaque, absit a nobis, ut sacerdotes plaudant iniqua dicentibus et plebs Dei diligat sic. Absit a nobis, inquam, tanta dementia; nam quid faciemus in futurum? Et certe minus intelligantur, minus placeant, minus moveant quae dicuntur; verumtamen dicantur; et iusta, non iniqua libenter audiantur: quod utique non fieret, nisi suaviter dicerentur.

Segunda observação. XIII. 29. Mas por causa destes, a verdade não agrada àqueles que a desprezam, se ela é expressa duma outra maneira qualquer que seja, a não ser por este modo, para que também o discurso do orador agrade, deu-se mesmo ao agradável um lugar não menos importante na eloquência. Mas este acrescento não basta aos espíritos endurecidos, a quem não serve terem compreendido, nem terem sido fascinados com o discurso de quem os instrui. Com efeito, que utilidade estas duas realidades têm para o homem, que não só confessa a verdade como também enche a expressão de louvores, e não pende para o assentimento, por causa duma única realidade que, quando persuade alguma coisa, único objectivo de quem instrui, vela pelas ideias que são expressas? Com efeito, se tais ideias são as que se instruem que basta crer ou conhecer, consentilas, não é outra coisa senão confessar que sejam verdadeiras. Mas quando se ensina que isto deve ser feito, e, por isso, se ensina para que se faça, em debalde é persuadido o ouvinte, em relação ao que se diz ser verdadeiro, em debalde agrada a própria maneira como é expresso o verdadeiro, se de tal modo não se aprende como se age. Portanto, é necessário que um orador eclesiástico quando aconselha alguma coisa que deve ser feita, não ensine somente para instruir, não agrade somente para reter, mas também convença para vencer. Certamente, o próprio orador já fica a mover para um consenso pela grandeza da eloquência para o que a verdade demonstrada não conduziu mais que para a sua confissão, mesmo com a acrescida suavidade da expressão.

Terceira observação. XIV. 30. À esta suavidade foi consagrado pelos homens grandes esforços, para não somente não fazer, mas também para tanto fugir e detestar, tantos males e as coisas vergonhosas às quais são persuadidos eloquentemente para os males e para as ignobilidades, não para se lhes pôr de acordo, mas para serem lidos muitas vezes pelo motivo único do prazer. Mas Deus afasta da sua Igreja o que o profeta Jeremias evoca sobre a Sinagoga dos Judeus dizendo: «actos abomináveis e horrendos foram feitos sobre a terra: os profetas profetizavam as iniquidades e os sacerdotes aplaudiram-lhes com as suas mãos e o meu povo assim gostou. E que fareis vós no futuro?» (Jer. 5, 30-31). Ó eloquência tanto mais terrível quanto mais pura! E quanto mais sólida tanto mais veemente! Ó golpe derrubando verdadeiramente pedras! O próprio Deus disse por este mesmo profeta que a sua Palavra que fez passar pelos santos Profetas é, portanto, semelhante à esta arma (Id. 46,22). E assim, está longe de nós que os sacerdotes aplaudam as iniquidades com os que as dizem e o povo de Deus assim goste. Está longe de nós, digo eu, tanta demência: na verdade, que faremos no futuro? E, certamente, as verdades que são expressas serão menos compreendidas, menos aprazarão, menos convencerão. Mas que sejam expressas. E as ideias justas, não as iníquas, sejam ouvidas com agrado. De qualquer forma, isto não acontecerá, se não forem expressas com encanto.

31. In populo autem gravi, de quo dictum est Deo «*In populo gravi laudabo te*» (Ps. XXXIV, 18), nec illa suavitas delectabilis est qua non quidem iniqua dicuntur, sed exigua et fragilia bona spumoso verborum ambitu ornantur, quali nec magna atque stabilia decenter et graviter ornarentur. Est tale aliquid in epistola beatissimi Cypriani, quod ideo puto vel accidisse vel consulto factum esse, ut sciretur a posteris quam linguam doctrinae Christianae sanitas, ab ista redundantia revocaverit, et ad eloquentiam graviolem modestioremque restrinxerit; qualis in eius consequentibus litteris secure amatur, religiose appetitur, sed difficillime impletur. Ait ergo quodam loco: «Petamus hanc sedem: dant secessum vicina secreta, ubi dum erratici palmitum lapsus pendulis nexibus per arundines bajulas repunt, viteam porticum frondea tecta fecerunt» (Cypr., *Epist. I ad Donatum*). Non dicuntur ista nisi mirabiliter affluentissima fecunditate facundiae, sed profusione nimia gravitati displicent. Qui vero haec amant, profecto eos qui non ita dicunt, sed castigatius eloquuntur, non posse ita eloqui existimant, non iudicio ista devitare. Quapropter iste vir sanctus et posse se ostendit sic dicere, quia dixit alicubi, et nolle, quoniam postmodum nusquam.

Consideratio quarta. XV. 32. Agit itaque noster iste eloquens, cum et justa et sancta et bona dicit, neque enim alia debet dicere, agit ergo quantum potest cum ista dicit, ut intelligenter, ut libenter, ut obedienter audiatur: et haec se posse, si potuerit et in quantum potuerit, pietate magis orationum, quam oratorum facultate non dubitet; ut orando pro se ac pro illis quos est allocuturus, sit orator antequam dictor. Ipsa hora iam ut dicat accedens, priusquam exserat proferentem linguam, ad Deum levet animam sitientem, ut eructet quod biberit, vel quod impleverit fundat. Cum enim de unaquaque re, quae secundum fidem dilectionemque tractanda sunt, multa sint quae dicantur et multi modi quibus dicantur ab eis qui haec sciunt, quis novit quid ad praesens tempus, vel nobis dicere, vel per nos expediat audiri, nisi qui corda omnium videt? Et quis facit ut quod oportet et quemadmodum oportet dicatur a nobis, nisi in cuius manu sunt et nos et sermones nostri? (*Sap. VII, 16*) Ac per hoc discat quidem omnia quae docenda sunt, qui et nosse vult et docere; facultatemque dicendi, ut decet virum ecclesiasticum, comparet: ad horam vero ipsius dictionis, illud potius bonae menti cogitet convenire quod Dominus ait, «*Nolite cogitare quomodo aut quid loquamini; dabitur enim vobis in illa hora quid loquamini. Non enim vos estis qui loquimini, sed Spiritus Patris vestri qui loquitur in vobis*» (*Math. X, 19-20*). Si ergo loquitur in eis Spiritus Sanctus, qui persequentibus traduntur pro Christo, cur non et in eis qui tradunt discentibus Christum?

31. Mas na grande assembleia a respeito da qual foi dito por Deus: «louvar-te-ei na grande assembleia» (Sl. 34, 18), nem aquela suavidade é agradável, nas ideias iníquas que, na verdade, são ditas, mas que são ornadas com bens exíguos e frágeis num redundante período, não sejam ornadas com quais grandes e estáveis bens com elegância e encanto. Tal coisa está na epístola do Bem-aventurado Cipriano, o que, por isso, julgo ter acontecido acidentalmente ou ter acontecido por deliberação, para que seja sabido pela posteridade qual língua, a pureza da doutrina cristã, tenha reinvocado por estas redundâncias e tenha restringido a uma eloquência mais pesada e mais comedida; tal é esta eloquência, que seja amada tranquilamente nos seus escritos que se seguem, que seja procurada piedosamente, mas que dificilmente é preenchida. Pois, diz ele nalgum lugar: «pedimos este trono; as imediações isoladas dão-nos a solidão. Aí, enquanto as direcções vagabundas dos rebentos penetram nos encadeamentos suspensos pelas abóbadas caniças, fizeram de tectos de folhagem, o pórtico de videira» (Cypr., *Epist. 1 ad Donatum*). Estas frases não são ditas, senão maravilhosamente com uma fecundidade abundante de talento discursivo, mas elas desagradam pela desmedida profusão de peso. Mas quanto àqueles que as apreciam, na verdade, os que assim não falam, porém falam mais perfeitamente, considerem que não são capazes de assim falar, não que as possam evitar pelo próprio parecer. Por isso, este santo homem mostrou que também se podia exprimir assim, porque o fez nalguma parte e que não queria, porque logo depois não o fez em parte alguma.

Quarta observação. XV. 32. E deste modo, este nosso orador agiu assim, quando falou das ideias justas, santas e boas, e não deve, com efeito, falar de outras ideias; ele fala, portanto, de quanto pode, quando diz estas ideias, para que seja ouvido com inteligência, com agrado e com docilidade; e ele não duvide que consegue isto, se puder, e poderá em tanto, mais pela piedade das orações do que pela habilidade dos oradores, para que, rezando por ele e por aqueles a quem tenciona falar, seja um orante antes de ser orador. Aproximando-se já a hora de falar, antes de tirar para fora a língua que fala, eleve a Deus a sua alma sequiosa, para lançar para fora o que bebeu, ou para consolidar do que se encheu. Pois que, com efeito, em relação à cada questão que deve ser tratada segundo a fé e o amor, são muitas ideias que se dizem e muitas as maneiras com que são ditas por aqueles que as conhecem. Quem sabe que é vantajoso para o tempo presente, para nos falar ou ser ouvido por nós, a não ser quem vê os corações de todos? E quem faz o que é necessário dizer e o modo que é necessário para o dizer, que seja dito por nós, senão Aquele em cujas mãos estamos nós e estão os nossos discursos? (*Sap. VII, 16*). E, por isso, aprende, na verdade, tudo o que deve ser ensinado, quem quer saber e ensinar, e para adquirir a habilidade de falar que convém a um homem de Igreja, mas na hora do próprio discurso, ele pensará antes naquilo que o Senhor diz ser conveniente ao bom espírito: «não penseis de que modo ou o que direis, pois se vos dará naquela hora o que haveis de dizer, pois não sois vós que falais, mas é o Espírito do vosso Pai que fala em vós» (Mt 19, 20). Portanto, se o Espírito Santo fala naqueles que são entregues por Cristo aos seus perseguidores, porque não fala naqueles que transmitem Cristo aos seus discípulos?

Consideratio quinta. XVI. 33. Quisquis autem dicit non esse hominibus praecipendum quid, vel quemadmodum doceant, si doctores Sanctus efficit Spiritus, potest dicere nec orandum nobis esse, quia Dominus ait «Scit Pater vester quid vobis necessarium sit, priusquam petatis ab eo» (*Id.* VI, 8), aut apostolum Paulum Timotheo et Tito non debuisse praecipere quid, vel quemadmodum praeciperent aliis. Quas tres apostolicas Epistolas ante oculos habere debet, cui est in Ecclesia persona doctoris imposita. Nonne in prima ad Timotheum legitur «annuntia haec et doce?» (*I Tim* IV, 11) Quae autem sint, supra dictum est. Nonne ibi est «Seniorem ne increpaveris, sed obsecra ut patrem?» (*Id.* V, 1). Nonne in secunda ei dicitur «Formam habe verborum sanorum, quae a me audisti?» (*II Tim* I, 13). Nonne ibi ei dicitur «Satis age, teipsum probabilem operarium exhibens Deo, non erubescens, verbum veritatis recte tractantem?» (*Id.* II, 15). Ibi est et illud, «*Praedica verbum, insta opportune, importune; argue, obsecra, increpa in omni longanimitate et doctrina*» (*II Tim* IV, 2). Itemque ad Titum nonne dicit episcopum iuxta doctrinam fidelis verbi perseverantem esse debere, «*ut potens sit in doctrina sana et contradicentes redarguere?*» (*Tit.* I, 9) Ibi etiam dicit: «*Tu vero loquere quae decet sanam doctrinam, senes sobrios esse*» (*Id.* II, 1,12), et quae sequuntur. Ibi et illud: «*Haec loquere et exhortare et increpa cum omni imperio. Nemo te contemnat*» (*Ibid.* 15). *Admone illos principibus et potestatibus subditos esse* » (*Id.* III, 1), et caetera. Quid ergo putamus? Numquid contra seipsum sentit Apostolus qui, cum dicat doctores operatione fieri Spiritus Sancti, ipse illis praecipit quid et quemadmodum doceant? An intelligendum est et hominum officia ipso Sancto Spiritu largiente, in docendis etiam ipsis doctoribus non debere cessare; et tamen neque qui plantat est aliquid, neque qui rigat, sed Deus qui incrementum dat? (*I Cor.* III, 7) Unde ipsis quoque ministris sanctis hominibus vel etiam sanctis angelis operantibus nemo recte discit quae pertinent ad vivendum cum Deo, nisi fiat a Deo docilis Deo, cui dicitur in Psalmo «*Doce me ut faciam voluntatem tuam, quoniam tu es Deus meus*» (*Ps.* CXLII, 10). Unde et ipsi Timotheo idem dicit Apostolus, loquens utique ad discipulum doctor: «*Tu autem persevera in his quae didicisti et tradita sunt tibi, sciens a quo didiceris*» (*II Tim* III, 14). Sicut enim corporis medicamenta, quae hominibus ab hominibus adhibentur, nonnisi eis prosunt quibus Deus operatur salutem, qui et sine illis mederi potest, cum sine ipso illa non possint, et tamen adhibentur; et si hoc officiose fiat, inter opera misericordiae vel beneficentiae deputatur: ita et adiumenta doctrinae tunc prosunt animae adhibita per hominem, cum Deus operatur ut prosint, qui potuit Evangelium dare homini, etiam non ab hominibus neque per hominem.

Quinta observação. XVI. 33. Mas alguém diz que não é aos homens que se deve dar o que ensinam ou como o ensinam, se o Espírito Santo forma mestres podia dizer que não precisamos de rezar, porque o Senhor diz: «o vosso Pai sabe o que vos é necessário antes de pedirdes por isso» (Id., 7, 8), do mesmo modo, se devia dizer que o apóstolo Paulo não devia prescrever a Timóteo e a Tito, o que recomendariam e como o recomendariam aos outros. A pessoa a quem na Igreja foi incumbida a missão de ensinar, deve ter sempre presente estas três Epístolas apostólicas. Porventura não se lê na Primeira Epístola a Timóteo: «anuncia estas verdades e ensina-as»? (I Tim 4, 11). Mas que verdades são estas, foi dito em alto. Não é verdade que está aí «tu não censuras um mais velho, mas lhe pedes como um pai»? (Id., 5, 1) Não é verdade que se lhe diz na Segunda Epístola a Timóteo «conserva a forma das palavras sãs, que ouviste de mim»? (II Tim 1, 13). Porventura não se lhe diz aí «faz tudo, mostrando-te a ti mesmo a Deus como um ministro recomendável, não como quem tem vergonha, mas como quem trata rectamente a palavra da verdade»? (Id. 2, 15). Aí está também escrito isso: «prega a palavra, insiste oportuna e inoportuna, censura, pede com ardor, repreende com toda a longanimidade e ciência»? (II Tim 4, 2). E porventura não disse o mesmo na Carta a Tito, que o bispo deve ser perseverante com a sua palavra na doutrina da fé «para que seja forte na sã doutrina e refutar os seus oponentes»? (Tit 1,9). Aí também diz: «mas convém que digas o que é conforme à sã doutrina, que os anciãos são sóbrios» (Id., 2, 1-2) e as coisas seguintes. Aí, ainda diz isso: «pregar estas verdades, exortar e repreender com toda a autoridade. Ninguém te menosprezará»? (Id. 15). Admoesta-os a serem submissos às autoridades e aos poderes» (Id. 3, 1), etc. Portanto, que pensamos nós? Porventura se contradisse a si mesmo o apóstolo que, depois de dizer que os mestres se tornam pela acção do Espírito Santo, ele mesmo deu-lhes o que ensinam e como o ensinam? Acaso se deve compreender antes que também os encargos dos homens através do mesmo Espírito Santo que abunda, não deve parar em ordem a instruir também os próprios mestres, mas que também nem quem planta é alguma coisa e nem quem irriga, mas Deus que faz crescer? (I Cor. 3, 7). Eis porque ainda que dos próprios ministros, homens santos, ou ainda dos santos Anjos que trabalham, ninguém aprende rectamente os princípios que interessam à vida com Deus, se não se tornar por Deus dócil para Deus, a quem se diz no salmo: «ensina-me a fazer a Tua vontade, porque Tu és o meu Deus» (Sl 142, 10). Daí que também ao próprio Timóteo, o apóstolo diz o mesmo, falando sobretudo como mestre para o seu discípulo: «mas persevera nestes ensinamentos que aprendeste e que foram confiados a ti, sabendo bem de quem os aprendeste» (II Tim 3, 14). Pois, assim como os remédios do corpo que são aplicados aos homens pelos homens não lhes fazem efeito a não ser àqueles a quem Deus dá saúde, também quem pode ser cuidado sem eles, porque sem o próprio, eles não podem cuidar, mas ainda assim são aplicados, e se isso acontecer com delicadeza, é considerado entre as obras de misericórdia ou de beneficência: assim também os auxílios da doutrina, administrados por um homem, são úteis então às almas, quando Deus faz que sejam úteis, Ele que podia dar o seu Evangelho ao homem, também sem os homens e nem por um homem.

Distinctio. XVII. 34. Qui ergo nititur dicendo persuadere quod bonum est, nihil illorum trium spernens, ut scilicet doceat, ut delectet, ut flectat; oret atque agat ut, quemadmodum supra diximus, intelligenter, libenter, obedienterque audiatur. Quod cum apte et convenienter facit, non immerito eloquens dici potest, etsi non eum sequatur auditoris assensus. Ad haec enim tria, id est ut doceat, ut delectet, ut flectat, etiam illa tria videtur pertinere voluisse idem ipse Romani auctor eloquii, cum itidem dixit «*Is erit igitur eloquens, qui poterit parva summis, modica temperate, magna granditer dicere*» (Cicero, *De Oratore*) : tanquam si adderet illa etiam tria, et sic explicaret unam eandemque sententiam, dicens: Is erit igitur eloquens, qui ut doceat poterit parva submittere ; ut delectet modica temperate, ut flectat magna granditer dicere.

Propositio prima. XVIII. 35. Haec autem tria ille, sicut ab eo dicta sunt, in causis forensibus posset ostendere; non autem hoc est in ecclesiasticis quaestionibus, in quibus hujusmodi, quem volumus informare, sermo versatur. In illis enim ea parva dicuntur, ubi de rebus pecuniariis judicandum est; ea magna, ubi de salute ac de capite hominum. Ea vero ubi nihil horum judicandum est nihilque agitur ut agat sive decernat, sed tantummodo ut delectetur auditor, inter utrumque quasi media et ob hoc modica, hoc est moderata dixerunt. Modicis enim modus nomen imposuit: nam modica pro parvis abusive, non proprie dicimus. In istis autem nostris, quandoquidem omnia, maxime quae de loco superiore populis dicimus, ad hominum salutem, nec temporariam, sed aeternam referre debemus, ubi etiam cavendus est aeternus interitus, omnia sunt magna quae dicimus, usque adeo ut nec de ipsis pecuniariis rebus vel acquirendis vel amittendis parva videri debeant quae doctor ecclesiasticus dicit, sive sit illa magna sive parva pecunia. Neque enim parva est justitia, quam profecto et in parva pecunia custodire debemus, dicente Domino «*Qui in minimo fidelis est; et in magno fidelis est*» (*Luc XVI, 10*). Quod ergo minimum est, minimum est; sed in minimo fidelem esse, magnum est. Nam sicut ratio rotunditatis, id est ut a puncto medio omnes lineae pares in extrema ducantur, eadem est in magno disco, quae in nummulo exiguo, ita ubi parva juste geruntur, non minuitur justitiae magnitudo.

Distinção. XVII. 34. Aquele pois que ao falar se esforça a persuadir o que é bom, sem desprezar estas três finalidades para ensinar, naturalmente, para agradar e para convencer, para rezar e agir, como o dissemos acima, em relação ao modo de proceder, seja ouvido com inteligência, com agrado e com docilidade. Quando faz isto apropriada e harmoniosamente, não sem razão, pode dizer-se orador, ainda que não lhe siga o consentimento do ouvinte. Com efeito, à estas três finalidades, isto é, para ensinar, agradar e convencer, também correspondem aqueles três géneros de estilo, como parece ter querido visar este mesmo autor da eloquência romana, quando igualmente disse: «portanto, este orador será quem puder dizer humildemente as pequenas ideias, comedidamente as ordinárias, sublimemente as grandíloquas» (Cícero, *De Oratore*, XXIX, 1, 101), como se ele juntasse àquelas três finalidades também os três estilos, e assim explicasse uma e mesma sentença, dizendo: portanto, será este orador, quem para ensinar, puder dizer humildemente as pequenas ideias, quem, para agradar, puder dizer as ideias ordinárias comedidamente, quem, para convencer, puder dizer as grandes ideias de modo sublime.

Primeira proposição. XVIII. 35. Mas ele podia mostrar estes três estilos, assim como por ele foram expressos nas causas forenses, mas não aqui, isto é, nas questões eclesiásticas de que se ocupa deste modo o seu discurso que queremos esboçar. Com efeito, nelas são expressas estas pequenas ideias quando se deve julgar as questões de dinheiro, estas grandes questões, quando se deve julgar a saúde e a vida dos homens, mas estas pequenas ideias em que nada delas se deve julgar, e nada se faz para que se realize ou para que decida, mas somente para que o ouvinte se agrade, no meio de um e de outro, quase no centro, e, por isso, esta eloquência chamaram-na *modica*, isto é, comedida. Pois o nome *modus* deu em *modicis*; na verdade, usamos abusivamente *modica* como sinónimo de *parva*, não em sentido próprio.

Mas para estes nossos discursos, visto que está tudo aí, principalmente aquilo de que falámos ao povo sobre a posição dominante para a salvação não temporária, mas eterna dos homens, as devemos remeter, em que também se deve ter cuidado com a morte eterna, todas as coisas que falámos são sublimes, de tal forma que, as coisas que o mestre eclesiástico diz sobre as mesmas questões pecuniárias de adquirir ou perder, não deviam ser vistas como pequenas, quer se trate de uma grande ou pequena soma de dinheiro. Pois, não é pequena a justiça que, na verdade, devemos conservar, mesmo nas pequenas somas de dinheiro, como diz o Senhor: «quem é fiel em coisas pequenas também o é em coisas grandes» (Lc 16, 10). Portanto, o que é pouco, é pouco, mas ser fiel em coisas pequenas, é coisa grande. Na verdade, assim como a razão da circularidade, isto é, que do ponto médio todas as linhas iguais são conduzidas para os extremos, é o mesmo que sucede num grande disco que numa exígua pequena moeda; assim, quando se cumprem com justiça as pequenas coisas, a grandeza da justiça não é diminuída.

36. De iudiciis denique saecularibus (quibus utique nisi pecuniariis?) cum loqueretur Apostolus «*Audet quisquam vestrum, inquit, adversus alterum negotium habens, judicari ab iniquis et non apud sanctos? An nescitis quia sancti mundum judicabunt? Et si in vobis judicatur mundus, indigni estis qui de minimis judicetis? Nescitis quoniam angelos judicabimus, nedum saecularia? Saecularia igitur iudicia si habueritis, eos qui contemptibiles sunt in Ecclesia, hos constituite ad iudicandum. Ad reverentiam vobis dico. Sic non est inter vos quisquam sapiens, qui possit inter fratrem suum iudicare? Sed frater cum fratre judicatur et hoc apud infideles. Iam quidem omnino delictum est, quia iudicia habetis vobiscum. Quare non magis iniquitatem patimini? Quare non potius fraudamini? Sed vos iniquitatem facitis et fraudatis et hoc fratres. An nescitis quia iniusti regnum Dei non haereditabunt?*»(I Cor. VI, 1-9). Quid est quod sic indignatur Apostolus, sic corripit, sic exprobrat, sic increpat, sic minatur? Quid est quod sui ani mi affectum tam crebra et tam aspera vocis mutatione testatur? Quid est postremo quod de rebus minimis tam granditer dicit? Tantumne de illo negotia saecularia meruerunt? Absit! Sed hoc facit propter iustitiam, caritatem, pietatem, quae nulla sobria mente dubitante etiam in rebus quamlibet parvulis magna sunt.

37. Sane si moneremus homines quemadmodum ipsa negotia saecularia vel pro se vel pro suis apud ecclesiasticos iudices agere deberent, recte admoneremus ut agerent tanquam parva submissee. Cum vero de illius viri disseramus eloquio, quem volumus earum rerum esse doctorem quibus liberamur ab aeternis malis atque ad aeterna pervenimus bona; ubicumque agantur haec, sive apud populum sive privatim, sive ad unum sive ad plures, sive ad amicos sive ad inimicos, sive in perpetua dictione sive in colloctione, sive in tractatibus sive in libris, sive in epistolis vel longissimis vel brevissimis, magna sunt. Nisi forte quoniam calix aquae frigidae res minima atque vilissima est, ideo minimum aliquid atque vilissimum Dominus ait, quod eum qui dederit discipulo eius non perdet mercedem suam (*Math X, 42*): aut vero quando iste doctor in Ecclesia facit inde sermonem, parvum aliquid debet existimare se dicere; et ideo non temperate, non granditer, sed submissee sibi esse dicendum. Nonne quando accidit ut de hac re loqueremur ad populum et Deus adfuit ut non incongrue diceremus, tanquam de illa aqua frigida quaedam flamma surrexit (*II Mach I, 32*), quae etiam frigida hominum pectora ad misericordiae opera facienda, spe caelestis mercedis accenderet?

36. E, finalmente, quando o Apóstolo fala dos tribunais seculares (de que não trata, senão sobretudo de dinheiro?) diz: «cada um de vós ousará, tendo uma causa contra o outro, ser julgado pelos injustos e não diante dos justos? Porventura não sabeis que os justos julgarão o mundo? E se em vós o mundo será julgado, sois vós incapazes de julgar as questões de muito pouca importância? Não sabeis que julgaremos os anjos, quanto mais as questões seculares? Portanto, se tiverdes juízes seculares, estabelecei como juízes, os que são desprezíveis na Igreja, para os julgar. Eu digo-vos para a vossa vergonha. Assim, não há entre vós algum sábio que possa fazer o serviço de juiz entre os seus irmãos? Mas o irmão é julgado com o irmão e isto diante dos não crentes. Mas já é completamente um delito que tenhais convosco acções judiciais. Porque não suportais mais a iniquidade? Porque não vos deixais antes defraudar? Mas fazeis a iniquidade, não só defraudais, como nisto, defraudais os irmãos. Ignorais, porventura, que os injustos não herdarão o reino de Deus?» (1 Cor 6, 1-9). Porque é que se indigna assim o apóstolo, ataca violentamente, censura, repreende e ameaça? O que é que exprime a emoção da sua alma tão densa e tão rugosa com a mudança da voz? O que é que finalmente diz sobre as questões de muito pouca importância a ponto de as dizer de modo solene? As preocupações do mundo mereceram tanta atenção dele? Longe disso! Mas, faz isso por causa da justiça, da caridade e da piedade que nenhuma mente sã duvida, tanto quanto se queira, mesmo em questões mais pequenas, são grandes.

37. Se advertíssemos sabiamente os homens do modo como devem tratar estas questões seculares, por si ou pelos seus, diante dos juízes eclesiásticos, nós os aconselharíamos justamente para os tratar simplesmente tal como as pequenas questões, mas, como tínhamos dito, sobre a expressão deste homem que queremos que seja o mestre destas questões pelas quais somos libertos do mal eterno e chegamos aos bens eternos, em qualquer parte em que estas questões são tratadas, em público ou em privado, por um só ou por muitos, pelos amigos ou pelos inimigos, num discurso ininterrupto ou numa conversa, nos tratados ou nos livros, nas cartas muito longas ou muito breves, são sempre grandes. A não ser talvez porque o copo da água fresca é uma questão de muito pouca importância e muito vil, por isso, o Senhor diz alguma coisa de muito pouca importância e muito vil, quando diz: porque aquele que o der ao seu discípulo não perderá a sua recompensa (Mt 10, 42). Mas quando este mestre faz daí um discurso, na Igreja, deve julgar que fala de alguma questão insignificante e, por isso, deve exprimir-se, não com moderação, nem com sublimidade, mas, por si, deve exprimir-se com simplicidade. Porventura não chega, quando falarmos desta questão ao povo e Deus assista, para o dissermos não de modo impróprio, como daquela água fria em que se levantou alguma chama (II Mac 1, 32) que abrasaria também o coração dos homens frígido, para realizar as obras de misericórdia, na esperança da recompensa celeste?

Propositio secunda. XIX. 38. Et tamen cum doctor iste debeat rerum dictor esse magnarum, non semper eas debet granditer dicere, sed submisse cum aliquid docetur; temperate cum aliquid vituperatur sive laudatur: cum vero aliquid agendum est, et ad eos loquimur, qui hoc agere debent nec tamen volunt, tunc ea quae magna sunt, dicenda sunt granditer, et ad flectendos animos congruenter. Et aliquando de una eademque re magna et summisse dicitur si docetur, et temperate si praedicatur; et granditer, si aversus inde animus ut convertatur impellitur. Quid enim Deo ipso maius est? Numquid ideo non discitur? Aut qui docet unitatem Trinitatis, debet nisi summissa disputatione agere, ut res ad dignoscendum difficilis, quantum datur, possit intellegi? Numquid hic ornamenta et non documenta quaeruntur? Numquid ut aliquid agat est flectendus auditor et non potius ut discat instruendus? Porro cum laudatur Deus sive de seipso sive de operibus suis, quanta facies pulchrae ac splendidae dictionis oboritur ei qui potest quantum potest laudare, quem nemo convenienter laudat, nemo quomodocumque non laudat! At si non colatur aut cum illo vel etiam prae illo colantur idola sive daemonia sive quaecumque creatura; quantum hoc malum sit atque ut ab hoc malo avertantur homines, debet utique granditer dici.

Exempla primi generis ex Paulo. XX. 39. Submissae dictionis exemplum est apud apostolum Paulum, ut planius aliquid commemorem, ubi ait: *«Dicite mihi, sub lege volentes esse legem non audistis? Scriptum est enim quod Abraham duos filios habuit, unum de ancilla et unum de libera, sed ille quidem qui de ancilla, secundum carnem natus est; qui autem de libera, per repromissionem. Quae sunt in allegoria. Haec enim sunt duo Testamenta: unum quidem a monte Sina in servitutem generans, quae est Agar. Sina enim mons est in Arabia, quae conjuncta est huic quae nunc est Hierusalem, et servit cum filiis suis. Quae autem sursum est Hierusalem, libera est, quae est mater nostra (Galat. IV, 21-26), etc. Itemque ubi ratiocinatur et dicit: «Fratres, secundum hominem dico, tamen hominis confirmatum testamentum nemo irritum facit aut superordinat. Abrahae dictae sunt promissiones et semini eius. Non dicit: Et seminibus, tanquam in multis, sed tanquam in uno: Et semini tuo, quod est Christus. Hoc autem dico: testamentum confirmatum a Deo, quae post quadringentos et triginta annos facta est lex non infirmat ad evacuandas promissiones. Si enim lege haereditas, iam non ex promissione; Abrahae autem per repromissionem donavit Deus. Et quia occurrere poterat audientis cogitationi, Utquid ergo lex data est, si ex illa non est haereditas? Ipse sibi hoc objecit, atque ait, velut interrogans: «Quid ergo lex?» Deinde respondit: «Transgressionis gratia proposita est, donec veniret semen cui promissum est, dispositum per angelos in manu Mediatoris. Mediator autem unius non est, Deus vero unus est».*

Segunda proposição. XIX. 38. Mas como este mestre deve ser um expoente de grandes questões, nem sempre as deve dizer com sublimidade, mas com simplicidade, quando se ensina alguma coisa, com moderação, quando se repreende ou se louva alguém; mas quando é tratada alguma coisa, e nós falamos diante deles, os que devem tratar disto porém não querem, então estas coisas que são grandes questões, devem ser expostas com sublimidade para convencer também os espíritos dum modo apropriado. E de vez em quando, se se ensina, fala-se de uma mesma e única grande questão com sublimidade; e com moderação, se se prega; e com sublimidade, se se estimular daí o espírito desviado para se converter. Com efeito, que há de grande que o próprio Deus? Será, porventura, pela razão de que não é aprendido? Ou quem ensina a unidade da Trindade, não a deve tratar, a não ser com simples discussão, de modo que a questão que se dá tão difícil, por si mesma, para ser distinguida, possa ser compreendida? Acaso haverá aqui ornamentos e não procuram argumentos? Acaso para tratar de alguma coisa, o ouvinte deve ser convencido e não antes ser instruído para aprender? Todavia, quando Deus é exaltado em si mesmo ou nas suas obras, que belo e esplêndido aspecto da expressão que surge daquele que pode quanto pode louvar Aquele que ninguém louva convenientemente e ninguém louva de qualquer modo que seja! Contudo, se não é honrado ou se se honra com Ele ou mesmo antes d'Ele se honram os ídolos ou os demónios, ou qualquer outra criatura, deve ser expresso sobretudo com sublimidade quanto isso é mau, e para que os homens se afastem deste mal.

Exemplos do primeiro estilo de Paulo. XX. 39. Um exemplo duma expressão simples encontra-se no Apóstolo Paulo, para mencionar alguma coisa mais nitidamente. Aí diz ele: «dizei-me, vós que quereis estar sob a Lei, não ouvistes a Lei? Pois, está escrito que Abraão teve dois filhos, um da escrava, outro da mulher livre, mas aquele que nasceu da escrava é segundo a carne, mas quem nasceu da mulher livre é segundo a promessa; estas coisas estão em alegoria. Com efeito, estes são os dois Testamentos, mas um, o do monte Sinai que nasce na servidão, esta é Agar. Pois, o monte Sinai está na Arábia, que está unida àquela que é hoje Jerusalém e ela é escrava com os seus filhos. Mas esta é a Jerusalém do alto, ela é livre, ela é a nossa mãe» (Gál 4, 21-26), etc. E do mesmo modo, quando argumenta e diz: «irmãos, falo de modo humano, mas nenhum testamento ratificado pelo homem se torna írrito ou se superordena. As promessas foram feitas à Abraão e à sua descendência. E não diz: «às suas descendências» como se fossem muitos, mas a um só e à tua descendência, que é Cristo. Mas isso, digo eu: um testamento estabelecido por Deus, que a Lei fez quatrocentos e trinta anos depois, não anula as promessas para as esvaziar. Pois, se a herança vem da Lei, já não veio da promessa. Mas Deus a deu a Abraão em virtude da promessa». E porque poderia ocorrer no pensamento do ouvinte portanto, porque a Lei foi dada, se a herança não vem dela? Ele próprio colocou-se isso a si mesmo e responde como se interrogando: «porque então a Lei?» depois responde: «foi promulgada por causa das transgressões, até que venha a descendência à quem foi prometida, disposta pelos Anjos na mão de um Mediador. Todavia, o Mediador não o é dum só, enquanto Deus é um só».

Et hic occurrebat, quod sibi ipse proposuit: «Lex ergo adversus promissa Dei?» Et respondit: «Absit!» : reddiditque rationem, dicens: «Si enim data esset lex quae posset vivificare, omnino ex lege esset justitia. Sed conclusit Scriptura omnia sub peccato, ut promissio ex fide Iesu Christi daretur credentibus» et caetera, (Galat III, 15-22) vel si quid ejusmodi est. Pertinet ergo ad docendi curam non solum aperire clausa et nodos solvere quaestionum, sed etiam dum hoc agitur, aliis quaestionibus, quae fortassis inciderint, ne id quod dicimus improbetur per illas aut refellatur, occurrere: si tamen et ipsa earum solutio pariter occurrerit, ne moveamus quod auferre non possumus. Fit autem ut, cum incidentes quaestioni aliae quaestiones et aliae rursus incidentibus incidentes pertractantur atque solvuntur, in eam longitudinem ratiocinationis extendatur intentio, ut nisi memoria plurimum valeat atque vigeat, ad caput unde agebatur disputator redire non possit. Valde autem bonum est ut quidquid contradici potest, si occurrerit, refutetur, ne ibi occurrat ubi non erit qui respondeat, aut praesenti quidem, sed tacenti occurrat et minus sanatus abscedat.

Exempla secundi generis. 40. In illis autem apostolicis verbis dictio tempe rata est «*Seniorem ne increpaveris, sed obsecra ut patrem, iuniores ut fratres, anus ut matres, adulescentulas ut sorores*» (I Tim V, 1-2). Et in illis: «*Obsecro autem vos, fratres, per miserationem Dei, ut exhibeatis corpora vestra hostiam vivam, sanctam, Deo placentem*». Et totus fere ipsius exhortationis locus temperatum habet elocutionis genus. Ubi illa pulchriora sunt in quibus propria propriis tanquam debita reddita decenter excurrunt, sicuti est «*Habentes dona diversa secundum gratiam quae data est nobis, sive prophetiam, secundum regulam fidei; sive ministerium, in ministrando: sive qui docet, in doctrina; sive qui exhortatur, in exhortatione; qui tribuit in simplicitate; qui praeest, in sollicitudine; qui miseretur, in hilaritate. Dilectio sine simulatione, odio habentes malum, adherentes bono, caritate fraternitatis invicem diligentes, honore mutuo praevenientes, studio non pigri, spiritu ferventes, Domino servientes, spe gaudentes, in tribulatione patientes, orationi instantes, necessariis sanctorum communicantes, hospitalitatem sectantes. Benedicite persequentes vos, benedicite et nolite maledicere. Gaudere cum gaudentibus, flere cum flentibus, id ipsum invicem sentientes*» (Rom XII, 1. 6-16). Et quam pulchre ista omnia sic effusa bimembri circuitu terminantur «*Non alta sapientes, sed humilibus consentientes !*» Et aliquanto post «*In hoc ipso*», inquit, «*perseverantes, reddite omnibus debita: cui tributum, tributum; cui vectigal, vectigal; cui timorem, timorem; cui honorem, honorem*».

E aqui ocorria o que o próprio Apóstolo se proporia a si mesmo: então, a Lei é contra as promessas de Deus? E responde: «absolutamente não!» e dá o argumento dizendo: «se, com efeito, a Lei fosse dada que pudesse vivificar, então a justiça viria completamente da Lei. Mas a Escritura encerrou tudo sob o pecado para que a promessa seja dada aos que crêem mediante a fé em Jesus Cristo» (Gal, 3, 15-22) e outros argumentos deste género.

Interessa, portanto, no cuidado de ensinar, não só de abrir as fechaduras e soltar os nós das questões, mas também, enquanto se trata isto, resolver as outras questões, que eventualmente venham a acontecer, para que o que nós dissemos não seja desaprovado ou refutado por aquelas, mas se esta solução delas ocorrer igualmente no nosso espírito, para não nos movermos porque não podemos resolvê-las todas. Contudo, acontece que, quando as questões acidentais vêm duma outra questão e quando, por sua vez, os incidentes da outra questão vêm de novo sobrepostas, são examinadas com atenção e são resolvidas; a intenção estende-se para esta longitude do argumento, para que, a não ser que a memória tenha muita força e seja excelente, não possa voltar à questão original da qual o argumentador tratava. Todavia, certamente é bom que tudo possa ser questionado, se ocorrer, seja refutado, para não ocorrer lá onde não houver quem responda ou à quem certamente estiver presente, mas que ocorra a quem estiver calado e se vá embora também o menos bom de espírito.

Exemplos do segundo estilo. 40. Contudo, nessas palavras apostólicas, a expressão é comedida: «não repreendas um ancião com dureza, mas suplica-o como um pai, os jovens como irmãos, as anciãs como mães, as adolescentes como irmãs» (I Tim 5, 1-2). E naquelas outras: «mas eu vos peço, irmãos, pela misericórdia de Deus que apresenteis os vossos corpos como uma hóstia viva, santa, agradável a Deus». E toda a passagem desta exortação tem quase sempre um estilo moderado duma expressão em que as partes mais belas são aquelas em que as próprias ideias fluem tão harmoniosamente como débitos restituídos, conforme está: «tendo dons variados segundo a graça que nos foi dada, ou a profecia, segundo a regra da fé, o ministério em ordem a exercer o ministério, quem ensina, em ordem à doutrina, quem exorta, em ordem à exortação, o que distribui, para o fazer na simplicidade, quem manda, para o fazer na solícitude, quem é misericordioso, que o seja com alegria. Que o amor seja sem hipocrisia, tende o mal como uma repugnância, aderi ao bem, amai-vos uns aos outros com caridade fraterna, sede diligentes, tomai a dianteira na honra recíproca, não sejais indolentes no zelo, sede fervorosos no espírito, servi ao Senhor, sede alegres na esperança, pacientes na tribulação, perseverantes na oração, provei às necessidades dos santos, segui a hospitalidade. Abençoai os que vos perseguem, abençoai e não os amaldiçoeis. Alegrai-vos com os que se alegram, chorai com os que choram, tende entre vós os mesmos sentimentos» (Rm 12, 1. 6-16). E quão belas são todas estas frases assim distribuídas, são terminadas num período de dois membros: «não aspireis grandeza, mas afeiçoi-vos às coisas humildes»! E um pouco depois, diz: «sede perseverantes, dai a todos o que lhes é devido, o tributo a quem é devido o tributo, o imposto a quem é devido o imposto, o temor a quem é devido o temor, a honra a quem é devida a honra».

Quae membratim fusa clauduntur etiam ipsa circuitu, quem duo membra contexunt «*Nemini quidquam debeatis, nisi ut invicem diligatis*». Et post paululum: «*Nox praecessit*», inquit, «*dies autem appropinquavit. Abiciamus itaque opera tenebrarum et induamus arma lucis. Sicut in die honeste ambulemus, non in comessionibus et ebrietatibus, non in cubilibus et impudiciis, non in contentione et aemulatione; sed induite Dominum Iesum Christum, et carnis providentiam ne feceritis in concupiscentiis*» (*Id.* XIII, 6-8, 12-14). Quod si quisquam ita diceret: Et carnis providentiam ne in concupiscentiis feceritis; sine dubio aures clausula numerosiore mulceret : sed gravior interpret etiam ordinem maluit tenere verborum. Quomodo autem hoc in Graeco eloquio sonet, quo est locutus Apostolus, viderint eius eloquii usque ad ista doctiores : mihi tamen quod nobis eodem verborum ordine interpretatum est, nec ibi videtur currere numerose.

41. Sane hunc elocutionis ornatum, qui numerosis fit clausulis, deesse fatendum est auctoribus nostris. Quod utrum per interpretes factum sit an (quod magis arbitror) consulto illi haec plausibilia devitaverint, affirmare non audeo, quoniam me fateor ignorare. Illud tamen scio, quod si quisquam huius numerositatis peritus illorum clausulas eorumdem numerorum lege componat, quod facillime fit mutatis quibusdam verbis, quae tantumdem significatione valent, vel mutato eorum quae invenerit ordine; nihil illorum quae velut magna in scholis grammaticorum aut rhetorum didicit, illis divinis viris defuisse cognoscet et multa reperiet locutionis genera tanti decoris, quae quidem et in nostra, sed maxime in sua lingua decora sunt, quorum nullum in eis quibus isti inflantur litteris invenitur. Sed cavendum est ne divinis gravibusque sententiis, dum additur numerus, pondus detrahatur. Nam illa musica disciplina, ubi numerus iste plenissime discitur, usque adeo non defuit Prophetis nostris ut vir doctus Hieronymus quorumdam etiam metra commemoret, in hebraea dumtaxat lingua (*Hieron. in prologo super Job*): cuius ut veritatem servaret in verbis, haec inde non transtulit. Ego autem ut de sensu meo loquar, qui mihi quam aliis et quam aliorum est utique notior, sicut in meo eloquio, quantum modeste fieri arbitror, non praetermitto istos numeros clausularum; ita in auctoribus nostris hoc mihi plus placet, quod ibi eos rarissime invenio.

Estas frases distribuídas por incisos fecham-se também elas mesmas num período, que os dois membros reúnem: «a ninguém tendes alguma dívida, a não ser, que vos ameis mutuamente». E mais um pouco depois, diz: «a noite está adiantada, mas o dia se aproximou. Abandonemos pois, as obras das trevas e revistamo-nos com as armas da luz, caminhemos virtuosamente como em pleno dia, não andemos em comezainas e embriaguez, em orgias e em imoralidades, nem em rivalidade, nem em ciúme, mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não façais provisão da carne para a concupiscência» (id. 13, 6-8; 12-14). Porque, se alguém dissesse assim: *et carnis providentiam ne in concupiscentiis feceritis*, sem dúvida, a frase encantaria os ouvidos com a mais harmoniosa conclusão, mas um tradutor mais rígido preferiu manter também a ordem das palavras. Mas do modo como isto soa no discurso em Grego, língua em que o Apóstolo falou, os seus discursos verão até os mais instruídos nesta língua. Mas para mim, o que nos foi traduzido na mesma ordem de palavras, não me parece fluir ali harmoniosamente.

41. Realmente, deve-se reconhecer que falta aos nossos autores este ornamento da oratória que se faz com conclusões harmoniosas. O que porventura, foi feito pelos tradutores, se (o que julgo mais provável) eles evitaram por deliberação estes louváveis artifícios, não ousou afirmar, porque reconheço que desconheço. Mas sei apenas isso, porque se alguém conhecedor desta harmonia reunir, pela lei dos números, as conclusões das frases daqueles mesmos autores, o que se faz muito facilmente mudando algumas palavras que valem unicamente pelo sentido ou mudando a ordem das palavras que tenha encontrado, reconhecerá que nada das coisas que aprendeu nas escolas dos gramáticos ou dos oradores, como sendo de grande valor, faltou àqueles homens divinos e descobrirá neles muitos tipos de expressões de tanto ornamento, que, na verdade, estão também na nossa língua, mas estão principalmente na língua deles e dos quais, nenhum não se encontra nesta literatura, de que estes oradores se orgulham. Contudo, deve-se ter cuidado para, enquanto se junta a harmonia à estas divinas e pesadas frases, não se depreciar a sua autoridade. Na verdade, esta arte musical em que se aprende mais plenamente esta ciência dos números, de tal forma, não faltou aos nossos Profetas, que Jerónimo, homem muito dotado, dentre eles, se referisse também da métrica, pelo menos na língua hebraica (Hier. In *prologo super Job*) de que, para que se conservasse a verdade nas palavras, estas não foram aí traduzidas. Mas eu, para falar do meu sentido, que é mais meu do que para os outros e dos outros finalmente, o mais conhecido, como no meu discurso, julgo o ter feito quanto modestamente, não prefiro estas harmonias dos finais (das frases); assim, isso me agrada mais nos nossos autores, porque aí, as encontro muito raramente.

42. Grande autem dicendi genus hoc maxime distat ab isto genere temperato, quod non tam verborum ornatibus comptum est, quam violentum animi affectibus. Nam capit etiam illa ornamenta paene omnia, sed ea si non habuerit, non requirit. Fertur quippe impetu suo et elocutionis pulchritudinem, si occurrerit, vi rerum rapit, non cura decoris assumit. Satis enim est ei propter quod agitur ut verba congruentia non oris eligantur industria, sed pectoris sequantur ardorem. Nam si aurato gemmatoque ferro vir fortis armetur, intentissimus pugnae agit quidem illis armis quod agit, non quia pretiosa, sed quia arma sunt; idem ipse est tamen et valet plurimum, etiam cum rimanti telum ira facit. Agit Apostolus ut pro evangelico ministerio patienter mala huius temporis, cum solatio donorum Dei, omnia tolerentur. Magna res est, et granditer agitur, nec desunt ornamenta dicendi «*Ecce*», inquit, «*nunc tempus acceptabile, ecce nunc dies salutis. Nullam in quoquam dantes offensionem, ut non reprehendatur ministerium, sed in omnibus commendantes nosmetipsos ut Dei ministros, in multa patientia, in tribulationibus, in necessitatibus, in angustiis, in plagis, in carceribus, in seditionibus, in laboribus, in vigiliis, in ieiuniis, in castitate, in scientia, in longanimitate, in benignitate, in Spiritu Sancto, in caritate non ficta, in verbo veritatis, in virtute Dei; per arma iustitiae dextra et sinistra, per gloriam et ignobilitatem, per infamiam et bonam famam, ut seductores et veraces, ut qui ignoramur et cognoscimur, quasi morientes et ecce vivimus, ut coerciti et non mortificati, ut tristes, semper autem gaudentes, sicut egeni, multos autem ditantes, tamquam nihil habentes et omnia possidentes*». Vide adhuc ardentem: «*Os nostrum patet ad vos, o Corinthii; cor nostrum dilatatum est*» (II Cor VI, 2-11) et cetera, quae persequi longum est.

43. Itemque ad Romanos agit, ut persecutiones huius mundi caritate vincantur, spe certa in adiutorio Dei. Agit autem et granditer et ornate: «*Scimus*», inquit, «*quoniam diligentibus Deum omnia cooperantur in bonum, his qui secundum propositum vocati sunt. Quoniam quos ante praescivit, et praedestinavit conformes imaginis Filii sui, ut sit ipse primogenitus in multis fratribus. Quos autem praedestinavit, illos et vocavit; et quos vocavit, ipsos et iustificavit; quos autem iustificavit, illos et glorificavit. Quid ergo dicemus ad haec? Si Deus pro nobis, quis contra nos? Qui Filio proprio non pepercit, sed pro nobis omnibus tradidit eum, quomodo non etiam cum illo omnia nobis donavit? Quis accusabit adversus electos Dei? Deus qui iustificat? Quis est qui condemnat? Christus Iesus qui mortuus est, magis autem qui resurrexit, qui et est in dextera Dei, qui et interpellat pro nobis? Quis nos separabit a caritate Christi? Tribulatio? an angustia? an persecutio? an fames? an nuditas? an periculum? an gladius? Sicut scriptum est: " Quia propter te mortificamur tota die, aestimati sumus ut oves occisionis*» (Ps XLIII, 22).

Exemplo do terceiro estilo. 42. Mas quanto ao estilo de expressão solene, este estilo demarca-se extremamente deste estilo moderado, não tanto porque foi burilado com ornamentos de palavras, mas porque não exprime mais do que o impetuoso pelos sentimentos da alma. Na verdade, ele toma também quase todos estes ornamentos, mas se não os tiver, não os procura. Na verdade, é levado pelo seu impulso e se descobrir a beleza do discurso, toma à força as questões, não toma consigo os cuidados da beleza. Com efeito, lhe é bastante por causa do que se trata, para que as palavras apropriadas não sejam escolhidas pelo esforço da boca, mas que sigam o ardor do coração. Na verdade, se um homem forte se armar com um gomo dourado e de jóias, muito aplicado ao combate, efectivamente faz o que faz com estas armas, não porque são preciosas, mas porque são armas, quanto a ele, por vezes, é o mesmo e vale muito mais ainda quando a cólera exasperada lhe fizer uma arma.

O Apóstolo trata de suportarem pacientemente todos os males deste tempo, pelo ministério evangélico, com a consolação dos dons de Deus. Eis uma grande questão e lhe trata de forma solene, não faltam os ornamentos de expressão. Diz ele: «eis agora o tempo oportuno, eis os dias da salvação, não demos a ninguém nenhum escândalo, para que o nosso ministério não seja censurado, mas em tudo, estimemo-nos, para que, como ministros de Deus por muita paciência, nas tribulações, nas necessidades, nas angústias, nas desgraças, nas prisões, nas contendas, nos trabalhos, nas vigílias, nos jejuns, na castidade, na ciência, na longanimidade, na benignidade, no Espírito Santo, na caridade sem fingimento, na palavra da verdade, no poder de Deus, pela arma da justiça da direita e da esquerda, pela glória e pela ignobilidade, pela infâmia e pela boa reputação, como impostores, e autênticos, como que somos ignorados, e somos conhecidos, como se moribundos, e eis que vivemos, como oprimidos, e não aniquilados, tristes, mas sempre alegres, como pobres, mas enriquecidos com muitas coisas, como nada tendo, e possuímos tudo». Vede o que ainda brilha: «a nossa boca se abre para vós, ó Corintos, o nosso coração dilatou-se» (II Cor. 6, 2-11) e de resto, que é longo para ser seguido.

43. E na Carta aos Romanos fez o mesmo, para que perseguições deste mundo sejam vencidas pela caridade, com firme esperança no auxílio de Deus. Mas o faz solene e elegantemente, e diz: «nós sabemos, que tudo concorre para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu desígnio. Porque aqueles que de antemão conheceu, também os predestinou, à semelhança da imagem do seu Filho, para que Este seja o Primogénito de muitos irmãos. Mas os que predestinou, também os chamou, estes também os justificou, mas os que justificou também os glorificou. Portanto, quanto a isto, que diremos? Se Deus é por nós, quem será contra nós? Ele que não poupou o seu próprio Filho, mas que O entregou por todos nós, como não nos deu também tudo com Ele? Quem acusará contra os eleitos de Deus? Deus que justifica? Quem é que os condenará? Cristo Jesus que morreu, mas muito mais, que ressuscitou, que está à direita de Deus, que também intercede por nós? Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação? A angústia? A perseguição? A fome? A nudez? O perigo? Ou a espada? Como está escrito: «uma vez que, por causa de ti estamos expostos à morte todo o dia, somos considerados como ovelhas do matadouro» (Sl 43, 22).

«Sed in his omnibus supervincimus per eum qui dilexit nos. Certus sum enim quia neque mors neque vita neque angelus neque principatus neque praesentia neque futura neque virtus neque altitudo neque profundum neque creatura alia poterit nos separare a caritate Dei, quae est in Christo Iesu Domino nostro» (Rom VIII, 28-39).

44. Ad Galatas autem quamvis tota illa Epistola submisso dicendi genere scripta sit, nisi in extremis partibus ubi est eloquium temperatum, tamen interponit quemdam locum eo motu animi, ut sine ullis quidem talibus ornamentis qualia sunt in iis quae modo posuimus, non posset tamen nisi granditer dici. *«Dies», inquit, «observatis et menses et annos et tempora. Timeo vos, ne forte sine causa laboraverim in vos. Estote sicut et ego, quoniam et ego sicut vos. Fratres, precor vos, nihil me laesistis. Scitis quia per infirmitatem carnis iam pridem evangelizavi vobis, et temptationem vestram in carne mea non sprevisistis neque respuistis, sed sicut angelum Dei excepistis me, sicut Christum Iesum. Quae ergo fuit beatitudo vestra? Testimonium vobis perhibeo, quoniam si fieri posset, oculos vestros eruissetis et dedissetis mihi. Ergo inimicus factus sum vobis verum praedicans? Aemulantur vos non bene, sed excludere vos volunt, ut eos aemulemini. Bonum est autem aemulari in bono semper, et non solum cum praesens sum apud vos. Filioli mei, quos iterum parturio donec Christus formetur in vobis. Vellem autem nunc adesse apud vos et mutare vocem meam, quia confundor in vobis (Gal IV, 10-20).* Numquid hic aut contraria contrariis verba sunt reddita aut aliqua gradatione sibi subnexa sunt aut caesa et membra circuitusve sonuerunt? Et tamen non ideo tepuit grandis affectus, quo eloquium fervere sentimus.

«Mas em tudo isto triunfamos por Ele que nos amou. Pois estou certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem as supremacias, nem as coisas presentes nem as que hão-de vir, nem as potestades, nem a altura, nem o abismo, nem uma outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Nosso Senhor Jesus Cristo» (Rm 8, 28-39).

44. Mas na Carta aos Gálatas, em toda esta Epístola, embora a tenha escrito em estilo simples de expressão, salvo nas partes finais em que o discurso é moderado, contudo, intercala alguma passagem com este movimento do espírito que, na verdade, sem aqueles tais ornamentos, que estão nestes passos que ora citámos, ele não poderia porém falar, a não ser com solenidade. Diz ele «vós observais os dias, os meses, os anos e as estações. Temo-vos que tenha trabalhado debalde entre vós. Sede também como eu, porque eu também sou como vós; peço-vos, irmãos, em nada me ofendestes. Sabeis que, por causa de uma doença carnal, anunciei-vos o Evangelho já pela primeira vez e, embora na minha carne, desdenhastes as vossas provações, não recusastes, todavia, me recebestes como um anjo de Deus, como a Cristo Jesus. Com efeito, qual foi então a vossa felicidade? Rendo-vos testemunho, porque se pudesse ser, teríeis arrancado os vossos olhos e dar-mos-íeis. Portanto, me tornei vosso inimigo por vos pregar a verdade? Eles imitam-vos, não honestamente, mas querem vos excluir, a fim de os imitardes. Contudo, é bom imitar sempre o bem, não somente quando estou presente junto de vós. Meus filhinhos, por quem sinto de novo as dores de parto até que Cristo seja formado em vós. Eu queria, porém, permanecer agora junto de vós e mudar o tom da minha voz, porque eu estou perplexo a vosso respeito» (Gál 4, 10-20). Haverá, porventura nesta passagem, palavras antitéticas, traduzidas com antíteses ou haverá algumas palavras que estão ligadas por si em gradação ou soaram também frases incisivas ou membros de períodos? Mas também não é, por isso, que ela se tornou tépida, a grande paixão com que sentimos a efervescência do discurso.

Exemplum primi generis ex Cypriano. XXI. 45. Sed apostolica ista sic clara sunt, ut et profunda sint, atque ita conscripta memoriaeque mandata ut non solum lectore vel auditore, verum etiam expositore opus habeant, si quis in eis non superficie contentus altitudinem quaerat. Quapropter videamus ista genera dicendi in eis qui istorum lectione ad rerum divinarum atque salubrium scientiam profecerunt eamque Ecclesiae ministrarunt. Beatus Cyprianus submisso dicendi genere utitur in eo libro ubi de sacramento calicis disputat. Solvitur quippe ibi quaestio, in qua quaeritur utrum calix dominicus aquam solam an eam vino mixtam debeat habere. Sed exempli gratia aliquid inde ponendum est. Post principium ergo epistolae, iam solvere incipiens propositam quaestionem: *«Admonitos autem nos scias»,* inquit, *«ut in calice offerendo dominica traditio servetur, neque aliud fiat a nobis, quam quod pro nobis Dominus prior fecit, ut calix qui in commemorationem eius offertur mixtus vino offeratur. Nam cum dicat Christus: «Ego sum vitis vera» (Joan. XV, 5); «sanguis Christi non aqua est utique, sed vinum. Nec potest videri sanguis eius, quo redempti et vivificati sumus, esse in calice, quando vinum desit calici quo Christi sanguis ostenditur, qui Scripturarum omnium sacramento ac testimonio praedicetur. Invenimus enim in Genesi circa sacramentum Noe hoc idem praecucurrisse et figuram dominicae passionis illic exstitisse, quod vinum bibit, quod inebriatus est, quod in domo sua nudatus est, quod fuit recubans nudis et patentibus femoribus, quod nuditas illa patris a medio filio denotata est, a maiore vero et minore contacta (Gen IX, 20-23), «et cetera quae necesse non est exsequi, cum satis sit hoc solum complecti, quod Noe typum futurae veritatis ostendens, non aquam sed vinum biberit; et sic imaginem dominicae passionis expresserit. Item in sacerdote Melchisedech dominicum sacramentum praefiguratum videmus, secundum quod Scriptura divina testatur et dicit: «Et Melchisedech rex Salem protulit panem et vinum. Fuit autem sacerdos Dei summi et benedixit Abraham» (Id. XIV, 18). «Quod autem Melchisedech typum Christi portaret, declarat in Psalmis Spiritus Sanctus ex persona Patris ad Filium dicens: «Ante Luciferum generavi te. Tu es sacerdos in aeternum secundum ordinem Melchisedech» (Ps CX, 4). Haec et alia quae sequuntur huius epistulae submissae dictionis modum servant, quod facile est explorare legentibus.*

O exemplo do primeiro estilo de Cipriano. XXI. 45. Estas palavras, porém do Apóstolo, são tão claras a tal ponto que também são profundas, e foram escritas e transmitidas à posteridade de tal modo que não exigem trabalho somente para um leitor ou para um ouvinte, mas também para um comentador, caso alguém, que não se contenta com buscas superficiais, procure nelas a altitude. Por isso, nós vemos estes estilos de expressão naqueles que fizeram progressos na leitura em relação à ciência das verdades divinas e salutareis e a dispensaram à Igreja. O Bem-aventurado Cipriano usou um estilo simples de expressão neste livro em que trata do Sacramento do cálice. Na verdade, ali é resolvida a questão em que se procura saber se o cálice do Senhor deve ter só água ou se a água misturada com o vinho. Mas a título de exemplo, deve-se tomar dali alguma coisa. Pois, depois do início da carta, começando já a resolver a questão colocada, diz: «tu porém, sabes que nós fomos advertidos que no cálice a oferecer, seja conservada a tradição dominical e outra coisa não seja feita por nós que o que o Senhor, o primeiro, fez por nós, para que o cálice que é oferecido em sua memória, seja oferecido misturado com vinho. Na verdade, uma vez que Cristo diz: «Eu sou a verdadeira videira» (Jo 15, 5), «o sangue de Cristo, não é de qualquer maneira água, mas vinho e o seu sangue por que fomos redimidos e vivificados, não pode parecer que está no cálice, enquanto faltar o vinho no cálice por que o sangue de Cristo se manifesta, que é anunciado pelo sinal e pelo testemunho de todas as Escrituras. Com efeito, encontramos no Génesis sobre este mesmo sinal de Noé que precedeu também a figura da Paixão do Senhor, que estava ali, porque bebeu o vinho, ficou embriagado, despiu-se em sua casa, foi, ficando deitado com as coxas desnudadas e abertas, aquela nudez do pai foi observada pelo filho mediano, com maior veracidade e menor protecção» (Gn 9, 20-23), «e o resto que não é preciso seguir até ao fim, uma vez que só isto é bastante abrangente, porque Noé mostrando uma figura da verdade vindoura, não beberá água, mas vinho, e assim expressará a imagem da Paixão do Senhor. Do mesmo modo, vemos no Sacerdote Melquisedech o sinal prefigurado do Senhor segundo o que as Divinas Escrituras testemunham e dizem: «Melquisedech, rei de Salém, trouxe pão e vinho. Mas como foi Sacerdote do Deus Altíssimo abençoou também Abraão» (Id. 14, 18). «Mas porque Melquisedech traz a figura de Cristo, declarou-o o Espírito Santo nos Salmos, falando da Pessoa do Pai para o Filho: «antes da aurora eu te gerei. Tu és Sacerdote para sempre segundo a ordem de Melquisedech» (Sl 110, 3. 4). Estas palavras e as outras que se seguem desta carta, conservam o estilo de uma linguagem simples, porque para os leitores, é fácil de explorar.

Exemplum ex Ambrosio. 46. Sanctus quoque Ambrosius cum agat rem magnam de Spiritu Sancto, ut eum Patri et Filio demonstret aequalem, submisso tamen dicendi genere utitur, quoniam res suscepta non ornamenta verborum aut ad flectendos animos commotionis affectum, sed rerum documenta desiderat. Ergo inter caetera in principio huius operis ait: «*Commotus oraculo Gedeon, cum audisset quod deficientibus licet populorum millibus in uno viro Dominus plebem suam ab hostibus liberaret, obtulit haedum caprarum, cuius carnem secundum praeceptum angeli et azima supra petram posuit et ea iure perfudit. Quae simul ut virgae cacumine quam gerebat angelus Dei contigit, de petra ignis erupit atque ita sacrificium quod offerebatur absumptum est*» (Jud VI, 11-21). «*Quo indicio declaratum videtur quod petra illa typum habuerit corporis Christi; quia scriptum est: «Bibebant de consequenti petra, petra autem erat Christus» (I Cor X, 4). «Quod utique non ad divinitatem eius, sed ad carnem relatum est, quae sitientium corda populorum perenni rivo sui sanguinis inundavit. Iam tunc igitur in mysterio declaratum est quia Dominus Iesus in carne sua totius mundi peccata crucifixus aboleret, nec solum delicta factorum, sed etiam cupiditates animorum. Caro enim haedi ad culpam facti refertur, ius ad illecebras cupiditatum, sicut scriptum est «Quia concupivit populus cupiditatem pessimam et dixerunt: Quis nos cibabit carne?» (Num XI, 4). «Quod igitur extendit angelus virgam et tetigit petram, de qua ignis exiit, ostendit quod caro Domini Spiritu repleta divino peccata omnia humanae condicionis exureret. Unde et Dominus ait: " Ignem veni mittere in terram» (Luc XII, 49), et caetera, in quibus rei docendae ac probandae maxime incumbit (Ambros. lib. 1 de Spiritu Sancto, in prologo).*

Exemplum secundi generis ex Cypriano. 47. De genere temperato est apud Cyprianum virginitatis illa laudatio: «*Nunc nobis ad virgines sermo est, quarum quo sublimior gloria est, maior et cura. Flos est ille ecclesiastici germinis, decus atque ornamentum gratiae spiritalis, laeta indoles laudis et honoris, opus integrum atque incorruptum, Dei imago respondens ad sanctimoniam Domini, illustrior portio gregis Christi. Gaudet per ipsas, atque in illis largiter floret Ecclesiae matris gloriosa fecunditas; quantoque plus gloriosa virginitas numero suo addit, tanto plus gaudium matris augetur*». Et alio loco in fine epistulae: «*Quomodo portavimus*», inquit, «*imaginem eius qui de limo est, sic portemus imaginem eius qui de caelo est*» (I Cor XV, 49). «*Hanc imaginem virginitas portat, portat integritas, sanctitas portat et veritas; portant disciplinae Dei memores, iustitiam cum religione retinentes, stabiles in fide, humiles in timore, ad omnem tolerantiam fortes, ad sustinendas iniurias mites, ad faciendam misericordiam faciles, fraterna pace unanimes atque concordantes*.

O exemplo de Ambrósio. 46. Também Santo Ambrósio, ainda que trate da grande questão do Espírito Santo, para mostrar que Ele é igual ao Pai e ao Filho, emprega contudo, um estilo simples de expressão, porque a questão visada não procura nem elegância das palavras ou afecto do movimento para estimular os espíritos, mas deseja os argumentos das questões. Portanto, no meio do restante, diz, no início desta obra: «Gedeão, por um oráculo impressionante, como tivesse ouvido o que é permitido às milhares defecções dos povos, o Senhor, num único homem livraria o seu povo dos inimigos, ofereceu um cabrito dentre as cabras, cuja carne, segundo a prescrição do anjo, colocou-a sobre a pedra com os pães ázimos e derramou-os por este direito, os quais, depois, logo que o anjo de Deus os tocou com a extremidade da vara que trazia, da pedra saiu o fogo e assim, o sacrifício que era oferecido foi consumido (Jud. VI, 11-21). «Por este sinal, parece declarado que esta pedra terá tido a figura do Corpo de Cristo, porque está escrito: «bebiam da pedra que os acompanhava, mas esta pedra era Cristo» (I Cor. 10, 4). Este sacrifício, certamente, referiu-se, não à sua divindade, mas à sua carne que inundou os corações dos povos sequiosos da torrente inesgotável do seu sangue. Então, já foi, portanto, revelado no mistério, porque o Senhor Jesus crucificado destruiria, na sua carne, os pecados de todo o mundo e não somente os delitos das obras, mas também as paixões do espírito. Pois a carne de cabrito refere-se à falta da acção, o direito às seduções das paixões, conforme está escrito: «porque o povo desejou ardentemente a péssima paixão», e disseram: «quem nos dará a carne a comer?» (Num. 11, 4). «Portanto, quanto ao anjo, ele estendeu a vara e tocou a pedra da qual saiu o fogo e revelou que a carne do Espírito do Senhor cheia do Divino Espírito apagaria todos os pecados da condição humana. E daí, diz o Senhor: «Eu vim lançar fogo à terra» (Lc 12, 49) e no resto do livro em que se ocupa principalmente de ensinar e de demonstrar as verdades da questão (Ambros. Lib. 1 *De Spiritu Sancto*, in prologo).

Exemplo do segundo estilo de Cipriano. 47. Em Cipriano, pertence ao estilo moderado aquela exaltação da virgindade: «agora dirigimo-nos para as virgens, de cuja dignidade é mais sublime do que a glória e precisa de maior cuidado. Elas são a flor do germen da Igreja, a honra e o ornamento da graça espiritual, a feliz disposição natural do louvor e da honra, a obra íntegra e incorrupta, a imagem de Deus correspondendo à santidade do Senhor, a porção, a mais ínclita do rebanho do Senhor. Alegra-se por elas e nelas amplamente floresce a gloriosa fecundidade da mãe Igreja e quanto mais gloriosa virgindade acresce ao seu número, tanto mais cresce a alegria da mãe». E noutro passo, no fim da epístola, diz: «do mesmo modo que trouxemos a sua imagem terrena, assim trazemos também a sua imagem celeste» (I Cor. 15, 49). «A virgindade, a integridade, a santidade e a verdade trazem esta imagem. Trazem-nas as que se lembram do ensinamento de Deus, as que conservam a justiça com o sentimento religioso, as inabaláveis na fé, as humildes no temor, as fortes em toda a prova, preparadas para suportar as injúrias, flexíveis para usar a misericórdia, unidas e harmoniosas na paz fraterna.

Quae vos singulae, o bonae virgines, observare, diligere, implere debetis, quae Deo et Christo vacantes ad Dominum cui vos dicastis, maiore et meliore parte praeceditis. Provectae annis iunioribus facite magisterium; minores natu praebete maioribus ministerium, comparibus incitamentum; hortamentis vos mutuis excitate, aemulis de virtute documentis ad gloriam provocate; durate fortiter, spiritualiter pergite, pervenite feliciter; tantum mementote tunc nostris, cum incipiet in vobis virginitas honorari».

Exemplum ex Ambrosio. 48. Ambrosius etiam genere dicendi temperato et ornato professis virginibus proponit, tanquam sub exempli forma, quod moribus imitentur, et dicit: *«Virgo erat non solum corpore, sed etiam mente, quae nullo doli ambitu sincerum adulteraret affectum; corde humilis, verbis gravis, animi prudens, loquendi parcior, legendi studiosior; non in incerto divitiarum, sed in prece pauperis spem reponens; intenta operi, verecunda sermone; arbitrum mentis solita non hominem, sed Deum quaerere; nulli laedere os, bene velle omnibus; assurgere maioribus natu, aequalibus non invidere; fugere iactantiam, rationem sequi, amare virtutem. Quando ista vel vultu laesit parentes? Quando dissensit a propinquis? Quando fastidivit humilem? Quando risit debilem? Quando vitavit inopem? Eos solos sollicita coetus virorum invisere, quos misericordia non erubesceret, neque praeteriret verecundia. Nihil torvum in oculis, nihil in verbis procax, nihil in actu inverecundum; non gestus fractior, non incessus solutior, non vox petulantior, ut ipsa corporis species simulacrum fuerit mentis et figura probitatis. Bona quippe domus in ipso vestibulo debet agnosci, ac primo praetendat ingressu nihil intus latere tenebrarum, tamquam lucernae lux intus posita foris luceat. Quid ergo exsequar ciborum parsimoniam, officiorum redundantiam; alterum ultra naturam superfuisse, alterum paene ipsi naturae defuisse? Illic nulla intermissa tempora, hic congeminati ieiunio dies, et si quando reficiendi successisset voluntas, cibus plerumque obvius qui mortem arceret, non delicias ministraret»*, et cetera. Haec autem propterea in exemplo huius temperati generis posui, quia non hic agit ut virginitatem voveant quae nondum voverunt, sed quales esse debeant quae iam votae sunt. Nam ut aggrediatur animus tantum ac tale propositum, grandi utique dicendi genere debet excitari et accendi. Sed martyr Cyprianus de habitu virginum, non de suscipiendo virginitatis proposito scripsit. Iste vero episcopus etiam ad hoc eas magno accendit eloquio.

Ó santas virgens deveis vós observar, amar, completar cada uma, estas obrigações, vós que para Deus e para Cristo estais desprovidas de tudo, caminhais para o Senhor, a quem vos consagrastes, com a maior e a melhor parte. E vós, mulheres de idade avançada, exercei o magistério às mais jovens, vós as mais novas prestai o vosso serviço às mais velhas, incentivai às da vossa idade, estimulai-vos para as mútuas exortações, apelaí aos testemunhos rivalizados da virtude para a glória, perseverai fortemente, espiritualmente prossegui, alcançai felizmente à meta; então, lembrai-vos tanto de nós, quando em vós, a virgindade a ser honrada começar».

O exemplo de Ambrósio. 48. Ambrósio também propõe um estilo moderado e ornado de expressão às virgens consagradas, a título de exemplo, propõe que imitem os bons costumes e diz: «era virgem, não somente no corpo, mas também no espírito, não alterava a integridade do seu sentimento por nenhuma manobra insidiosa, era humilde de coração, séria nas palavras, prudente de espírito, mais sóbria no discurso, mais aplicada na leitura, pondo a sua esperança, não na incerteza das riquezas, mas na prece do pobre, assídua no trabalho, reservada em conversa, acostumada a procurar não o homem, mas a Deus, regra do seu pensamento, não prejudicar ninguém, querer bem a todos, levantar-se pelos mais velhos como sinal de respeito, não invejar os da sua idade, fugir a jactância, seguir a razão, amar a virtude. Quando é que esta ofendeu os seus parentes quer seja com a expressão do rosto? Quando esteve em desacordo com os vizinhos? Quando desdenhou o humilde? Quando escarneceu os débeis? Quando evitou o indigente? Habituada solícita a visitar na assembleia dos homens estes solitários de quem por misericórdia não tinha vergonha, e nem tinha evitado por pudor. Nada de expressão de rosto ameaçadora nos olhos, nada de licencioso nas palavras, nada de impudência nos actos, nem gesto mais lânguido, nem conduta mais prosaica, nem voz mais petulante, para esta beleza do seu corpo ser a imagem da sua alma e o reflexo da sua probidade. Efectivamente, uma boa casa deve ser reconhecida pelo seu próprio vestíbulo e, em primeiro lugar, que se estenda até à entrada, nada de se esconder das trevas do interior, como se a luz da lâmpada colocada no interior iluminasse de fora. Portanto, porque recordarei eu a sobriedade dos seus alimentos, o excesso dos seus serviços, um que sobreviveu para além da natureza, o outro que faltou quase àquela própria da natureza? Lá, não há tempos livres, aqui, há dias de redobrado jejum e quando se, por vezes, a vontade de refazer lhe tivesse vindo, ela tomava, algumas vezes, o alimento suficiente que afastaria a morte, não servia as delícias» e o resto. Mas pôs estas passagens no exemplo deste estilo moderado, porque aqui, não trata de que façam o voto da virgindade que ainda não fizeram, mas trata de como aquelas devem ser, as que já professaram. Na verdade, para que o espírito empreenda um tanto ou tal propósito, deve ser estimulado sobretudo no estilo solene de expressão e inflamação. Mas o mártir Cipriano escreveu sobre o estado das virgens e não sobre o propósito da virgindade a abraçar. Contudo, este bispo também para isso, incitou-as com um discurso solene.

Exemplum tertii generis ex Cypriano. 49. Verum ex eo quod ambo egerunt, dictionis grandis exempla memorabo. Ambo quippe invecti sunt in eas quae formam pigmentis colorant vel potius decolorant : quorum prior ille cum hoc ageret, ait inter caetera: «*Si quis pingendi artifex vultum alicuius et speciem et corporis qualitatem aemulo colore signasset; et signato iam consummatoque simulacro manus alius inferret, ut iam formata, iam picta quasi peritior reformaret, gravis prioris artificis iniuria et iusta indignatio videretur. Tu te existimas impune laturam tam improbae temeritatis audaciam, Dei artificis offensam? Ut enim impudica circa homines et incesta fucis lenocinantibus non sis, corruptis violatisque quae Dei sunt, peior adultera detineris. Quod ornari te putas, quod putas comi, impugnatio est ista divini operis, praevaricatio est veritatis. Monentis Apostoli vox est: «Expurgate vetus fermentum ut sitis nova conspersio, sicut estis azimi. Nam Pascha nostrum immolatus est Christus. Itaque festa celebremus, non in fermento veteri neque in fermento malitiae et nequitiae, sed in azimis sinceritatis et veritatis» (I Cor V, 7-8). «Num sinceritas perseverat et veritas, quando quae sincera sunt polluuntur et colorum adulterinis medicaminum fucis in mendacium vera mutantur? Dominus tuus dicit, «Non potes facere capillum unum album aut nigrum» (Matth V, 36); «et tu ad vincendam Domini tui vocem vis te esse potiozem. Audaci conatu et sacrilego contemptu crines tuos inficis; malo praesagio futurorum capillos iam tibi flammeos auspicaris». Longum est inserere omnia quae sequuntur.*

Exemplum ex Ambrosio. 50. Ille vero posterior ut in tales diceret: «*Hinc illa*», inquit, «*nascuntur incentiva vitiorum, ut quaesitis coloribus ora depingant, dum viris displicere formidarit, et de adulterio vultus meditentur adulterium castitatis. Quanta haec amentia effigiem mutare naturae, picturam quaerere, et dum verentur maritale iudicium, prodere suum? Prior enim de se pronuntiat, quae cupit mutare quod nata est. Ita dum alii studet placere, prius ipsa sibi displicet. Quem iudicem, mulier, veriozem requiremus deformitatis tuae quam te ipsam, quae videri times? Si pulchra es, quid absconderis? Si deformis, cur te formosam esse mentiris, nec tuae conscientiae nec alieni gratiam erroris habitura? Ille enim alteram diligit, tu alteri vis placere, et irasceris si amet aliam, qui adulterare in te docetur. Male magistra es iniuriae tuae. Lenocinari enim refugit etiam quae passa est lenonem, ac licet vilis mulier, non alteri tamen, sed sibi peccat. Tolerabiliora propemodum in adulterio crimina sunt : ibi enim pudicitia, hic natura adulteratur». Satis, ut existimo, apparet feminas ne suam fucis adulterent formam, et ad pudorem et ad timorem hac facundia vehementer impelli.*

Exemplo do terceiro estilo de Cipriano. 49. Recordarei, porém, os exemplos da solene expressão deste tema que os dois trataram. Efectivamente, todos os dois ergueram-se contra estas mulheres que colorem o rosto com disfarces, ou antes o descolorem: destes temas, trataria o primeiro com este, diz entre outras coisas: «se algum perito em pintura tivesse pintado o rosto e o aspecto de alguém e o modo de ser do corpo com a cor contrária, e que a outra mão o trouxesse com a imagem já marcada e utilizada, para uma já modelada e já pintada, restaurar como se fosse o mais hábil, a injúria do primeiro artista pareceria grave e a indignação pareceria legítima. Tu julgas-te que é impune a tua passagem, a audácia da tão perversa temeridade, a ofensa de Deus Criador? Com efeito, para não seres impudica para os homens e impura pelos artifícios de adorno requintado, não te detenhas com as corruptas e com as violadas que são de Deus, pior do que uma mulher adúltera. O que pensas ser ornado, o que pensas como amável, isto é um ataque contra a obra divina, é uma prevaricação da verdade. Esta é a voz do apóstolo que exorta: «purificai-vos do velho fermento, para serdes uma nova massa, assim como sois pães ázimos. Pois, Cristo nossa Páscoa, foi imolado. Celebremos pois a festa, não com o fermento velho, nem com o fermento da malícia e da corrupção, mas com pães ázimos de integridade e verdade» (I Cor. 5, 7-8). Porventura a integridade e a verdade persistem quando se deturpam as coisas que são íntegras e se mudam pelas alterações das cores e pelos adornos requintados dos cosméticos a verdade dos mentirosos? O teu Senhor diz: «tu não podes tornar alvo ou negro um só fio dos cabelos» (Mt 5, 36); e tu, para abafares a voz do teu Senhor, queres ser mais poderoso do que Ele. Por um esforço audacioso e por um desprezo sacrílego, tinges os teus cabelos; e por um sinistro presságio dos próximos tempos, começas a observar os teus cabelos já com a cor do fogo. Seria muito extenso introduzir tudo o que se segue.

Exemplo de Ambrósio. 50. Mas ele, para falar contra tais pessoas, depois diz: «aqui nascem as estimuladoras dos vícios, para pintarem as bocas com as cores procuradas, enquanto receiam desagradar os seus maridos e preparam-se pela alteração do seu rosto à alteração da sua castidade. Quanta loucura é esta, mudar o aspecto da natureza, procurar a pintura e enquanto temem o juízo do marido revelaram o seu juízo? Com efeito, ela se pronuncia primeiro contra si mesma, ela que desejou mudar o que é de nascença. Assim, enquanto se esforça em agradar ao outro, desagrada-se antes a si mesma. Que juízo mais verídico, ó mulher do que tu mesma, procuraremos da tua fealdade, tu que temes ser vista? Se és bela, porque te escondes? Se és feia, porque mentes que és formosa, e a tua vergonha não encontra a graça nem da tua consciência, nem dos erros alheios? De facto, ele ama a outra, tu queres agradar ao outro: e se ele amar a outra, tu irritas-te, ele que em ti aprendeu a adular. Das tuas injúrias, és uma má mestra. Pois, recusa favorecer a sedução, ela que também sofreu a sedução, e é permitido, ó vil mulher, porém não ao outro, mas peca por si mesma. No adultério, as faltas são pouco mais ou menos mais toleradas, pois aí, há pudor, aqui a natureza é alterada». É suficientemente evidente, julgo, que apareça que as mulheres sejam veementemente persuadidas a não alterarem a sua beleza com os artifícios e sejam instigadas para o pudor e para o temor nesta eloquência.

Proinde neque submissum neque temperatum, sed grande omnino genus hoc elocutionis agnoscimus. Et in his autem quos duos ex omnibus proponere volui, et in aliis ecclesiasticis viris et bona, et bene, id est, sicut res postulat, acute, ornate ardentemque dicentibus, per multa eorum scripta vel dicta possunt haec tria genera reperiri et assidua lectione vel auditione, admixta etiam exercitatione, studentibus inolescere.

Sectio quarta:

Ecclesiasticae dictionis regulae

Regula prima. XXII. 51. Nec quisquam praeter disciplinam esse existimet ista miscere: immo quantum congrue fieri potest, omnibus generibus dictio varianda est. Nam quando proluxa est in uno genere, minus detinet auditorem. Cum vero fit in aliud ab alio transitus, etiamsi longius est, decentius procedit oratio: quamvis habeant et singula genera varietates suas in sermone eloquentium, quibus non sinuntur in eorum qui audiunt frigescere vel tepescere sensibus. Verumtamen facilius summissum solum, quam solum grande diutius tolerari potest. Commotio quippe animi quanto magis excitanda est, ut nobis assentiatur auditor, tanto minus in ea diu teneri potest, cum fuerit quantum satis est excitata. Et ideo cavendum est, ne, dum volumus altius erigere quod erectum est, etiam inde decidat quo fuerat excitatione perductum. Interpositis vero quae sunt dicenda submissius, bene reeditur ad ea quae opus est granditer dici, ut dictionis impetus sicut maris aestus alternet. Ex quo fit ut grande dicendi genus, si diutius est dicendum, non debeat esse solum, sed aliorum generum interpositione varietur: ei tamen generi dictio tota tribuitur, cuius copia praevaluerit.

Regula secunda. XXIII. 52. Interest enim quod genus cui generi interponatur, vel adhibeatur, certis et necessariis locis. Nam et in grandi genere semper aut paene semper temperata decet esse principia. Et in potestate est eloquentis ut dicantur nonnulla submisse, etiam quae possent granditer dici; ut ea quae dicuntur granditer, ex illorum fiant comparatione grandiora, et eorum tanquam umbris luminosiora reddantur. In quocumque autem genere aliqua quaestionum vincula solvenda sunt, acumine opus est, quod sibi submissum genus proprie vindicat. Ac per hoc eo genere utendum est et in aliis duobus generibus, quando eis ista incidunt: sicut laudandum aliquid vel vituperandum, ubi nec damnatio cuiusquam nec liberatio nec ad actionem quamlibet assensio requiritur, in quocumque alio genere occurrerit, genus adhibendum et interponendum est temperatum.

Assim, nós reconhecemos este estilo de discurso nem simples nem moderado, mas perfeitamente solene. E nestes exemplos, quis, porém, pôr estes dois autores, dentre todos, e nos outros homens eclesiásticos há também boas ideias e bem expressas, isto é, segundo exige a questão, aguda, elegante e ardentemente aos que falam, pela copiosidade da sua escrita ou do seu discurso, eles podem adquirir estes três estilos e desenvolverem-se naqueles que se esforçam por uma leitura ou escuta persistentes, reforçadas também com a exercitação.

Quarta secção

As regras da eloquência eclesiástica

Primeira regra. XXII. 51. Ninguém julgue que é estranho à disciplina misturar os estilos. Mais ainda, tanto quanto se pode fazer convenientemente, o discurso deve-se variar com todos os estilos. Na verdade, quando se alonga num só género de estilo, retém menos o ouvinte. Mas quando passa de um a outro, embora se alongue, o discurso desenvolve-se com mais elegância, ainda que cada estilo tenha também as suas variedades no discurso dos oradores, graças às quais não se deixa arrefecer ou esfriar a atenção dos ouvintes. Mas pode ser tolerado mais facilmente um só estilo simples do que um só estilo sublime, durante muito tempo. Na verdade, a emoção da alma deve ser tanto mais despertada, para que o ouvinte nos dê a sua aprovação, quanto menos ele pode ser mantido nesta emoção por muito tempo, quando ela tiver sido suficientemente estimulada. E, por isso, deve-se ter cuidado, para que, querendo erguer mais alto o que já está erguido, não caia da posição a que fora levado pela emoção. Mas intercalando as passagens que devem ser ditas em estilo simples, facilmente se volta ao que é necessário dizer-se em estilo sublime, para que o ímpeto do discurso alterne como as vagas do mar. Daí se segue que o estilo sublime, se se deve falar muito tempo, não deve ser empregue só, mas ser variado com a interposição dos outros estilos, no entanto, todo o discurso é atribuído, quanto ao género, ao estilo cuja abundância tiver prevalecido.

Segunda regra. XXIII. 52. De facto, importa saber que estilo deve ser intercalado, e em que estilo, ou seja, com que estilo deve ser empregue em passagens determinadas e necessárias. Na verdade, mesmo no estilo sublime, sempre ou quase sempre convém que os exórdios sejam em estilo moderado. E está no poder do orador que algumas coisas sejam ditas de modo simples, ainda que se possam dizer de modo sublime, para que, aquelas que são ditas de modo sublime, por comparação com essas, sejam ainda mais sublimes, e com as sombras dessas se tornem ainda mais luminosas. Mas em cada estilo devem ser desenredadas as questões, é preciso a agudeza de espírito que o estilo simples reivindica como propriedade sua. E, por isso, também deve ser empregue este estilo nos outros dois estilos, quando neles ocorrem estas circunstâncias, conforme alguma coisa deve ser louvada ou criticada, quando não é requerida a condenação nem a libertação de ninguém, nem o assentimento a uma acção qualquer, em qualquer outro estilo que isso ocorra, o estilo moderado deve ser aplicado e intercalado.

In grandi ergo genere inveniunt locos suos duo caetera et in submisso similiter. Temperatum autem genus non quidem semper, sed tamen aliquando submisso indiget, si, ut dixi, quaestio cuius nodus est solvendus, incurrat; vel quando nonnulla quae ornari possent ideo non ornantur, sed submisso sermone dicuntur, ut quibusdam quasi toris ornamentorum praebeant eminentiorem locum. Grande autem genus temperata dictio non requirit: ad delectandos quippe animos, non ad movendos ipsa suscipitur.

Regula tertia. XXIV. 53. Non sane si dicenti crebrius et vehementius acclametur, ideo granditer putandus est dicere: hoc enim et acumina submissi generis, et ornamenta faciunt temperati. Grande autem genus plerumque pondere suo voces premit, sed lacrimas exprimit. Denique cum apud Caesaream Mauritaniae populo dissuaderem pugnam civilem, vel potius plus quam civilem, quam «Catervam» vocabant; neque enim cives tantummodo, verum etiam propinqui, fratres, postremo parentes ac filii lapidibus inter se in duas partes divisi, per aliquot dies continuos, certo tempore anni sollemniter dimicabant, et quisque ut quemque poterat occidebat: egi quidem granditer, quantum valui, ut tam crudele atque inveteratum malum de cordibus et moribus eorum avellerem pelleremque dicendo; non tamen egisse aliquid me putavi, cum eos audirem acclamantes, sed cum flentes viderem. Acclamationibus quippe se doceri et delectari, flecti autem lacrimis indicabant. Quas ubi aspexi, immanem illam consuetudinem a patribus et avis, longeque a maioribus traditam, quae pectora eorum hostiliter obsidebat vel potius possidebat, devictam antequam re ipsa id ostenderent, credidi; moxque sermone finito ad agendas Deo gratias corda atque ora converti. Et ecce iam ferme octo vel amplius anni sunt, propitio Christo, ex quo illic nihil tale tentatum est. Sunt et alia multa experimenta quibus didicimus, homines, quid in eis fecerit sapientis granditas dictionis, non clamore potius quam gemitu, aliquando etiam lacrymis, postremo vitae mutatione monstrasse.

Regula quarta. 54. Submisso etiam dicendi genere sunt plerique mutati: sed ut quod nesciebant, scirent, aut quod eis videbatur incredibile, crederent; non autem ut agerent quod agendum iam noverant et agere nolebant. Ad huiusmodi namque duritiam flectendam, debet granditer dici. Nam et laudes et vituperationes quando eloquenter dicuntur, cum sint in genere temperato, sic afficiunt quosdam ut non solum in laudibus et vituperationibus eloquentia delectentur, verum et ipsi laudabiliter appetant, fugiantque vituperabiliter vivere. Sed numquid omnes qui delectantur, mutantur, sicut in grandi genere omnes qui flectuntur, agunt; et in submisso genere omnes qui docentur, sciunt, aut credunt verum esse quod nesciunt?

Portanto, os restantes dois estilos encontram no estilo sublime os seus lugares, e é da mesma maneira no estilo simples. Contudo, o estilo moderado, na verdade nem sempre, mas de vez em quando, tem necessidade do simples, se, como eu disse, ocorrer uma questão cujo nó necessite de ser desenredado, ou quando alguns desenvolvimentos que podem ser embelezados, mas não o são, pelo contrário, são expressos com um discurso simples, para darem um lugar mais saliente a uma espécie de cordões ornamentais. Mas o discurso moderado não requer um estilo sublime; na verdade, ele emprega-se para deliciar os espíritos, não para os determinar.

Terceira regra. XXIV. 53. Se um orador for aclamado com mais insistência e entusiasmo, não é por isso que se deve pensar que fala em estilo sublime, pois a agudeza do estilo simples e a elegância do estilo moderado produzem o mesmo efeito. Mas o estilo sublime, com o seu peso, bloqueia as palavras, mas provoca lágrimas. Finalmente, como eu em Cesareia da Mauritània dissuadisse o povo da guerra civil ou mais que civil, a que chamavam «Catervam» pois não só os cidadãos, mas também os vizinhos, os irmãos, por fim os pais e os filhos, divididos entre si em duas facções, pelejavam solenemente com pedras por vários dias ininterruptos, numa certa época do ano, e cada um matava quem podia. Mas eu falei de modo sublime quanto pude, para arrancar tão cruel e enraizado mal dos seus corações e costumes, e o banir com as minhas palavras. Não me convenci, porém, de que tinha conseguido alguma coisa, quando os ouvia aclamar, mas quando os via chorar. Na verdade, com as aclamações mostravam que estavam convencidos e deliciados, com as suas lágrimas que estavam comovidos. No momento em que reparei nelas, acreditei que, mesmo antes de o passarem à prática, tinha sido completamente derrotado aquele cruel costume transmitido pelos pais, pelos avós e pelos antepassados desde há muito tempo, e que invadia, ou antes, possuía hostilmente os seus corações. Em seguida, acabado o sermão, levei os seus corações e as suas bocas a darem graças a Deus. E eis que já passaram quase oito anos ou mais, desde que, pela mercê de Cristo, ali, nada de semelhante foi tentado. Há também muitas outras provas com as quais aprendemos que houve homens que mostraram o que neles fez a sublimidade de um discurso sábio, não pelo clamor, mas antes pelo gemido, de vez em quando também pelas lágrimas, finalmente pela mudança de vida.

Quarta regra. 54. Um grande número de pessoas também mudou graças ao estilo simples do discurso, mas para saberem o que eles não sabiam, ou para acreditarem naquilo que lhes parecia incrível e não para fazerem o que já sabiam que deviam fazer e não queriam fazer. E, na verdade, deve-se usar o estilo sublime para dobrar uma resistência deste género. De facto, quer os louvores quer as censuras, embora sejam do estilo moderado, quando são ditos eloquentemente, de tal modo impressionam alguns, que não somente se deliciam com os louvores e as censuras, mas também eles próprios desejam viver de forma louvável e evitam viver de modo censurável. Mas porventura todos os que se deliciam no estilo médio mudam de atitude, tal como passam à acção todos os que são comovidos no estilo sublime, e no estilo simples, todos os que são instruídos ficam a saber ou a crer que é verdade aquilo que eles não sabem?

Regula quinta. XXV. 55. Unde colligitur illa duo genera quod efficere intendunt, hoc eis esse maxime necessarium, qui sapienter et eloquenter volunt dicere. Illud vero quod agitur genere temperato, id est, ut eloquentia ipsa delectet, non est propter se ipsum usurpandum; sed ut rebus quae utiliter honesteque dicuntur, si nec docente indigent eloquio nec movente, quia et scientes et faventes auditores habent, aliquanto promptius ex delectatione ipsa elocutionis, accedat vel tenacius adherescat assensus. Nam cum eloquentiae sit universale officium, in quocumque istorum trium generum, dicere apte ad persuasionem, finis autem, id quod intenderis persuadere dicendo: in quocumque istorum trium generum dicit quidem eloquens apte ad persuasionem, sed nisi persuadeat, ad finem non pervenit eloquentiae. Persuadet autem in submisso genere vera esse quae dicit; persuadet in grandi ut agantur quae agenda esse iam sciuntur, nec aguntur; persuadet in genere temperato pulchre ornateque se dicere: quo fine nobis quid opus est? Appetant eum qui lingua gloriantur et se in panegyricis talibusque dictionibus iactant, ubi nec docendus, nec ad aliquid agendum movendus, sed tantummodo est delectandus auditor. Nos vero istum finem referamus ad alterum finem, ut scilicet quod efficere volumus, cum granditer dicimus, hoc etiam isto velimus, id est, ut bona morum diligantur vel devitentur mala; si ab hac actione non sic alieni sunt homines, ut ad eam grandi genere dictionis urgendi videantur: aut si iam id agunt, ut agant studiosius atque in eo firmiter perseverent. Ita fit ut etiam temperati generis ornatu non iactanter, sed prudenter utamur: non eius fine contenti, quo tantummodo delectatur auditor; sed hoc potius agentes, ut etiam ipso ad bonum quod persuadere volumus, adiuvetur.

Regula sexta. XXVI. 56. Illa itaque tria, quae supra posuimus, eum qui sapienter dicit, si etiam eloquenter vult dicere, id agere debere ut intelligenter, ut libenter, ut oboedienter audiatur, non sic accipienda sunt tanquam singula illis tribus dicendi generibus ita tribuantur, ut ad submissum intelligenter, ad temperatum libenter, ad grande pertineat oboedienter audiri; sed sic potius ut haec tria semper intendat, et quantum potest agat, etiam cum in illorum singulo quoque versatur. Nolumus enim fastidiri etiam quod submisso dicimus, ac per hoc volumus non solum intelligenter verum etiam libenter audiri. Quid autem agimus divinis testimoniis docendo quod dicimus, nisi ut oboedienter audiamur, id est, ut credatur eis, opitulante illo cui dictum est «*Testimonia tua credita facta sunt valde?*» (Ps XCII, 5) Quid etiam cupit nisi credi, qui aliquid licet submisso eloquio discentibus narrat?

Quinta regra. XXV. 55. Daí se conclui que o que estes dois últimos estilos tentam levar a efeito é extremamente necessário para os que querem falar sábia e eloquentemente. Mas aquilo que é feito com o estilo moderado, isto é, que a própria eloquência seja causa de prazer, não deve ser usado por si mesmo, mas para que, nas coisas que são comunicadas de forma útil e airosamente, se não necessitam de uma linguagem instrutiva nem persuasiva, porque os ouvintes são cultos e propícios, o seu assentimento se consiga com mais rapidez, graças ao próprio deleite do discurso ou a sua adesão seja mais firme. Na verdade, uma vez que a tarefa universal da eloquência é, em cada um destes três estilos, falar de molde a persuadir, e o seu fim, persuadir, falando, o que se intenta, em qualquer um destes três estilos, o orador fala, de facto, de molde a persuadir, mas se não persuadir, não chega à finalidade da eloquência. Contudo, no estilo simples, ele persuade que é verdadeiro o que diz; no estilo sublime, persuade a que se faça o que já se sabe que deve ser feito e não se faz; no estilo moderado, persuade que fala bela e elegantemente. Que necessidade temos nós desta finalidade? Granjeiem-na os que procuram a glória na eloquência e se vangloriam dos panegíricos e de discursos semelhantes em que o ouvinte não deve ser instruído, nem incitado a fazer alguma coisa, mas é somente deleitado. Nós, porém, remetamos esta finalidade para outra, a saber, seja o nosso propósito, neste estilo, aquilo mesmo que queremos levar a efeito, quando falamos em estilo sublime, isto é, que se amem as virtudes ou se evitem os vícios, quer no caso de os ouvintes não serem a tal ponto estranhos a esta prática que pareçam dever ser impelidos a ela pelo estilo sublime do discurso, quer, se já é essa a sua prática, para que façam mais esforço e para que nela perseverem firmemente. Assim resulta que usemos até mesmo o ornamento do estilo moderado, não com ostentação, mas com prudência, não nos contentando com a finalidade de que o ouvinte seja somente deleitado, mas antes fazendo que seja ajudado também por aquilo com que queremos persuadi-lo ao bem.

Sexta regra. XXVI. 56. Portanto, aqueles três aspectos que referimos em cima – que quem fala com sabedoria, se também quiser falar com eloquência, deve fazê-lo, de tal modo que seja ouvido de forma inteligente, com agrado e de forma dócil, não se devem entender como se cada um deles seja atribuído aos três géneros de discurso, de modo que ao género simples pertença ser ouvido com inteligência, ao género moderado, com agrado, e ao género sublime, com docilidade, mas antes tenha sempre em mira estes três aspectos e os ponha em prática tanto quanto pode, mesmo quando fala em cada um desses géneros em particular. Pois não queremos que enfade mesmo aquilo que dizemos em estilo humilde e, por isso, queremos ser ouvidos, não só com inteligência, mas também com agrado. Mas que pretendemos nós, provando com os testemunhos de Deus o que dizemos, senão sermos ouvidos com docilidade, isto é, que se creia neles, pela mercê daquele a quem foi dito: «Os teus testemunhos são, sem dúvida, dignos de fé?» (Sl 92, 5). E o que deseja quem conta alguma coisa aos discípulos, ainda que em palavras simples, senão que creiam nele?

Et quis eum velit audire, nisi auditorem nonnulla etiam suavitate detineat? Nam si non intelligatur, quis nesciat nec libenter eum posse nec oboedienter audiri? Plerumque autem dictio ipsa submissa, dum solvit difficillimas quaestiones et inopinata manifestatione demonstrat; dum sententias acutissimas de nescio quibus quasi cavernis unde non sperabatur eruit et ostendit, dum adversarii convincit errorem et docet falsum esse quod ab illo dici videbatur invictum; maxime quando adest ei quoddam decus non appetitum, sed quodammodo naturale, et nonnulla non iactantacula, sed quasi necessaria atque, ut ita dicam, ipsis rebus exorta numerositas clausularum; tantas acclamationes excitat ut vix intelligatur esse summissa. Non enim quia neque incedit ornata neque armata, sed tamquam nuda congreditur, ideo non adversarium nervis lacertisque collidit; et obsistentem subruit ac destruit membris fortissimis falsitatem. Unde autem crebro et multum acclamatur ita dicentibus, nisi quia veritas sic demonstrata, sic defensa, sic invicta delectat? Et in hoc igitur genere submisso iste noster doctor et dīctor id agere debet ut non solum intelligenter, verum etiam libenter et oboedienter audiatur.

57. Illa quoque eloquentia generis temperati apud eloquentem ecclesiasticum, nec inornata relinquitur, nec indecenter ornatur: nec solum hoc appetit ut delectet, quod solum apud alios profitetur; verum etiam in his quae laudat sive vituperat, istis appetendis vel firmius tenendis, illis autem devitandis vel respuendis, vult utique oboedienter audiri. Si autem non auditur intelligenter, nec libenter potest. Proinde illa tria, ut intelligant qui audiunt, ut delectentur, ut oboediant, etiam in hoc genere agendum est, ubi tenet delectatio principatum.

58. Iam vero ubi movere et flectere grandi genere opus est auditorem (quod tunc est opus, quando et veraciter dici et suaviter confitetur, et tamen non vult facere quod dicitur), dicendum est procul dubio granditer. Sed quis movetur si nescit quod dicitur? Aut quis tenetur ut audiat si non delectatur? Unde et in isto genere ubi ad obedientiam cor durum dictionis granditate flectendum est, nisi et intelligenter et libenter qui dicit audiatur, non potest obedienter audiri.

E quem o quer ouvir, se ele não retiver o ouvinte também com alguma suavidade? Na verdade, se não é compreendido, quem não sabe que ele não pode ser ouvido com agrado nem com docilidade? Mas na maioria dos casos, o próprio discurso simples, enquanto resolve questões muito difíceis e as esclarece com uma demonstração repentina, enquanto mostra os pensamentos mais agudos extraídos não sei de que cavernas de onde não se esperava; enquanto refuta o erro do adversário, e prova que é falso o que ele parecia dizer invencível, principalmente quando há no discurso um pundonor não rebuscado, mas de algum modo natural e alguma cadência das cláusulas, sem ostentação, mas como que indispensável, e por assim dizer, nascida das próprias ideias, faz levantar tantas aclamações que dificilmente se percebe que se trata do estilo simples. Com efeito, não avança ornado nem armado, mas vai ao combate como que despido, por isso mesmo não se atira ao adversário com os nervos e os músculos e com membros fortíssimos, derriba-o quando resiste, e destrói a sua falsidade. Por que motivo, falando ele assim, se aclama repetidas vezes e fortemente, senão porque a verdade assim demonstrada, assim defendida e assim invencível encanta? E, portanto, este nosso mestre e orador deve, neste estilo simples, fazer com que seja ouvido, não só com inteligência, mas também com agrado e com docilidade.

57. Por sua vez, aquela eloquência de estilo moderado, no orador eclesiástico, não se deixa sem ornamento, nem se adorna de modo inconveniente e não se procura isto somente para deleitar, único aspecto que nos outros é declarado abertamente, mas também quer principalmente ser ouvido com docilidade quando louva ou censura para levar os ouvintes a desejarem e a possuir mais firmemente o que ele louva neles, mas a evitar ou a repudiar aquilo que censura. Todavia, se não é ouvido com inteligência, também não o pode ser com agrado. Por conseguinte, estas três qualidades, fazem com que os que ouvem compreendam, se deleitem e prestem atenção, devem ser realizadas também neste estilo em que o deleitar tem a primazia.

58. Mas já do momento em que é necessário impressionar e estimular o auditor (o que então é necessário, quando ele confessa que o discurso foi dito com veracidade e suavidade e, porém, não quer fazer o que é dito), deve falar-se, sem dúvida, em estilo sublime. Contudo, quem é estimulado, se não sabe o que é dito? Ou então, quem se prende a ouvir, se não se deleita? Donde, mesmo neste estilo, quando se deve mover à obediência, com a sublimidade do discurso, um coração endurecido, quem diz, não pode ser ouvido com docilidade, se não for ouvido com inteligência e agrado.

Regula septima. XXVII. 59. Habet autem ut obedienter audiatur quantacumque granditate dictionis maius pondus vita dicentis. Nam qui sapienter et eloquenter dicit, vivit autem nequiter, erudit quidem multos discendi studiosos, quamvis «*animae suae sit inutilis*» (*Eccli XXXVII, 22*), sicut scriptum est. Unde ait Apostolus: «Sive occasione sive veritate, Christus annuntietur» (*Philipp I, 18*). Christus autem veritas est, et tamen etiam non veritate annuntiari veritas potest; id est, ut pravo et fallaci corde quae recta et vera sunt, praedicentur. Sic quippe annuntiat Iesus Christus ab eis qui sua quaerunt, non quae Iesu Christi. Sed quoniam boni fideles non quemlibet hominum, sed ipsum Dominum obedienter audiunt, qui ait «Quae dicunt, facite; quae autem faciunt, facere nolite: dicunt enim, et non faciunt»; ideo audiuntur utiliter, etiam qui utiliter non agunt. Sua enim quaerere student, sed sua docere non audent, de loco scilicet superiore sedis ecclesiasticae quam sana doctrina constituit. Propter quod ipse Dominus priusquam de talibus quod commemoravi, diceret, praemisit, «Super cathedram Moysi sederunt» (*Matth XXIII, 2-3*). Illa ergo cathedra, non eorum sed Moysi, cogeat eos bona dicere, etiam non bona facientes. Agebant ergo sua in vita sua; docere autem sua, cathedra illos non permittebat aliena.

60. Multis itaque prosunt dicendo quae non faciunt; sed longe pluribus prodessent faciendo quae dicunt. Abundant enim qui malae vitae suae defensionem ex ipsis suis praepositis et doctoribus quaerant, respondentes corde suo, aut etiam si ad hoc erumpunt, ore suo atque dicentes: Quod mihi praecipis, cur ipse non facis? Ita fit ut eum non obedienter audiant, qui se ipse non audit, et Dei verbum quod eis praedicatur simul cum ipso praedicatore contemnant. Denique Apostolus scribens ad Timotheum, cum dixisset «*Nemo adulescentiam tuam contemnat*»; subiecit unde non contemneretur, atque ait: «*Sed forma esto fidelium in sermone, in conversatione, in dilectione, in fide, in castitate*» (*I Tim IV, 12*).

Regula octava. XVIII. 61. Talis doctor ut obedienter audiatur, non impudenter non solum submisce ac temperate, verum etiam granditer dicit, quia non contemptibiliter vivit. Sic namque elegit bonam vitam ut etiam bonam non negligat famam, sed provideat bonam coram Deo et hominibus (*II Cor VIII, 21*) quantum potest, illum timendo, his consulendo. In ipso etiam sermone malit rebus placere quam verbis; nec existimet dici melius nisi quod dicitur verius; nec doctor verbis serviat, sed verba doctori. Hoc est enim quod Apostolus ait: «*Non in sapientia verbi, ne evacuetur crux Christi*» (*I Cor I, 17*).

Sétima regra. XXVII. 59. Todavia, para ser ouvido com docilidade, a vida do orador tem um peso maior do que a sublimidade do discurso qualquer que ela seja. Na verdade, quem fala com sabedoria e eloquência, mas vive mal, instrui de facto muitos desejosos de aprender, embora «seja inútil à sua alma» (Ecli 37, 22), como está escrito. Daí que diga também o Apóstolo: «Por pretexto ou por verdade, Cristo seja anunciado.» (Fil 1, 18). Mas Cristo é a verdade e, no entanto, mesmo a verdade pode não ser anunciada com verdade, isto é, o bem e a verdade podem ser pregados com um coração falacioso e pervertido. Assim é, certamente, Jesus Cristo anunciado por aqueles que procuram os seus interesses e não os de Jesus Cristo. Contudo, uma vez que os bons fiéis ouvem com docilidade, não o primeiro homem que aparecer, mas o próprio Senhor que diz «fazei o que eles dizem, mas não façais o que eles fazem, pois eles dizem e não fazem» (Mt 23, 3), por isso, são ouvidos com proveito os que também não o fazem com proveito para a sua vida. De facto, esforçam-se em procurar os seus interesses, mas não ousam ensinar as suas coisas, a saber, do alto da cátedra eclesiástica, que foi estabelecida pela sã doutrina. É, por isso, que o próprio Senhor, antes de ter falado sobre os tais, o que eu referi, preveniu antecipadamente dizendo: «Sentaram-se sobre a cátedra de Moisés» (Mt 23, 2-3). Portanto, esta cátedra, que não é pertença deles, mas de Moisés, obrigava-os a dizer o bem, mesmo não fazendo o bem. Portanto, na sua vida, eles agiam segundo os seus princípios. A cátedra, que lhes é alheia, não permitia que eles ensinassem os seus princípios.

60. Assim pois, são úteis para muitos, dizendo o que não fazem, mas seriam úteis a muito mais pessoas fazendo o que dizem. Pois são muitos os que procuram a justificação da sua má vida na dos seus superiores e mestres, respondendo com o seu coração ou mesmo, se se atrevem a isso, com a sua boca, e dizendo: O que tu me prescreves, porque não o fazes tu mesmo? Assim sucede que eles não ouvem com docilidade aquele que não se ouve a si próprio, e menosprezam, juntamente com o pregador, a palavra de Deus que lhes é pregada. Por fim, o apóstolo escrevendo a Timóteo, tendo dito «que ninguém menospreze a tua juventude», acrescentou a maneira de não ser desprezado, e diz: «mas, sê o modelo dos fiéis na tua conversa, na tua conduta, no amor, na fé, na castidade» (I Tim 4, 12).

Oitava regra. XXVIII. 61. Um tal mestre, para ser ouvido com docilidade, fala decorosamente, não só em estilo simples e moderado, mas também em estilo sublime, porque não vive de modo desprezível. E, de facto, ele de tal modo escolhe uma vida virtuosa que também não prescinde do bom renome, mas procura fazer o bem diante de Deus e dos homens (II Cor. 8, 21), quanto pode, temendo a Deus, velando pelos homens. Nesse mesmo discurso, ele prefere agradar mais pelo conteúdo do que pelas palavras, ele julga que nada se diz bem senão o que se diz com mais variedade; o mestre não estará ao serviço das palavras, mas as palavras ao serviço do mestre. Pois isto é o que o Apóstolo diz: «Não me sirvo duma sabedoria das palavras, para que não se desvirtue a cruz de Cristo» (I Cor. 1, 17).

Ad hoc valet etiam quod ait ad Timotheum: «*Noli verbis contendere; ad nihil enim utile est, nisi ad subversionem audientium*» (II Tim II, 14). Neque enim hoc ideo dictum est, ut adversariis obpugnantibus veritatem nihil nos pro veritate dicamus. Et ubi erit quod, cum ostenderet qualis esse episcopus debeat, ait inter caetera: «*Ut potens sit in doctrina sana et contradicentes redarguere ?*» (Tit I, 9) Verbis enim contendere est non curare quomodo error veritate vincatur, sed quomodo tua dictio dictioni praeferatur alterius. Porro qui non verbis contendit, sive submisse, sive temperate, sive granditer dicat, id agit verbis ut veritas pateat, veritas placeat, veritas moveat, quoniam nec ipsa quae praecepti finis et plenitudo Legis est charitas (Tim I, 5; et Rom XIII, 10), ullo modo esse recta potest, si ea quae diliguntur non vera, sed falsa sunt. Sicut autem cuius pulchrum corpus et deformis est animus, magis dolendus est quam si deforme haberet et corpus ; ita qui eloquenter ea quae falsa sunt dicunt magis miserandi sunt, quam si talia deformiter dicerent. Quid est ergo non solum eloquenter, verum etiam sapienter dicere, nisi verba in submisso genere sufficientia, in temperato splendentia, in grandi vehementia, veris tamen rebus, quas audiri oporteat, adhibere? Sed qui utrumque non potest, dicat sapienter quod non dicit eloquenter, potius quam dicat eloquenter quod dicit insipienter.

XXIX. Si autem ne hoc quidem potest, ita conversetur, ut non solum sibi praemium comparet, sed etiam praebeat aliis exemplum, et sit eius quasi copia dicendi forma vivendi.

62. Sunt sane quidam qui bene pronuntiare possunt, quid autem pronuntient, excogitare non possunt. Quod si ab aliis sumant eloquenter sapienterque conscriptum, memoriaeque commendent, atque id ad populum proferant; si eam personam gerunt, non improbe faciunt. Etiam sic enim, quod profecto utile est, multi praedicatores veritatis fiunt, nec multi magistri, si unius veri magistri idipsum dicant omnes et non sint in eis schismata (I Cor I, 10). Nec deterrendi sunt isti voce Ieremiae prophetae, per quem Deus arguit eos qui «*furantur verba eius, unusquisque a proximo suo*» (Jerem XXIII, 30). Qui enim furantur, alienum auferunt; verbum autem Dei non est ab eis alienum, qui obtemperant ei: potiusque ille dicit aliena, qui cum dicat bene, vivit male. Quaecumque enim bona dicit, eius excogitari videntur ingenio, sed ab eius moribus aliena sunt. Eos itaque dixit Deus furari verba sua, qui boni volunt videri loquendo quae Dei sunt, cum mali sint faciendo quae sua sunt. Nec sane ipsi dicunt bona quae dicunt, si diligenter attendas. Quomodo enim dicunt verbis, quod negant factis? Non enim frustra de talibus ait Apostolus: «*Confitentur se nosse Deum, factis autem negant*» (Tit I, 16). Modo ergo quodam ipsi dicunt, et rursus alio modo non ipsi dicunt, quoniam utrumque verum est quod Veritas ait.

Para este propósito, vale também o que disse a Timóteo: «Evita as contendas de palavras, porque isso nada aproveita, senão para perverter os que as ouvem» (II Tim II, 14). Na verdade, isto não foi dito para que nada digamos em defesa da verdade aos adversários que a combatem. E onde estará aquilo que, mostrando qual deve ser o perfil do bispo, disse entre outras coisas: «Para que seja forte na sã doutrina e possa refutar os contraditores?» (Tit 1, 9). Na verdade, disputar acerca das palavras é não cuidar do modo como o erro é vencido pela verdade, mas da maneira como o teu discurso deve ser preferido ao discurso do outro. Ora, quem não disputa acerca das palavras, em estilo simples, moderado ou sublime, faz que, com as palavras, a verdade seja evidente, que a verdade agrade, que a verdade actue, porque mesmo a caridade que é o fim do preceito e a plenitude da Lei (I Tim 1, 5 e Rm 13, 10) não pode de algum modo ser boa, se o que é amado não é a verdade, mas a falsidade. Mas, assim como quem tem um corpo é belo e a alma disforme deve ser lasimado mais do que se tivesse também um corpo disforme, assim também, os que dizem com eloquência o que é falso devem ser mais deplorados do que se dissessem tais falsidades sem beleza. Portanto, o que é falar, não somente com eloquência, mas também com sabedoria, a não ser empregar no estilo simples palavras adequadas, no estilo moderado palavras brilhantes, no estilo sublime palavras veementes, mas para falar de ideias verdadeiras que é necessário serem ouvidas? Mas, quem não é capaz de fazer ambas as coisas, antes diga com sabedoria o que não diz com eloquência, antes que diga com eloquência o que diz sem sabedoria.

XXIX. Mas se, nem sequer disso é capaz, comporte-se de tal modo que não só obtenha a recompensa, mas também dê exemplo aos outros e o seu modo de viver seja como que a abundância de um discurso.

Nona regra. 62. Há, sem dúvida, alguns que podem expor bem, mas que não podem pensar o que expõem. Ora, se eles tomarem de outros o que foi composto com eloquência e sabedoria e o decoram e o proferem ao povo, se assumem este papel, não fazem nada de mal. Com efeito, assim, o que é realmente útil, muitos se tornam em pregadores da verdade e não muitos em mestres, se todos disserem a mesma verdade do único verdadeiro mestre e se não houver divisões entre eles (I Cor. 1, 10). E estes não devem ser dissuadidos disso pela voz do profeta Jeremias por quem Deus acusa os que «roubam as suas palavras, tomando-as cada um do seu vizinho» (Jer 23, 30). Na verdade, os que roubam, tiram o alheio, mas a palavra de Deus não é um bem alheio àqueles que lhe obedecem, diz antes coisas que não lhe pertencem, aquele que, embora as diga bem, vive mal. Pois, todas as coisas boas que diz parecem ser pensadas pelo seu talento, mas são alheias aos seus costumes. Por conseguinte, Deus disse que roubam as suas palavras os que querem parecer bons, dizendo o que é de Deus, quando são maus, fazendo o que é seu. E, de facto, se estiveres cuidadosamente atento, não são eles que dizem as coisas boas que dizem. Pois, como afirmam pelas palavras o que negam pelas obras? Com efeito, não é em vão que diz o Apóstolo sobre tais oradores: «Eles confessam que conhecem a Deus, mas O negam com as obras» (Tit 1, 16). Portanto, de um modo eles próprios dizem, e de outro modo, em seguida, eles próprios desdizem, porque num e noutro caso, o que diz a Verdade é verdadeiro.

De talibus enim loquens, «*Quae dicunt*», inquit, «*facite; quae autem faciunt, facere nolite*»; hoc est, Quod ex ore illorum auditis, facite; quod in opere videtis, facere nolite: «dicunt enim», inquit, «et non faciunt» (*Matth XXIII, 3*). Ergo quamvis non faciant, dicunt tamen. Sed alio loco tales arguens: «Hypocritae», inquit, «quomodo potestis bona loqui, cum sitis mali?» (*Id. XII, 34*) Ac per hoc, et ea quae dicunt, quando bona dicunt, non ipsi dicunt, voluntate scilicet atque opere negando quod dicunt. Unde contingit ut homo disertus et malus sermonem quo veritas praedicetur dicendum ab alio non diserto sed bono ipse componat. Quod cum fit, ipse a seipso tradit alienum, ille ab alieno accipit suum. Cum vero boni fideles bonis fidelibus hanc operam commodant, utrique sua dicunt: quia et Deus ipsorum est cuius sunt illa quae dicunt, et ea sua faciunt, quae non ipsi componere potuerunt, qui secundum illa composite vivunt.

Regula decima. XXX. 63. Sive autem apud populum vel apud quoslibet iamiamque dicturus, sive quod apud populum dicendum vel ab eis qui voluerint aut potuerint legendum est dictaturus; oret ut Deus sermonem bonum det in os eius. Si enim regina oravit Esther, pro suae gentis temporaria salute locutura apud regem, ut in os eius Deus congruum sermonem daret (*Esther XIV, 13*); quanto magis orare debet, ut tale munus accipiat, qui pro aeterna hominum salute in verbo et doctrina laborat? Illi vero qui ea dicturi sunt quae ab aliis acceperunt, et antequam accipiant, orent pro eis a quibus accipiunt, ut eis detur quod per eos accipere volunt; et cum acceperint, orent ut bene et ipsi proferant, et illi ad quos proferunt sumant, et de prospero exitu dictionis eidem gratias agant, a quo id se accepisse non dubitant: ut qui gloriatur, in illo gloriatur, in cuius manu sunt et nos et sermones nostri (*Sap VII, 16*).

Conclusio. XXXI. 64. Longior evasit liber hic quam volebam quamque putaveram. Sed legenti vel audienti cui gratus est, longus non est. Cui autem longus est, per partes eum legat qui habere vult cognitum. Quem vero cognitionis eius piget, de longitudine non queratur. Ego tamen Deo nostro gratias ago, quod in his quatuor libris, non qualis ego essem, cui multa desunt, sed qualis esse debeat qui, in doctrina sana, id est, christiana, non solum sibi, sed aliis etiam laborare studet, quantulumcumque potui facultate disserui.

Pois falando sobre tais oradores, diz: «fazei o que eles dizem, mas não façais o que eles fazem», isto é, fazei o que ouvís da sua boca, não façais o que vedes nas suas obras; «de facto – acrescenta Ele –, dizem e não fazem» (Mt 23, 3). Portanto, ainda que não façam, no entanto dizem. Mas acusando-os, diz noutra passagem: «Hipócritas, como podeis dizer coisas boas, quando sois maus?» (Id. 12, 34). E, por isso, as coisas que dizem, quando são boas, não são eles que as dizem, pois negam o que dizem com a vontade e com as obras. Daí acontecer que este homem diserto e mau componha um discurso em que a verdade é pregada, devendo ser dito por um outro homem não diserto, mas bom; quando isto acontece, o primeiro, por si mesmo, transmite o que não é seu, o segundo, do que não é seu, recebe o que é seu. Mas quando os bons fiéis prestam este serviço aos bons fiéis, uns e outros dizem o que é seu, porque Deus também é deles, Deus a quem pertence o que dizem e aqueles que vivem de acordo com isso fazem seu o que eles próprios não foram capazes de compor.

Décima regra. XXX. 63. Contudo, quer no mesmo instante em que há-de falar ao povo ou a quem quer que seja, quer quando tenciona ditar o que deve proferir diante do povo ou devem proferir aqueles que quiserem ou puderem, reze para que Deus coloque na sua boca um bom sermão. Pois, se a rainha Ester, quando foi falar com o rei em favor da salvação temporal do seu povo, rezou para que Deus pusesse um discurso apropriado na sua boca (Ester 14, 13), quanto mais deve rezar para que receba tal graça quem trabalha na palavra e na doutrina para a salvação eterna dos homens? Mas aqueles que hão-de pronunciar os discursos que receberam dos outros e antes de os receberem, rezem por aqueles de quem os recebem, para que lhes seja dado o que, por eles, querem receber. E quando o receberem, rezem para que também eles próprios profiram bem os seus discursos e, para que aqueles a quem os vão proferir, os acolham e dêem graças, pelo feliz êxito do seu discurso, àquele mesmo de quem eles não duvidam terem-no recebido, para que quem se gloria, se glorie n'Ele, em cujas mãos estamos não só nós mas também os nossos discursos (Sab 7, 16).

Conclusão. XXXI. 64. Este livro acabou por ser mais longo do que eu queria e pensara. Contudo, para o leitor ou o ouvinte a quem agrada, não é longo. Aquele, todavia, para quem é longo, que o leia por partes, se o quer conhecer. Mas aquele que se enfada com o conhecimento dele, não se lamente do seu tamanho. Eu, porém, dou graças ao nosso Deus, porque nestes quatro livros, dissertei - com quanto talento pude, por pequeno que seja -, não acerca das minhas qualidades, a quem faltam muitas, mas das qualidades que deve ter quem se esforça por trabalhar na sã doutrina, isto é, na doutrina cristã, não só para si, mas também para os outros.

Índice

Dedicatória	I
Abreviaturas e Siglas.....	II
Nota prévia.....	III
I. Introdução e notas.....	IV
1. A Arte retórica na Antiguidade Clássica.....	VI
1.1 As principais operações do sistema da arte retórica na Antiguidade clássica.....	VII
1.1.1 A <i>inventio</i>	XI
1.1.2 A <i>dispositio</i>	XII
1.1.3 A <i>elocutio</i>	XIV
1.1.4 A <i>memoria</i>	XVI
1.1.5 A <i>pronuntiatio</i>	XVII
2. O contexto da decadência da retórica clássica	XVII
3. Da retórica clássica à retórica cristã.....	XX
4. O <i>De Doctrina Christiana</i> . A história do texto	XXI
4.1 Plano da obra.....	XXVII
4.2 Objectivo da obra	XXIX
4.3 Agostinho e os seus predecessores.....	XXX
4.4 Uma nova cultura e os seus fundamentos	XXXI
4.4.1 Os destinatários da nova cultura.....	XXXVI
4.4.2 O encontro da nova cultura com a cultura pagã: oposição ou inserção?.....	XXXVIII
5. O livro IV do <i>De Doctrina Christiana</i>	XXXIX
5.1 Estrutura do livro.....	XXXIX
5.2 O objecto do livro.....	XL
5.2.1 O sujeito da educação da arte retórica.....	XLI
5.2.2 Que linguagem para um orador cristão?.....	XLII
5.2.3 Eloquência ou sapiência?	XLIII
5.2.4 A eloquência bíblica: estudo de caso	XLIV
5.2.5 Alguma proposta prática para o orador cristão	XLV

5.2.6 A tríplice função da arte oratória.....	XLVIII
5.2.7 A tríplice função do orador e os três objectivos da arte retórica	XLIX
5.2.8 As normas da eloquência eclesiástica	LI
5.2.9 A retórica e a eloquência bíblicas e o pregador cristão	LVIII
6. A noção e o dinamismo da arte retórica em Santo Agostinho	LIX
6.1 A noção agostiniana de arte retórica	LX
7. O lugar do <i>De Doctrina Christiana</i> na história e no conjunto da literatura agostiniana....	LXIII
Consideração final.....	LXVI
Bibliografia	LXXI
Texto latino e tradução.....	1-73
Índice.....	74